

em Linguagem Discurso

ISSN 1982-4017

volume 17, número 1, jan./abr. 2017

ISSN 1982-4017 (eletrônica)

em Linguagem (Dis)curso

**Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem
Universidade do Sul de Santa Catarina**



Tubarão – SC

v. 17, n. 1, p. 1-151, jan./abr. 2017

Dados Postais/Mailing Address

Revista Linguagem em (Dis)curso

Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem – Unisul

A/C: Comissão Editorial

Avenida José Acácio Moreira, 787

88.704-900 – Tubarão, Santa Catarina, Brasil

Fone: (55) (48) 3621-3000 - Fax: (55) (48) 3621-3036

E-mail: lemd@unisul.br

Site: <http://linguagem.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/linguagem-em-discurso/index.htm>

Portal de Periódicos: http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso

SciELO: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_serial&pid=1518-7632&nrm=iso&lng=pt

Ficha Catalográfica

Linguagem em (Dis)curso/Universidade do Sul de Santa Catarina. -
v. 1, n. 1 (2000) - Tubarão: Unisul, 2000 -

Quadrimestral

ISSN 1518-7632; 1982-4017

1. Linguagem - Periódicos. I. Universidade do Sul de
Santa Catarina.

CDD 405

Elaborada pela Biblioteca Universitária da Unisul

Indexação/Indexation

Os textos publicados na revista são indexados em: SciElo Brasil; EBSCO Publishing; LLBA - Linguistics & Language Behavior Abstracts (Cambridge Scientific Abstracts); MLA International Bibliography (Modern Language Association); Linguistics Abstracts (Blackwell Publishing); Ulrich's Periodicals Directory; Directory of Open Access Journals (DOAJ); Clase (Universidad Nacional Autónoma de México); Latindex; Journalseek (Germanics); Dialnet (Universidad de La Rioja); Social and Human Sciences Online Periodicals (Unesco); GeoDados (Universidade Estadual de Maringá); OASIS (Ibict); Portal de Periódicos (CAPES); Portal para Periódicos de Livre Acesso na Internet (Ministério da Ciência e Tecnologia, Brasil).

The journal and its contents are indexed in: SciElo Brasil; EBSCO Publishing; LLBA - Linguistics & Language Behavior Abstracts (Cambridge Scientific Abstracts); MLA International Bibliography (Modern Language Association); Linguistics Abstracts (Blackwell Publishing); Ulrich's Periodicals Directory; Directory of Open Access Journals (DOAJ); Clase (Universidad Nacional Autónoma de México); Latindex; Journalseek (Germanics); Dialnet (Universidad de La Rioja); Social and Human Sciences Online Periodicals (Unesco); GeoDados (Universidade Estadual de Maringá); OASIS (Ibict); Portal de Periódicos (CAPES, Brazil); and Portal para Periódicos de Livre Acesso na Internet (Ministry of Science and Technology, Brazil).



Reitor

Mauri Luiz Heerdt

Vice-Reitor

Lester Marcantonio Camargo

Chefe de Gabinete

Ademar Schmitz

Secretária Geral da Unisul

Mirian Maria de Medeiros

Pró-Reitor de Ensino, Pesquisa, Pós-graduação, Extensão e Inovação

Hércules Nunes de Araújo

Pró-Reitor de Administração e Operações

Heitor Wensing Júnior

Assessor de Marketing, Comunicação e Relacionamento

Fabiano Ceretta

Assessor Jurídico

Lester Marcantonio Camargo

Diretor do Campus Universitário de Tubarão

Rafael Ávila Faraco

Diretor do Campus Universitário da Grande Florianópolis

Zacaria Alexandre Nassar

Diretor do Campus Universitário Unisul Virtual

Ana Paula Reusing Pacheco

Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem

Fábio José Rauen (Coordenador)

Nádia Régia Maffi Neckel (Coordenadora Adjunta)

Av. José Acácio Moreira, 787

88704-900 – Tubarão - SC

Fone: (55) (48) 3621-3000 – Fax: (55) (48) 3621-3036

Sítio: www.unisul.br

Editores/Editors

Fábio José Rauhen (Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, Brasil)
 Maria Marta Furlanetto (Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, Brasil)
 Silvânia Siebert – Editora Associada (Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, Brasil)

Secretária Executiva/Executive Secretary

Patrícia de Souza de Amorim Silveira (Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, Brasil)

Comitê Editorial/Editorial Committee

Adair Bonini (Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil)
 Andréia da Silva Daltoé (Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, Brasil)
 Carmen Rosa Caldas-Coulthard (University of Birmingham, Birmingham, Inglaterra)
 Débora de Carvalho Figueiredo (Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil)
 Freda Indursky (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil)
 Maurício Eugênio Maliska (Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, Brasil)
 Sandro Braga (Universidade Federal de Santa Catarina, Tubarão, Brasil)
 Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva (Univ. Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil)

Conselho Consultivo/Advisory Board

Alba Maria Perfeito (Universidade Estadual de Londrina, Londrina, Brasil)
 Aleksandra Piasecka-Till (Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Brasil)
 Alessandra Baldo (Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, Brasil)
 Ana Cristina Ostermann (Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, Brasil)
 Ana Cristina Pelosi (Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Brasil)
 Ana Elisa Ribeiro (Centro Federal de Educação Tecnológica, Belo Horizonte, Brasil)
 Ana Zandwais (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil)
 Anna Christina Bentes da Silva (Universidade Estadual de Campinas, Campinas, Brasil)
 Anna Flora Brunelli (Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, Brasil)
 Angela Paiva Dionísio (Universidade Federal do Pernambuco, Recife, Brasil)
 Antônio Carlos Soares Martins (Instituto Fed. do Norte de Minas Gerais, Montes Claros, Brasil)
 Aparecida Feola Sella (Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, Brasil)
 Belmira Rita da Costa Magalhães (Universidade Federal de Alagoas, Maceió, Brasil)
 Bethania Sampaio Corrêa Mariani (Universidade Federal Fluminense, Niterói, Brasil)
 Cleide Inês Wittke (Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, Brasil)
 Conceição Aparecida Kindermann (Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, Brasil)
 Cristina Teixeira Vieira de Melo (Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Brasil)
 Dânie Marcelo de Jesus (Universidade Federal do Mato Grosso, Rondonópolis, Brasil)
 Danielle Barbosa Lins de Almeida (Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Brasil)
 Désirée Motta-Roth (Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, Brasil)
 Elisa Guimarães Pinto (Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, Brasil)
 Enio Clark de Oliveira (Texas Christian University – TCU, Fort Worth, Texas, United States)
 Eric Duarte Ferreira (Universidade Federal Fronteira Sul, Chapecó, Brasil)
 Eulália Vera Lúcia Fraga Leurquin (Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Brasil)
 Fernanda Mussalim (Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, Brasil)
 Gisele de Carvalho (Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil)
 Heloísa Pedroso de Moraes Feltes (Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, Brasil)
 Heronides Maurílio de Melo Moura (Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil)
 João Carlos Cattelan (Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, Brasil)
 José Luiz Vila Real Gonçalves (Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, Brasil)
 Júlio César Araújo (Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Brasil)
 Leila Barbara (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, Brasil)

Lilian Cristine Hübner (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, p. Alegre, Brasil)
Luiz Paulo da Moita Lopes (Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil)
Manoel Luiz Gonçalves Corrêa (Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil)
Marci Fileti Martins (Universidade Federal de Rondônia, Guajará-Mirim, Brasil)
Maria Antônia Coutinho (Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, Portugal)
Maria Cecília de Miranda Nogueira Coelho (Univ. Federal de Minas Gerais, B. Horizonte, Brasil)
Maria da Conceição Fonseca-Silva (Univ. Est. do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Brasil)
Maria de Fátima Silva Amarante (Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, Brasil)
Maria Elias Soares (Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Brasil)
Maria Ester Moritz (Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil)
Maria Inês Ghilardi Lucena (Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, Brasil)
Maria Izabel Santos Magalhães (Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Brasil)
Maria Otilia Ninin (Universidade Paulista, Santana de Parnaíba, Brasil)
Mariléia Silva dos Reis (Universidade Federal de Sergipe, Itabaiana, Brasil)
Marly de Bari Matos (Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil)
Maurício Eugênio Maliska (Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, Brasil)
Mônica Magalhães Cavalcante (Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Brasil)
Mônica Santos de Souza Melo (Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, Brasil)
Nicolás Bermúdez (Universidad de Buenos Aires/Universidad Nacional del Arte, Buenos Aires, Argentina)
Nívea Rohling (Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, Brasil)
Nukácia Meyre Silva Araújo (Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, Brasil)
Onici Claro Flôres (Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, Brasil)
Orlando Vian Jr. (Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, Brasil)
Patrícia da Silva Meneghel (Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, Brasil)
Pedro de Moraes Garcez (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil)
Pedro de Souza (Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil)
Renilson Menegassi (Universidade Estadual de Maringá, Maringá, Brasil)
Ricardo Moutinho (Universidade de Macau, Macau, China)
Roberto Leiser Baronas (Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, Brasil)
Rossana de Felipe Böhlke (Fundação Universidade do Rio Grande, Rio Grande, Brasil)
Sandro Braga (Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil)
Sebastião Lourenço dos Santos (Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, Brasil)
Sílvia Ines C. C. de Vasconcelos (Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil)
Simone Padilha (Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, Brasil)
Solange Leda Gallo (Universidade do Sul de Santa Catarina, Palhoça, Brasil)
Sônia Maria de Oliveira Pimenta (Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil)
Susana Borneo Funck (Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil)
Telma Nunes Gimenez (Universidade Estadual de Londrina, Londrina, Brasil)
Vanessa Wendhausen Lima (Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, Brasil)
Vera Lúcia Lopes Cristovão (Universidade Estadual de Londrina, Londrina, Brasil)
Wilson José Leffa (Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, Brasil)
Wander Emediato (Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil)

Equipe Técnica/Technical Team

Tradução e revisão/Translation and Revision

Editores (português); Elita de Medeiros (inglês e espanhol)

Bolsista/Trainee

Rosane Lemos Barreto

Diagramação/Layout

Fábio José Rauen

SUMÁRIO/CONTENTS

Apresentação/Presentation	9
Artigos de Pesquisa/Research Articles	
A homofobia em discurso: <i>direitos humanos</i> em circulação <i>Homophobia in discourse: human rights in circulation</i> <i>La homofobia en discurso: derechos humanos en circulación</i>	
Gustavo Grandini Bastos Dantielli Assumpção Garcia Lucília Maria Abrahão e Sousa	11
“Veio o resultado do exame”: a comunicação de notícias diagnósticas (e como investigações linguístico-interacionais podem informar as práticas profissionais) <i>“The result of the exam came”</i> : diagnostic news delivery <i>(and how linguistic-interactional investigations can inform professional practices)</i> <i>“Llegó el resultado de la revisión médica”</i> : la comunicación de noticias diagnósticas <i>(y como las investigaciones lingüístico-interacionales pueden informar las prácticas profesionales)</i>	
Ana Cristina Ostermann Minéia Frezza	25
Títulos em notícias de divulgação científica: estratégias discursivas e funcionalidades na interface do Facebook <i>Titles in scientific disclosure news:</i> <i>discursive strategies and functionalities in Facebook interface</i> <i>Títulos en noticias de divulgación científica:</i> <i>estrategias discursivas y funcionalidades en la interface del Facebook</i>	
Lafayette Batista Melo	51
Discurso, culto ao corpo e identidade: representações do corpo feminino em revistas brasileiras <i>Discourse, body cult and identity:</i> <i>Representations of the female body in Brazilian magazines</i> <i>Discurso, culto al cuerpo e identidad:</i> <i>Representaciones del cuerpo femenino en revistas brasileñas</i>	
Débora de Carvalho Figueiredo Fábio Santiago Nascimento Maria Eduarda Rodrigues	67

- Emoção e telenovela: um estudo das estratégias de patemização em *O Astro*
Emotion and soap opera: a study of pathemization strategies in O Astro
Emoción y telenovela: un estudio de las estrategias de patemización en O Astro
 Leonardo Coelho Corrêa-Rosado
 Mônica Santos de Souza Melo 89
- A constituição do professor de Inglês pré-serviço em um Curso de Letras EaD:
 representações sobre formação, ensino-aprendizagem e tecnologia
*Pre-service English teacher constitution in a language distance course:
 representations of education, teaching-learning and technology*
*La constitución del profesor de Inglés pre-servicio en un Curso de Letras EaD:
 representaciones sobre formación, enseñanza y aprendizaje y tecnología*
 Cristiane Carvalho de Paula Brito
 Maria de Fátima Fonseca Guilherme 117
- Ensaio/Essay**
- A (in)distinção entre dialogismo e intertextualidade
The (in)distinction between dialogism and intertextuality
La (in)distinción entre dialogismo e intertextualidad
 Lucas Vinício de Carvalho Maciel 137

DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-4017-1701AP-0000>

APRESENTAÇÃO/PRESENTATION

FIGURAÇÕES

Os pesquisadores do campo das linguagens têm dedicado tempo considerável a refletir sobre temas da linguagem a partir de práticas rotineiras ou seletivas e suas características culturais, como os que se apresentam nesta edição: direitos humanos e homofobia, interação humana em ambiente relativo a questões de saúde, divulgação científica em meio informatizado, questões sempre atuais que remetem ao culto ao corpo tendo o feminino como tópico, a forma de promover a emoção em gêneros e meios diversos, o professor de língua estrangeira e suas representações profissionais. Some-se a esse conjunto um material teórico como contraparte na rotina da humanidade: a discussão conceitual de dialogismo e intertextualidade em sua aproximação ou distanciamento.

Escolhemos olhar esses desenvolvimentos utilizando uma tela especial, que, em seu trabalho sociológico-histórico, Norbert Elias ([1983]2001)* chamou de *figurações*, figurações específicas estabelecidas por interdependência de pessoas (modos de convivência, valores, crenças, normas culturais), pelas quais, no quadro de sua pesquisa sobre a sociedade de corte do *Ancien Régime*, ele explica como se desenvolveu e se manteve a corte real na França, tendo como ápice o reinado de Luís XIV.

Nenhuma sociedade é um fenômeno existente fora dos indivíduos e das relações que mantêm, em pequenos ou grandes grupos, entre si e nos intercâmbios com os outros, estabelecendo um modo *político* de vida com sua vertente ideológica e imaginária, em que há parcial convergência tanto quanto divergência e confrontos, formas de uso do espaço (físico, virtual, psicológico) congregadas ao tempo (cronológico, linguístico, psicológico). Em suma, estamos falando de diferenças de modos conviviais nos mundos espaçotemporais possíveis (que podem ser utópicos), nesse processo de entrelaçamento complexo que é a interação humana.

As designações que utilizamos para falar desse relacionamento estão aí para testemunhar figurações: racismo, humor, violência, poder, cognição, direitos humanos, homofobia, ressentimento, devoção, sensibilidade, solidariedade – formas que podem se aproximar ou se afastar dos polos que mais ou menos reconhecemos e aceitamos. O modo de vida mais ou menos benévolo ou mais ou menos malévolos depende das figurações criadas, estabelecidas ou desmanchadas no grande tempo. Inclinações, sentimentos e comportamentos testemunham as formas de vida e os laços (sempre um pouco frágeis) estabelecidos ou desmanchados. A memória do humano se funda e continua a ressoar em certas repetições consagradas pelo senso comum (que não é comum universalmente, mas existe num fundo de memória, pronto a aflorar com os acontecimentos).

Nessa vaga humana das repetições que vão se consagrando, a partir de uma faísca geradora que “pega”, consagramos aquelas unidades que Dawkins ([1976]2007)**

* ELIAS, Norbert. *A sociedade de corte*. Investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte. Trad. Pedro Süsskind. Pref. Roger Chartier, trad. André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, [1983] 2001.

** DAWKINS, Richard. *O gene egoísta*. Trad. Rejane Rubino. São Paulo: Cia das Letras, [1976] 2007.

designou como *memes*, replicadores culturais correlatos dos genes, hoje pululando nas redes sociais. Em jogo: a memória, a identidade flutuante, a subjetividade nesses encontros e desencontros humanos – encontros que testemunham a construção e desenvolvimento da vida com seu corpo simbólico, no embate entre as coerções e as pretensas liberdades. Unidades e temas aparecem todos nesse campo semeado e adubado: palavras, expressões, ideias, tendências, slogans, teorias, provérbios. Solo ideológico, escorregadio, no qual o deslizamento é fatal.

Detectamos aqui variedades de interação, com suas possíveis figurações.

a) Direitos humanos e homofobia – No longo processo de se estabelecer direitos humanos, alguma coisa perdura: o preconceito, neste caso a homofobia, que tem uma memória estabelecida e um princípio de verdade em funcionamento: eu estou certo, você está errado (segue contra a natureza). Um na ofensiva, outro na defensiva. Estabele-se o confronto.

b) A interação humana no tratamento de questões de saúde, envolvendo notícias diagnósticas – É interação delicada e sujeita a sustos, que pede atitude “pedagógica”, preparação no trabalho interacional e tato, especialmente se as notícias não são favoráveis.

c) Divulgação científica – Tem mais de uma face, e mais de um ângulo de visão e de leitura. Muitos fazem divulgação (produzindo ou repetindo). Na Web, em redes sociais, todos produzem. E deslocam as notícias já a partir do título; títulos podem virar notícia. Parece importante poder circular, chegar a alguém.

d) Culto ao corpo – As representações do corpo feminino envolvem toda a sociedade, as relações memoriais e a tentativa de estabelecer, em certas figurações, novos modelos a partir da cultura de consumo, comandada por distanciamento e apelo que não presume uma interação direta, e por isso mesmo mais insidiosa em seu discurso de construção identitária.

e) Promoção da emoção – Tem-se aqui uma interação distanciada, em gênero filmico de TV, portanto os produtores usam de estratégias especiais para a conquista do telespectador desconhecido, que vai assistir aos embates passo a passo. O suspense é essencial. É uma conquista.

f) Professor e suas representações – É “um” que reflete mas ocupa diferentes posições (divide-se) ao lidar com a memória (sua história), em que se multiplicam as vozes de seu mundo vivido. A tecnologia multiplica sua clivagem e o leva a movimentos de resistência. A meta é uma nova constituição subjetiva, menos flutuante.

g) Reflexão teórica: dialogismo e intertextualidade – Ensaia-se a interação, em seu teor teórico, como uma forma de compreensão das filigranas das noções que ocorrem nas várias perspectivas. É preciso saber de onde vêm as vozes, e as relações dialógicas internas são o âmago da própria dialogicidade – do discurso.

Esperamos que nossa interação tenha se processado convenientemente, conduzindo à leitura dos textos publicados nesta edição.

Os Editores

DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-4017-170101-0416>

A HOMOFOBIA EM DISCURSO: DIREITOS HUMANOS EM CIRCULAÇÃO

Gustavo Grandini Bastos*

Universidade de São Paulo

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto

Ribeirão Preto, SP, Brasil

Dantielli Assumpção Garcia**

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Cascavel, PR, Brasil

Lucília Maria Abrahão e Sousa***

Universidade de São Paulo

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto

Ribeirão Preto, SP, Brasil

***Resumo:** A ancorado no aporte teórico da Análise do Discurso de linha francesa, este artigo tem por objetivo refletir acerca da constituição de sentidos sobre o tema homofobia na página do Facebook da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH/PR) Direitos Humanos Brasil de janeiro de 2013 a janeiro de 2015, destacando as noções de ideologia e memória discursiva no trabalho de análise. A análise enfoca a compreensão sobre os efeitos produzidos na inscrição de dizeres acerca da homofobia divulgados nessa página eletrônica oficial do governo, e como o Estado adota determinada posição ao inscrever sentidos acerca de um assunto.*

***Palavras-Chave:** Análise do Discurso. Facebook. Direitos Humanos. Homofobia.*

* Doutorando em Psicologia no Programa de Pós-graduação em Psicologia. Bolsista CAPES. E-mail: gugggrandini@gmail.com.

** Pós-Doutoranda na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Bolsista CAPES. Pós-Doutora pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP) da Universidade de São Paulo (USP). Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). E-mail: dantielligarcia@gmail.com.

*** Livre-Docente em Ciências da Informação e da Documentação. Profa. do Curso de Graduação em Ciências da Informação e da Documentação e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP/USP). Professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). E-mail: luciliamsr@ffclrp.usp.br.

1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho, filiados à perspectiva teórico-metodológica da Análise do Discurso de linha francesa (doravante AD), atrelada aos pressupostos estabelecidos por Michel Pêcheux, buscamos analisar alguns *posts* referentes a discursos que abordam a homofobia¹ na página oficial da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH/PR) “Direitos Humanos Brasil”² no *Facebook*³.

Nosso interesse está em observar o modo como postagens referentes ao preconceito contra a população de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBT) são apresentados em uma página oficial do governo federal brasileiro na rede eletrônica, analisando como esses discursos são inscritos, circulam e são difundidos nas condições de produção da atualidade. Na organização do trabalho, apresentamos considerações sobre: a) a Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH/PR); b) a noção de homofobia; c) a página da SDH/PR no *Facebook*, o *corpus* selecionado para nossa análise e a discussão no campo da AD, trabalhando com reflexões acerca das noções de ideologia e memória discursiva (PÊCHEUX, 1997a, 1997b; ORLANDI, 2007), levando em conta os aspectos discursivos no que diz respeito ao tecnológico.

2 A HOMOFOBIA E A SECRETARIA DE DIREITOS HUMANOS DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA (SDH/PR)

Nesta parte de nosso texto, discorreremos sobre a Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH/PR) e sua relação com os direitos humanos da população LGBT. Foi no ano de 2003 que a SDH/PR adquiriu a condição de um Ministério Federal, pertencendo anteriormente ao Ministério da Justiça desde sua criação no ano de 1977. Os interesses da SDH/PR envolvem o trabalho com políticas relacionadas à defesa e à promoção dos Direitos Humanos no Brasil (BRASIL, 2015).

A noção de Direitos Humanos é compreendida como os direitos pelos quais todos estão resguardados desde o nascimento, cabendo ao Estado assegurar o respeito e a segurança, por meio de acordos, convenções, leis e tratados nacionais e internacionais. Inúmeros documentos existem para assegurar a defesa e a realização das práticas de proteção a tais direitos, como por exemplo, a Declaração Universal dos Direitos Humanos e a Constituição Federal do Brasil de 1988, na qual são destacados os princípios constitucionais visando assegurar a proteção do Estado aos Direitos Humanos de todos os brasileiros (BRASIL, 2015).

¹ Destacamos que a noção de homofobia é a mais recorrente para tratar do preconceito frente aos diferentes grupos de sujeitos identificados como atingidos pelo ódio contra a comunidade LGBT; no entanto, conforme alerta Mello, Brito e Maroja (2012), é importante ressaltar que tem sido usual a busca pelo uso de nomeações específicas para destacar a intolerância e o ódio frente a grupos específicos, como as denominações “transfobia”, “bifobia” e “lesbofobia”. Pudemos observar essas inscrições em um dos materiais que compõe nosso *corpus* (Figura 3). Destacamos que optamos pelo uso da noção de homofobia para abordar a aversão aos sujeitos que estão inscritos como relacionados à comunidade LGBT, não apenas a um grupo de sujeitos, no caso, os *gays*.

² Disponível em: <<https://www.facebook.com/direitoshumanosbrasil?fref=ts>>. Acesso em: 28 ago. 2015.

³ É uma rede social fundada em 2004 e fundada por Mark Zuckerberg, Eduardo Saverin, Dustin Moskovitz e Chris Hughes.

Os Direitos Humanos são *universais*, assegurando o tratamento equivalente a todas as pessoas; *indivisíveis*, já que os direitos são reafirmados de maneira conjunta e contínua, mesmo que tenham sido elaborados em momentos distintos; *interdependentes*, já que a efetivação deve ser completa para que haja o respeito à dignidade humana de todos (BRASIL, 2015). Entre as ações que competem à SDH/PR⁴, segundo o Decreto n. 8.162/2013 (BRASIL, 2013), apontamos (grifos nossos):

[...] formulação de políticas e diretrizes voltadas à promoção dos direitos da cidadania, da criança, do adolescente, do idoso e das **minorias**.

Articular iniciativas e apoiar projetos voltados para a **proteção e promoção dos direitos humanos** em âmbito nacional.

Exercer as funções de ouvidoria nacional de direitos humanos, da criança, do adolescente, da pessoa idosa e das **minorias**.

A defesa da população LGBT ganha destaque na SDH/PR, sendo uma das áreas de atuação desse órgão público federal, o qual visa a proteger e promover políticas públicas destinadas a essa comunidade. A noção de “minorias”, na qual os LGBT estão inscritos, destaca a importância desse assunto nas pautas da SDH/PR. Entendemos que ser parte de “minorias”, como no caso da população LGBT, significa estar inscrito em relações de pertencimento e exclusão. Ser parte dessa “minorias” coloca em jogo a negativa de não ser maioria, de não ser heterossexual, produzindo sentidos em outras posições discursivas e estabelecendo outras relações com as instituições governamentais dentro da estrutura política brasileira. Compreendemos que, como efeitos de sentidos, temos a questão da necessidade de uma postura de proteção a esses sujeitos, resultando em ações por parte do Governo Federal no sentido de resguardar e promover diretrizes que permitam a diminuição do preconceito e assegurem a preservação dos direitos básicos desses sujeitos. Ao inscrever sentidos outros acerca da população LGBT, o Governo Federal produz efeitos na relação dessa população com direitos básicos, na sua relação com o Estado e na forma como quem não é LGBT identifica esses sujeitos, já que diretrizes e regulações variadas acarretam diferenças nas formas como os sujeitos se relacionam com essa população.

Agir no sentido de promover a igualdade e de atuar na “proteção e promoção dos direitos humanos” e “exercer as funções de ouvidoria nacional de direitos humanos” permite-nos pensar o gesto de inscrição do Governo Federal de entender que as relações entre heterossexuais e a população LGBT não são equivalentes, por isso, é importante atuar de várias maneiras (ações informativas, discussões, promoção de políticas públicas, etc.) que possibilitem, de alguma maneira, inscrever sentidos outros sobre e referentes aos sujeitos dessa população, permitindo que haja outra ressignificação desses sujeitos postos como “minorias”. A busca por promover essas ações destaca a importância das instâncias governamentais no sentido de impedir a violência contra esse grupo, assumindo seu papel na garantia de assegurar direitos e proteção.

⁴ Disponível em: <<http://www.sdh.gov.br/sobre/acesso-a-informacao/institucional>>. Acesso em: 10 ago. 2015.

A iniciativa de adotar uma postura de proteção aos LGBT por parte do Governo Federal brasileiro não é aleatória, visto que, como mostram os dados publicados em 2012 pelo Grupo Gay da Bahia (GGB) (BARROS NETO, 2013), foram assassinados 336 homossexuais, sendo que o GGB entende que a quase totalidade desses crimes têm motivação homofóbica, tendo como principal vítima os *gays* (56%). Destacamos que a homossexualidade é punida em 78 países, alguns, inclusive com a pena de morte, como apresentado no relatório publicado pela Associação Internacional de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans e Intersexos (ILGA) em 2012. Ainda há na atualidade, tanto no Brasil como em outras partes do mundo, discursos que perpetuam o entendimento de que a homossexualidade afronta regras morais e sociais.

Historicamente, o preconceito tem sido observado no Brasil, inclusive na forma com que os *gays* e a comunidade LGBT, de modo amplo, foram descritos e apresentados, visando reprovar seu comportamento, práticas e formas de ser, sendo identificada como “abominação; crime contra a natureza; pecado nefando; vício dos bugres; abominável pecado de sodomia; velhacaria; descaração; desvio; doença; viadagem; frescura” (MOTT, 2001, p. 41). Soares (2006, 2012) compreende que a identificação de um sujeito como *gay* leva ao apagamento de sentidos que não os relacionados à sua sexualidade, inscrevendo-o e significando-o unicamente a partir dessa sexualidade. Como exemplo, podemos destacar a forma preconceituosa com que os sujeitos-*gays* foram, de maneira recorrente, representados em programas de televisão do Brasil e a maneira negativa com que o espaço criminal, familiar e político encara(va) esses sujeitos, marcando a homofobia como prática que os afeta(va) ao longo da história.

A homofobia pode ser observada nas piadas, agressões físicas e verbais sofridas nas diferentes situações do dia a dia e na rejeição pela própria família. A atitude homofóbica coloca o outro como estranho, o que não cabe identificação ou proximidade, pois é identificado como anormal. A palavra ‘homofobia’ começou a circular em dicionários franceses na década de 1990, mas parece que sua origem é bem anterior, aparecendo nos EUA da década de 1970. Borrillo (2010, p. 22) define a homofobia da seguinte maneira:

O termo ‘homofobia’ designa, assim, dois aspectos diferentes da mesma realidade: a dimensão pessoal, de natureza afetiva, que se manifesta pela rejeição dos homossexuais; e a dimensão cultural, de natureza cognitiva, em que o objeto da rejeição não é o homossexual enquanto indivíduo, mas a homossexualidade como fenômeno psicológico e social. Essa distinção permite compreender melhor uma situação bastante disseminada nas sociedades modernas que consiste em tolerar e, até mesmo, em simpatizar com os membros do grupo estigmatizado, no entanto, considera inaceitável qualquer política de igualdade a seu respeito.

Pensando essas questões e compreendendo que o ciberespaço tem sido lugar privilegiado para a inscrição polissêmica de dizeres e a inscrição de inúmeros dizeres e sentidos, nosso trabalho pretende propor reflexões acerca do modo como as tecnologias afetam as relações com o discursivo. O ciberespaço tem produzido interferências e modificações nas formas de relação entre os sujeitos e na própria organização de nossa sociedade, nos mais variados aspectos, áreas e costumes (CASTELLS, 2003; DIAS, 2011; DIAS; COELHO, 2014; GARCIA; SOUSA, 2014; WERTHEIM, 2001). Consideramos que o ciberespaço interfere no processo de relação e produção dos discursos e sentidos, sendo que trabalhos na AD também têm contribuído para pensar tais pontos (DIAS, 2011; GARCIA; SOUSA, 2014).

Como mostram Garcia e Sousa (2014, p. 87):

A rede produz, desse modo, novas formas de individuação dos sujeitos, abre para a multiplicidade dos sentidos, sustenta desavenças, conflitos. A rede é um espaço heterogêneo, sustentado por relações de poder, que permite ao sujeito do século XXI ler temas que o afetam, dizer fatos que o incomodam, viver a possibilidade de uma sociedade menos sexista, violenta. O ciberespaço permite a militância, permite a discussão de temas que afetam o funcionamento do espaço urbano. Na rede, confrontos surgem na tentativa de fundar outros discursos à sociedade, outras formas de socialização em que não só o sujeito homem-heterossexual tenha voz, mas em que todos os sujeitos mulher, homossexual, bissexual, transexual possam dizer e não serem ditos por uma sociedade baseada em uma violência patriarcal de gênero que também circula na rede.

Nessa direção, o *Facebook* tem sido um espaço interessante de observação da inscrição de discursos, permitindo analisarmos como na contemporaneidade temos um espaço de discussão da homofobia inscrito por uma entidade do Governo Federal. Nessa página *on-line*, o dizer oficial é comentado, discutido, questionado, desmentido, replicado, marcando a possibilidade de outras inscrições que sejam iguais ou diferentes daquelas da página governamental, já que as filiações ideológicas que constituem o(s) dizer(es) de um governo sempre são passíveis de serem outras, visto que as relações com a memória e os sentidos também podem vir a serem outras. Selecionamos como *corpus* três postagens da página da SDH/PR que abordam a homofobia. Esses materiais foram publicados entre janeiro de 2013 e janeiro de 2015.

Ao ser objeto de discussão, a homofobia ganha destaque como fato, como algo que ocorre no cotidiano de muitos brasileiros e que o governo identifica como uma violência que deve ser combatida. Temos o jogo com sentidos sócio-historicamente inscritos, nos quais ser *gay* era algo identificado como um problema ou algo errado (crime, pecado, doença), temos a desestabilização desses sentidos e a filiação à produção de um dizer que coloca o problema não no fato de o sujeito ser identificado ou identificar-se como *gay*, mas na existência do preconceito e na violência no cotidiano. O problema está em ser homofóbico e praticar atos de homofobia; o estranhamento na inscrição do dizer do Estado está em sujeitos que se inscrevem nessa região de sentidos.

Trabalhar com o conceito de memória no campo da AD é refletir acerca de uma noção distante de uma compreensão psicologista. Nessa perspectiva, a memória não é uma estrutura plena e homogênea, passível de ser acessada e acumulada, em que determinados acontecimentos são inscritos e outros tantos não. A memória é marcada por rupturas, deslocamentos, regularizações e inversões; nesse sentido, sua constituição é polêmica. No trabalho de relação com os textos, o sujeito lida com implícitos, a memória está relacionada ao processo de repetição e regularidade, atrelado ao que é compreendido como evidente; desse modo, o sujeito lida com esse processo, relacionando-se com o que é compreendido como já-dado, impossível de não ser entendido (PÊCHEUX, 2010). É sempre possível ocorrer o rompimento, o deslizamento do que (a)parece sedimentado, o que produz a possibilidade de termos (sempre) o acontecimento discursivo, desregulando o que era posto como evidente. Na relação com a memória, o rompimento é sempre passível de ocorrência, gerando a tensão ao termos o acontecimento, rompendo com o que é posto como evidente, o que ajuda a compreendermos a não transparência do discurso.

Observamos a tecnologia produzindo em seu processo de manuseio efeitos de potência, o imaginário de que tudo é passível de ser acessado, encontrado, escrito, inscrito, organizado e utilizado; como se não houvesse limites para o sujeito ao ser posto em contato (e complementado) pela máquina, já que, na esteira da produção desse efeito de superpotência, temos em jogo a compreensão da existência da superproteção. A naturalização desses efeitos implica modos de o sujeito estabelecer relações com os outros sujeitos e o próprio processo de forjar sua subjetividade. Destacamos que trabalhos anteriores da AD refletiram acerca da relação entre sujeito e ciberespaço (DIAS, 2011; DIAS; COELHO, 2014; GARCIA; SOUSA, 2014; ORLANDI, 2012). Importante pensar que o processo de produção do discurso no espaço do digital, ao compreendermos a inscrição de um dizer do governo sobre determinada questão, coloca em jogo outros gestos de dizer e de leitura. Identificamos que a mudança nas condições de produção resulta em outra produção de sentidos, de significados, de relações dos sujeitos com a exterioridade. Ao pensarmos o *corpus* trabalhado em nosso texto, observamos que sua produção é marcada não apenas pelo uso de caracteres referentes a esse universo, como o uso da *hashtag* “#nãoguardenoarmário”, mas também pela escolha de um espaço *on-line* para a inscrição de dizeres que são institucionais. O dizer inscrito e publicado por um órgão oficial não é apenas visto por quem se filia a essa página *on-line*, mas também pode receber o indicativo de que a postagem é de seu agrado, pela opção ‘curtir’, e compartilhado pelos sujeitos-navegadores em suas páginas pessoais.

Atentamos que o gesto de compartilhar algo na página pessoal resulta em marcas de filiação do sujeito e que colocam em outro modo de circulação aquele dizer institucional que passa a circular em novas condições e em contato com outros sujeitos, inscritos em posições discursivas outras. Filiar-se a dizeres difundidos pelo Governo Federal do Brasil, que possuem caráter favorável aos LGBT e contrários à discriminação resulta em gestos de filiação, pertencimento e que marcam relação com a forma com que o sujeito se identifica com sentidos acerca daquele assunto. A circulação e a produção de dizeres no ciberespaço colocam em jogo a relação com a memória, os processos de produção do discurso, escrita e leitura. O que é inscrito no espaço da rede eletrônica, por um órgão oficial, interfere na produção de uma memória, sobre a comunidade LGBT e sua relação com os sujeitos e o governo federal do Brasil. Para que as palavras façam sentido, é importante que tenham sido já-ditas, em outro(s) contexto(s), o que as coloca em jogo de outro modo; essa relação em espiral marca a produção dos discursos e sentidos na perspectiva da AD.

Compreendemos que, ao discutir a noção de memória, pensando no *corpus* de nossa pesquisa, seja relevante retomar as considerações de Pêcheux (1997b) acerca da noção de ideologia. Para Pêcheux (1997b, p. 160), a ideologia não é ocultação da verdade, mas a relação com a produção do sentido, de modo que algo faça ou não sentido para o sujeito, em uma relação que permite a identificação de evidência em determinado enunciado. A ideologia afeta a constituição do sujeito e sua relação com a produção dos sentidos, por isso não compreendemos os sentidos como já dados ou colados às palavras, já que sempre são passíveis de serem outros, não havendo a seguridade do sentido na história, visto que ele sempre pode ser rompido e ser inscrito de outro modo. Salientamos que romper com o estabilizado, questionar o que parece evidente, marca a imprevisibilidade do sentido e sua constituição heterogênea. Partindo dessas considerações, trabalharemos na próxima seção com nosso material de análise.

3 A HOMOFOBIA NA REDE: DIZERES DA SDH/PR

Começamos a pensar nosso *corpus* com o enunciado “não ligue para o que os outros pensam” da Figura 1, publicada em 2014 na página da SDH/PR.

Figura 1 – Página da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República



Fonte: Disponível em: <<https://www.facebook.com/direitoshumanosbrasil/photos/pb.165500080198037.-2207520000.1432157970./638380172910023/?type=3&theater>>. Acesso em: 10 ago. 2015.

Esse discurso marca a busca pela inscrição de sentidos nos quais o interesse é pelo rompimento do que coloca estar vinculado como parte da comunidade LGBT, como algo que não deve ser visto como um problema. Romper com essa compreensão é posto como aquilo que deve ocorrer, colocando a necessidade da inscrição de sentidos outros em jogo. Marcamos novamente que é interessante pensar o funcionamento desse outro gesto de inscrição, pelo qual não se deve dar ouvidos aos que marcam que ser homossexual é um problema, e isso ser dito e escrito pelo governo federal acreditamos produzir efeitos de deslocamento.

A postura do governo federal marca uma posição de defesa da comunidade LGBT. O Estado oferece espaços de denúncia contra o preconceito, inscrevendo-o em uma posição de ilegalidade, já que sua prática pode resultar em denúncias e ações legais por parte da esfera governamental na defesa da comunidade LGBT. Nos recortes “ao se sentir ameaçado(a), ligue pra gente”, “se você sofrer ou presenciar algum tipo de violência ou discriminação, denuncie” e “disque 100” (Figura 1), temos o discurso oficial marcando uma linha voltada para receber denúncias de homofobia, indicando a preocupação do

governo com essa forma de violência, não qualquer tipo de violência, mas uma que é motivada por um ódio específico. A posição do governo marca uma filiação à compreensão do risco que a homofobia produz no cotidiano dos sujeitos e a busca por evitar sua prática por meio de uma série de ações e no oferecimento de condições de participação da sociedade na luta contra o preconceito. Estar inscrito como sujeito que denuncia a violência é identificado como algo correto, visando à construção de uma sociedade mais justa. Nesse discurso, o estranhamento não está em não ser heterossexual, em ser identificado como membro da comunidade LGBT, mas sim em não estranhar, não questionar e não denunciar gestos de “violência ou discriminação” contra esses sujeitos.

Ao pensarmos a publicação desse dizer na página da SDH/PR, temos um posicionamento da Secretaria de Direitos Humanos e a compreensão de que esse assunto está relacionado aos interesses dessa área do governo, interessada no trabalho de promoção do bem-estar humano e na preservação de direitos básicos a todos, garantidos por leis nacionais e tratados internacionais, conforme detalhamos na seção anterior, marcando, assim, a relevância do espaço da diferença e da igualdade de direitos em sociedades democráticas (LIONÇO, 2008). Nos últimos anos, o governo brasileiro vem atuando no sentido de promover ações e políticas públicas de defesa dos direitos da população LGBT, com a busca por assegurar a não violação de seus direitos em variados campos, inclusive com a publicação de documentos oficiais e ações como a realizada na página da SDH/PR. Salientamos que a luta contra a homofobia é ponto fundamental no avanço de conquistas em outras áreas para a comunidade LGBT. De acordo com Lionço (2008), conquistas como a proposição de projetos de lei contrários ao preconceito, obtenção de direitos, como os referentes aos benefícios sociais, a criação de organizações de defesa dos LGBT e o espaço no mercado de consumo capitalista dos sujeitos filiados a esse movimento (inseridos como consumidores), têm contribuído para a produção de outros sentidos acerca dos sujeitos filiados à comunidade LGBT.

O traço do ciberespaço aparece na inscrição dos dizeres na rede eletrônica, no processo de divulgação da posição do governo federal do Brasil acerca da homofobia, como observamos nas Figuras 1 e 3 com o uso da *hashtag* “#” (“#nãoguardoarmário”) em que esse gesto inscreve esse dizer como filiado ao espaço da rede eletrônica. Como apontam Dias e Coelho (2014, p. 235), tecnicamente, a formulação das *hashtags* ocorre pela junção de uma palavra precedida por uma cerquilha (#), que funciona como hiperlink de assuntos dentro da rede, indexados por meio dos mecanismos de busca, como o *Google* por exemplo: “Isso permite que outros usuários cliquem nas *hashtags* ou as busquem nos mecanismos de busca, para ter acesso a todas as mensagens, fotos e publicações que participaram da discussão de um tópico nas redes sociais” (DIAS; COELHO, 2014, p. 235). Discursivamente, as *hashtags* marcam um funcionamento. Nesse caso, a analogia com o armário não é aleatória, mas relacionada a uma memória, um já-lá que sustenta a relação entre essa palavra com o universo LGBT. Estar no armário é não inscrever sua sexualidade no espaço público por receio do preconceito, da não aceitação. Esse enunciado é ressignificado e passa a inscrever que é importante a denúncia, que ela não seja escondida por medo do que os outros vão pensar. Denunciar e lutar contra a homofobia é identificado aqui como algo positivo e que deve ser feito por todos, como parte de um combate que é histórico e que afeta toda a sociedade.

Compreendemos a existência de particularidades no processo de inscrição e produção dos discursos e dos sentidos no ciberespaço. Temos deslocamentos que devem ser considerados no gesto de análise e leitura por parte do analista. Não temos uma mera mudança de suporte, mas de condições de acesso, leitura e produção dos discursos. Os efeitos de ressonância e relação com os discursos e sujeitos que acessam esses materiais são particulares, já que a velocidade e as condições de interação, principalmente no *Facebook*, estão atreladas a considerações de questões como velocidade, acesso, tempo e interatividade.

Figura 2 – Página Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República



Fonte: Disponível em: <<https://www.facebook.com/direitoshumanosbrasil/photos/pb.165500080198037.-2207520000.1432157084./846801855401186/?type=3&theater>>. Acesso em: 10 ago. 2015.

Figura 3 – Página Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República



Fonte: Disponível em: <<https://www.facebook.com/direitoshumanosbrasil/photos/pb.165500080198037.-2207520000.1432157588./669949099753130/?type=3&theater>>. Acesso em: 10 ago. 2015.

O ciberespaço como local de inscrição de discursos de apoio à causa LGBT não está restrito à promoção da luta contra a homofobia (e também a “lesbofobia”, “transfobia” e “bifobia”), mas também como espaço de inscrição de comemoração pela possibilidade de inscrever sentidos de luta, de combate ao preconceito, como marcados nas Figuras 2 e 3.

Na Figura 3, temos a retomada de uma memória, na qual um evento histórico é destacado para marcar esse sentido de comemoração. Esse fato considerado importante para a comunidade LGBT é o “Dia mundial do orgulho LGBT”, comemorado no dia 28 de junho. Não é qualquer acontecimento que é retomado para marcar a luta contra o preconceito, mas a Revolta de Stonewall⁵, evento identificado como fundamental para a comunidade LGBT em sua relação com a sociedade, os poderes estatais, os sentidos de pertencimento e de necessidade de luta política. Gostaríamos de tomar a formulação “não guarde no armário” pelo que ela faz falar da memória sobre a homossexualidade, retomando fios já dados para enlaçá-los de outro modo. De um lado, temos a expressão bastante corriqueira de que “sair do armário” diz respeito ao fato de assumir-se como *gay*, o que implica efeitos de coragem para mostrar algo antes guardado a sete chaves, trancado como segredo. No caso desse enunciado, temos uma volta a mais em torno dessa memória, um retorno não do mesmo, mas do atualizado, tendo em vista que não se trata mais de sair do armário, mas de não guardar a violência dentro dele, ou seja, de denunciar os crimes sofridos pelos *gays*. Nesse movimento do já dito e do dizer atualizado pelas condições históricas, temos o movimento do discurso.

Ao pensarmos a produção desses discursos, observamos que eles não são produzidos de qualquer posição, e sim pelo governo federal brasileiro; isso tem um peso e deve ser considerado, já que a inscrição do discurso a partir de diferentes posições produz sentidos distintos. A construção de um gesto de compreensão sobre algo é afetado por uma série de pontos, como, por exemplo, determinado sujeito é autorizado ou não a inscrever determinado sentido. O dizer institucional tem um peso que deve ser considerado colocando em jogo sentidos vistos como autorizados, e atua silenciando outros tantos, identificando-os como inadequados ou ilegais. Acreditamos na relação dessa análise com o que Pêcheux (1997a, p. 58) destaca ao entender que a alguns é compreendido como natural que produzam interpretações, enquanto a outros é autorizada a reprodução desses gestos de leitura, enfatizando o que é defendido por esses sujeitos autorizados a produzir sentidos.

De acordo com Pêcheux (1997a, p. 60), o fator ideológico está envolvido na atuação das instituições e no seu processo de inscrição discursiva e no que resulta na produção de uma memória coletiva. A inscrição do governo federal no sentido de promover um discurso contra o preconceito coloca em jogo dizeres autorizados, os quais serão copiados, repetidos e anotados no gesto de leitura por parte de outros sujeitos, tendo sua importância na produção de dizeres e documentos institucionais, produzindo dizeres que

⁵ Em 1969, ocorreu a Revolta de Stonewall, evento significativo para a luta contra a opressão e a homofobia. Esse acontecimento ocorreu nos Estados Unidos em decorrência da busca dos homossexuais por respeito e pelo fim da violência contra os grupos LGBT (SEDGWICK, 2007). Stonewall Inn é um bar em Nova York, o lugar e a data da Revolta (28 de junho) tornaram-se simbólicos na luta pelos direitos da população LGBT e para o enfrentamento do preconceito.

serão tidos como referência, como saberes autorizados a circularem. Salientamos que os sujeitos inscritos em uma posição contrária a adotada pelo governo federal podem retomar tais discursos para marcar outras regiões de sentido e produzir interpretações diferentes, inclusive contrárias à postura do governo.

Compreendemos que a resistência está inscrita no jogo de luta dos homossexuais. Nas materialidades analisadas, temos o discurso de defesa de uma sexualidade que é heterogênea, no qual a heterossexualidade não é compreendida como automática pelo Estado. Nosso *corpus* permite identificarmos novas inscrições discursivas por parte do governo federal nas suas observações acerca dos sujeitos inscritos como parte do grupo LGBT. Alterações possíveis pelos deslocamentos com os quais os sentidos passam no decorrer da história e em sua relação com os sujeitos. Salientamos que esse processo de inscrição de outros sentidos sobre a homossexualidade coloca em jogo um espaço de disputa e tensão entre sujeitos, na relação entre aqueles que buscam não romper com sentidos negativos acerca da homossexualidade e do preconceito e dos que buscam inscrever outras possibilidades sobre a homossexualidade, o pertencimento ao movimento LGBT e a luta contra o preconceito. Essa disputa é constitutiva do discurso e da produção de sentidos e envolve o processo de produção das interpretações, conforme destaca Orlandi (2007, p. 40-42).

Pelo funcionamento da memória, observamos a não aleatoriedade envolvida na inscrição de discursos e na retomada de determinados sentidos. Retomar um evento mundial como a Revolta de Stonewall e não outros tantos possíveis, marca a identificação da importância desse acontecimento na história e sua força simbólica dentro das próprias relações de associação ao movimento LGBT e na luta contra a homofobia. Pensando a não aleatoriedade de retomadas de datas e eventos, consideramos a relevância de destacar o enunciado “17 de maio” e “28 de junho” para pensarmos como o já-dito se inscreve no discurso, constituindo enunciados possíveis de serem enunciados pela retomada do histórico e pela possibilidade de mover sentidos, de inscrevê-los em outros contextos e condições. A repetição, em outro contexto, dessas duas datas marca seu efeito, sua ressonância na estrutura da memória discursiva.

Remeter a 17 de maio não é aleatório. É a data na qual é comemorado o dia em que a homossexualidade foi retirada da categoria “doença” da Classificação Internacional de Doenças (CID), algo que permitiu outros espaços de inscrição para esses sujeitos e os discursos sobre ser homossexual. Atentamos a posição da instituição que inscreveu um outro gesto de interpretação sobre a homossexualidade, no caso, a Organização Mundial de Saúde (OMS) em 1990 (GRUPO GAY DA BAHIA, 2015). Destacamos novamente a questão de Pêcheux (1997a, p. 58) referente a quem está autorizado a produzir ou não interpretações, no caso, a adoção da data foi motivada por uma decisão política da OMS que produziu impacto na produção de sentidos pelos e sobre os sujeitos-homossexuais. A Revolta de Stonewall ocorreu na data de 28 de julho e foi tão significativa que é nela que é comemorado anualmente o “Dia Mundial do Orgulho LGBT”. Não temos a aleatoriedade, mas sim, a retomada de um enunciado que é interpretado como em relação a esse universo de significação, a uma memória de um grupo. Identifica-se a data como relevante e seu uso será compreendido por quem fizer parte ou tiver acesso aos acontecimentos considerados importantes ao movimento LGBT (SEDGWICK, 2007). A

inscrição das marcas compreendidas como relevantes ao movimento LGBT procura assegurar a interpretação, a pretensa garantia da relação dos sujeitos-navegadores que acessam a página do *Facebook* aqui analisada com determinados sentidos.

Consideramos que a inscrição da marca “combate” (Figura 2) coloca em jogo a historicidade, os efeitos de embate que permeiam a produção de dizeres acerca dos que se inscrevem dentro das relações da comunidade LGBT, dentro desse espaço de identificação. Combate que ainda está sendo vivenciado, em jogo nas tramas dos discursos, como podemos observar na Figura 2. O combate é comemorado, existe uma data para que seja lembrado, o que inscreve essa data e esse fato como dignos de serem pensados e considerados como relevantes – o que não pode ser esquecido e deve produzir efeitos em dizeres oficiais de nosso país, o que é considerado digno de circular na materialidade *on-line* de uma Secretária de Estado do Brasil. A institucionalização de determinadas datas como dias a serem lembrados, como passíveis de serem comemorados marcam os efeitos do político no histórico e desvelam a não aleatoriedade desse processo. Datas para combater, comemorar e orgulhar-se das diferenças são apresentadas, inscritas no discurso oficial, como observado nas Figuras 2 e 3, retomando a continuidade de uma relação dos sujeitos com a memória e sua construção no cotidiano dos brasileiros.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção de discursos no ciberespaço merece atenção e reflexões no campo da AD, principalmente os que envolvem discursos produzidos pelas mais variadas instâncias governamentais. Nosso interesse de análise objetivou discutir a produção de discursos por parte do governo brasileiro acerca de uma violência praticada contra determinados sujeitos, analisando a produção e circulação de enunciados no *Facebook*, considerando a ideologia e a memória discursiva sustentando esses processos, mas também marcando mudanças na produção de sentidos sobre a questão da homossexualidade e como a discriminação contra esses sujeitos é objeto de interesse e preocupação da SDH/PR nos últimos anos (2013-2015).

No trabalho desenvolvido, procuramos pensar os discursos sobre a homofobia em sua circulação, constituição e difusão, considerando o ciberespaço como local de promoção de debates, entendendo que a discussão de fatos do cotidiano tem sido intensificada nos últimos anos, com o aumento das possibilidades de acesso e uso dessas redes (CASTELLS, 2003). Salientamos que redes sociais, como o *Facebook*, são espaços privilegiados de interação e discursividade dos sujeitos na contemporaneidade.

Acreditamos que o uso desse espaço por parte das estruturas governamentais deve crescer nos próximos anos e permitir mais possibilidades de análises acerca dos efeitos produzidos por tais gestos de inscrição no cotidiano dos sujeitos, a observação dos efeitos de produção de tais discursos no ciberespaço e como estão em relação aspectos *on* e *off-line*, inclusive os que envolvem discussões sobre homofobia e os sujeitos da comunidade LGBT.

REFERÊNCIAS

- BARROS NETO, N. Um homossexual é morto a cada 26h no Brasil, diz grupo gay. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 10 jan. 2013. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/1212866-um-homossexual-e-morto-a-cada-26h-no-brasil-diz-grupo-gay.shtml>>. Acesso em: 15 ago. 2015.
- BORRILLO, D. *Homofobia: história e crítica de um preconceito*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- BRASIL. Decreto n. 8.162, de 18 de dezembro de 2013. Aprova a Estrutura Regimental e o Quadro Demonstrativo dos Cargos em Comissão e das Funções de Confiança da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República e remaneja cargos em comissão. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 18 dez. 2013. Seção 1, p. 47-52. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Decreto/D8162.htm>. Acesso em: 10 set. 2015.
- _____. Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. *LGBT*. Brasília, 2015. Disponível em: <<http://www.sdh.gov.br/assuntos/lgbt>>. Acesso em: 15 ago. 2015.
- CASTELLS, M. *A galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- DIAS, C. P. *Cidade, cultura e corpo: a velocidade do mundo*. Campinas: UNICAMP, 2011.
- DIAS, C. P.; COELHO, A. V de Vinagre: a produção de imagens humorísticas sobre as manifestações brasileiras de 2013 nas redes sociais. In: PATTI, A. R. et al. (Org.). *Textecendo discursos na contemporaneidade*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2014. p. 235-251.
- GARCIA, D. A.; SOUSA, L. M. A. Ler o arquivo hoje: a sociedade em rede e suas andanças no ciberespaço. Porto Alegre, *Revista Conexão Letras*, v. 9, n. 11, p. 83-97, 2014. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/conexaolettras/article/view/55143>>. Acesso em: 01 ago. 2015.
- GRUPO GAY DA BAHIA. *17 de maio internacional de combate a homofobia*. Disponível em: <<http://grupogaydabahia.com.br/2015/05/19/17-de-maio-internacional-de-combate-a-homofobia/>>. Acesso em: 20 ago. 2015.
- LIONÇO, T. Que direito à saúde para a população GLBT? Considerando direitos humanos, sexuais e reprodutivos em busca da integralidade e da equidade. *Saúde e Sociedade*, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 11, 21, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-12902008000200003&script=sci_arttext>. Acesso em: 15 ago. 2015.
- MELLO, L.; BRITO, W.; MAROJA, D. Políticas públicas para a população LGBT no Brasil: notas sobre alcances e possibilidades. *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 39, p. 403-429, jul./dez. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332012000200014&script=sci_arttext>. Acesso em: 15 ago. 2015.
- MOTT, L. A revolução homossexual: o poder de um mito. *Revista USP*, São Paulo, n. 49, p. 40-59, mar./maio 2001. Disponível em: <<http://www.usp.br/revistausp/49/04-luizmott.pdf>>. Acesso em: 21 ago. 2011.
- ORLANDI, E. P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 7. ed. Campinas: Pontes, 2007.
- _____. Apagamento do político na ciência: notas à história da análise de discurso-fragmentação, diluição, indistinção de sentidos e revisionismo. In: _____. *Discurso em análise: sujeito, sentido e ideologia*. 2. ed. Campinas: Pontes Editores, 2012. p. 13-36.
- PÊCHEUX, M. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, E. P. (Org.). *Gestos de leitura: da história no discurso*. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997a. p. 55-66.
- _____. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 3. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997b.
- _____. Papel da memória. In: ACHARD, P. et al. (Org.). *Papel da memória*. 3. ed. Campinas: Pontes Editores, 2010. p. 49-57.
- SEDGWICK, E. K. A epistemologia do armário. *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 28, p. 19-54, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n28/03.pdf>>. Acesso em: 11 ago. 2015.
- SOARES, A. S. F. *A homossexualidade e a AIDS no imaginário de revistas semanais (1985-1990)*. 2006. 235 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006.
- _____. Sujeito em discurso: sobre a homossexualidade na mídia (2005-2010). In: ROMÃO, L. M. S.; GALLI, F. C. S. (Org.). *Conceitos discursivos em rede*. São Carlos: Pedro & João, 2012. p. 71-86.
- WERTHEIM, M. *Uma história do espaço: de Dante à Internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BASTOS, Gustavo Grandini; GARCIA, Dantielli Assumpção; SOUSA, Lucília Maria Abrahão e. A homofobia em discurso: direitos humanos em circulação. *Linguagem em (Dis)curso* – LemD, Tubarão, SC, v. 17, n. 1, p. 11-24, jan./abr. 2017.

Recebido em: 28/05/16. Aprovado em: 25/11/16.

Title: *Homophobia in discourse: Human Rights in circulation*

Authors: *Gustavo Grandini Bastos; Dantielli Assumpção Garcia; Lucília Maria Abrahão e Sousa*

Abstract: *In accordance with the perspective proposed by the theoretical framework of French Discourse Analysis, this article aims at reflecting upon the constitution of meanings on the subject of homophobia on Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH/PR) Direitos Humanos Brasil Facebook page, emphasizing the notions of ideology and discursive memory. The analysis focuses not only on the understanding of the effects of meaning produced in the sayings about homophobia published on this official web page of the government, but also on how the state adopts a certain position when engraving meanings on homophobia and human rights.*

Keywords: *Discourse Analysis. Facebook. Human Rights. Homophobia.*

Título: *La homofobia en discurso: Derechos Humanos en circulación*

Autores: *Gustavo Grandini Bastos; Dantielli Assumpção Garcia; Lucília Maria Abrahão e Sousa*

Resumen: *Anclado en la contribución teórica del Análisis del Discurso de línea francesa, este artículo tiene por objetivo reflejar sobre la constitución de sentidos en el tema homofobia en la página del Facebook de la Secretaria de Derechos Humanos de la Presidencia de la República (SDH/PR) Direitos Humanos Brasil, de enero de 2013 hasta enero de 2015, despegando las nociones de ideología y memoria discursiva en el trabajo de análisis. El análisis tiene foco en la comprensión sobre los efectos producidos en la inscripción de dichos acerca da homofobia divulgados en esa página electrónica oficial del gobierno, y cómo el Estado adopta cierta posición al inscribir sentidos acerca de un asunto.*

Palabras-clave: *Análisis del Discurso. Facebook. Derechos Humanos. Homofobia.*



Este texto está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-4017-170102-0516>

“VEIO O RESULTADO DO EXAME”: A COMUNICAÇÃO DE NOTÍCIAS DIAGNÓSTICAS (E COMO INVESTIGAÇÕES LINGUÍSTICO-INTERACIONAIS PODEM INFORMAR AS PRÁTICAS PROFISSIONAIS)

Ana Cristina Ostermann*

Minéia Frezza**

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Escola da Indústria Criativa

São Leopoldo, RS, Brasil

Resumo: Este artigo descreve, a partir da Análise da Conversa de base etnometodológica, a comunicação de notícias diagnósticas em 54 consultas de aconselhamento genético gravadas em áudio em um setor hospitalar materno-infantil do Sistema Único de Saúde (SUS) especializado em gestações de médio e alto risco. As interações foram transcritas em sua íntegra e as 18 interações em que há a comunicação de notícias diagnósticas foram analisadas quanto às ações interacionais que compõem essa tarefa. A análise de dados revela que a sequência de comunicação de notícias (SCN) assume características de uma espécie de sequência didática que colabora para a construção de entendimento de cada situação e para a coconstrução da própria notícia, tarefa que é compartilhada entre médico e paciente. Na comunicação de más notícias, em particular, observa-se um processo de agentivização do exame e de despessoalização da doença. O estudo descreve diferentes práticas linguístico-interacionais utilizadas para lidar com o sofrimento de pacientes e que podem subsidiar a formação de profissionais de saúde em áreas em que a comunicação de diagnósticos é uma constante.

Palavras-chave: Aconselhamento genético. Comunicação de notícias. Sequência didática. Agentividade.

1 INTRODUÇÃO

A comunicação de boas ou más notícias é um momento memorável. O fato é que, normalmente, conseguimos ter a nítida lembrança de onde estávamos, de quem nos contou, de como determinada notícia nos foi comunicada e, ainda, de nossa reação ao recebê-la. No que tange a más notícias, em particular, quem as comunica tem um papel fundamental, uma vez que não há como mudar os fatos a serem comunicados, mas há como amenizar o impacto do que é relatado por meio de como as notícias são entregues (MAYNARD, 2003).

* Doutora em Linguística. Professora Titular do Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada. Bolsista Produtividade do CNPq. E-mail: aco@unisinos.br.

** Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Mestra pelo mesmo Programa. E-mail: mineiafrezza@hotmail.com.

Douglas Maynard (2003), analista da conversa que mais se dedicou ao estudo interacional de comunicação de notícias (em especial, de más notícias), sustenta que, apesar de existir muito a ser experienciado a partir do recebimento de alguma notícia, os instantes iniciais de seu recebimento são marcantes. A comunicação de notícias delimita o início de uma nova realidade, já que notícias – boas e ruins – representam rupturas de tamanha natureza na vida cotidiana que chegam a colocar em risco a noção, para quem as recebe, do que é ou não real (MAYNARD, 2003). Assim, as práticas interacionais por meio das quais se comunica ou se recebe notícias podem facilitar ou dificultar sua comunicação, recebimento e até mesmo entendimento (MAYNARD, 1996).

O período gestacional – período em que se encontram as participantes deste estudo – geralmente abarca experiências e sentimentos de entusiasmo e de expectativa de um desenvolvimento e parto tranquilos e saudáveis, resultando no nascimento de um bebê com saúde. Na maioria dos casos, as expectativas se tornam realidade. Contudo, quando isso não acontece (como, por exemplo, quando o bebê apresenta alguma malformação ou quando ocorre óbito), profissionais da saúde precisam ser capazes de comunicar as “más notícias” às famílias e de lidar com o cepticismo, sofrimento, recriminação, raiva e outras reações e emoções acarretadas pelas notícias (FALLOWFIELD; JENKINS, 2004).

No entanto, Maynard (2003) assevera que quando um diagnóstico é finalmente concluído e comunicado, mesmo quando culmine em uma notícia ruim, como alguma anomalia, marca-se o fim de uma espera angustiante e da condição de desconhecimento e de suspeita de que “havia algo de errado” na situação anterior. Ao receber as notícias sobre como a realidade anterior será modificada, finda-se a espera pelo que estava “por vir” e pode-se começar a planejar as mudanças necessárias para se lidar com a nova realidade.

Apesar de a comunicação de más notícias ser comum e de larga importância no contexto médico/a-paciente, essa prática ainda não foi investigada em pesquisas envolvendo dados reais de interação do cenário brasileiro. Da mesma forma, ainda não é (ou é apenas escassamente) tratada na formação médica no país. Conforme o Instituto Nacional de Câncer – INCA (2010, p. 17):

[...] a falta de preparo dos profissionais para a comunicação e o suporte emocional aos pacientes torna-se evidente, gerando silenciamentos, falsas promessas de cura ou comunicações abruptas de prognósticos adversos com sérios prejuízos à relação terapêutica e sofrimento de difícil assimilação, tanto para os pacientes como para os profissionais.

É dentro desse cenário – a saber, da lacuna de pesquisas no Brasil que se debruçam sobre interações naturalísticas envolvendo comunicação de notícias e que discutam o que e como uma investigação linguístico-interacional pode subsidiar a formação de profissionais que têm a comunicação de notícias (especialmente as más notícias) como uma tarefa constante – que este estudo emerge.

Este trabalho, que consiste em um subprojeto de um estudo maior intitulado “Uma mulher, um feto, e uma má notícia: a entrega de diagnósticos de síndromes e de malformações fetais – em busca de uma melhor compreensão do que está por vir e do que pode ser feito”, vale-se da perspectiva teórico-metodológica da Análise da Conversa de

base etnometodológica (AC), descreve a sequência interacional de comunicação de boas e más notícias em aconselhamentos genéticos que ocorrem no setor voltado às gestações de médio e alto risco em um hospital materno infantil do Sistema Único de Saúde (SUS). Os dados da pesquisa foram gerados a partir de interações naturalísticas, ou seja, interações que não emergiram por meio de entrevistas ou experimentos, mas que aconteceriam independentemente da realização de uma pesquisa (OSTERMANN, 2012). Tais interações consistem em 54 aconselhamentos genéticos gravados em áudio. Como nosso foco analítico é a comunicação de notícias diagnósticas, para a realização do estudo aqui relatado utilizamos apenas os 18 aconselhamentos genéticos que apresentam alguma notícia advinda de resultados de exames genéticos. Os aconselhamentos são conduzidos por um médico geneticista, cujo nome fictício é Jeferson, e participam deles a gestante ou puérpera, por vezes seu companheiro (que normalmente é também o pai do bebê da gestação corrente), algum/a outro/a acompanhante e, por vezes, a psicóloga do setor.

2 COMUNICAÇÃO DE NOTÍCIAS E A ATRIBUIÇÃO DE VALÊNCIA

Existe um senso comum compartilhado na organização social sobre o que se configura como boa ou má notícia. Como pontua Maynard (2003, p. 3-4), negamos e/ou tememos a morte, doenças, fracassos, perdas materiais, ao passo que apreciamos e celebramos a vida, gravidezes, nascimentos desejados, sucesso no trabalho, e temos a sensação de bem-estar quando nossos desejos se tornam realidade.

Em se tratando de diagnósticos, o oncologista Buckman (1984, p. 1597) define más notícias como:

[...] qualquer informação que possa alterar drasticamente a visão de um/a paciente sobre seu futuro [...]. Obviamente, o quão ruim uma notícia é vai depender, de certa forma, das expectativas dos/as pacientes naquele momento, do quão doentes se sentem e se já sabem ou suspeitam do seu diagnóstico ou estado de saúde atual.

Assim, não é possível categorizar uma notícia como boa ou ruim aprioristicamente. Até mesmo a morte pode não ser avaliada ou recebida como uma má notícia, dependendo da situação em que alguém se encontra. Dessa forma, a valência de uma mesma notícia pode ser atribuída de diferentes formas por diferentes interagentes. Maynard (1997) argumenta que só é possível verificar essa valência por meio das ações e respostas dos/as próprios/as interagentes e que acontecem na própria interação.

A valência que determinada notícia adquire deve-se a fatores como sua gravidade, quem comunica a notícia, quem é a pessoa principal envolvida, as suposições que cada um/a faz do que está acontecendo (MAYNARD, 1997). A pessoa para quem determinada notícia gera consequências é chamada por Maynard (1997) de “figura afetada”¹ e, de acordo com o autor, a pessoa mais próxima da figura afetada parece ter uma posição privilegiada para atribuir valência à notícia.

¹ *Consequential figure*.

Já o/a portador/a de alguma notícia, quando não é a figura afetada, pode orientar-se para a valência que ele/a próprio/a acredita que uma notícia tem, expondo seu aspecto positivo e encobrindo o ruim, o que pode ser observado interacionalmente por meio da sequencialidade das interações e do formato linguístico de cada turno (MAYNARD, 2003). Interagentes orientam-se para pré-anúncios² que contêm hesitações, silêncios, interrupções, aspirações etc. como antecipadores de uma notícia ruim, ao passo que se orientam para falas diretas, aceleradas, em tom e volume altos etc. como indicadores de uma boa notícia (FREESE; MAYNARD, 1998; MAYNARD, 2003).

No contexto aqui estudado, que envolve aconselhamentos genéticos sobre a formação e saúde fetal, “[...] o recebimento da notícia de malformação em um filho, seja antes ou logo após o nascimento, é sempre uma vivência de crise intensa e equilíbrio emocional próximo à disrupção” (GOMES; PICCINI, 2010, p. 19). A crise vivenciada pelas figuras parentais de crianças com malformações inicia-se com a comunicação de uma má notícia, que causa uma ruptura do que fora idealizado e que pode repercutir em: “[...] choque, negação, tristeza e cólera [e demandar] equilíbrio e reorganização” (GOMES; PICCINI, 2010, p. 18).

3 FORMATOS DE COMUNICAÇÃO DE MÁS NOTÍCIAS

Maynard (1996) descreve três formatos de comunicação de más notícias:

1. Franqueza ou diretividade: as notícias são entregues diretamente.
2. Postergação: sugere que há más notícias, mas quem deve entregá-las evita fazê-lo.
3. Antecipação: pistas vocais e não vocais que antecipam que uma má notícia está a caminho – e.g. expressões faciais de preocupação e seriedade. Algumas delas seriam:
 - i. Pré-anúncio: sonda o quanto o/a receptor/a já sabe sobre o fato. Gera a relevância de uma ação seguinte (do/a receptor/a do pré-anúncio) que sinalize que o/a portador/a pode prosseguir com o anúncio.
 - ii. Prefácio: variação do pré-anúncio que exclui a necessidade de um sinal para que o/a interlocutor/a prossiga.
 - iii. Pedido de desculpas: sinaliza que uma notícia ruim está por vir.
 - iv. Sequência lógica e silogismo incompleto: uma premissa geral é seguida de uma premissa particular, ou vice-versa, sem que seja apresentada, no entanto, a conclusão do silogismo, oportunizando que o/a próprio/a receptor/a da notícia produza-a verbalmente.

² Pré-anúncio é um tipo de pré-sequência. Conforme Souza e Ostermann (2012, p. 165), pré-sequência consiste em um “momento na interação que precede uma sequência. Por exemplo, quando uma pessoa faz uma pergunta ‘Posso lhe fazer uma pergunta?’, o/a seu/sua interlocutor/a lhe diz ‘Pode.’, tem-se uma pré-sequência que anuncia que a sequência a seguir será um pedido de informação e o provimento da informação solicitada.”

Em um estudo com dados naturalísticos em contextos não institucionais, Schegloff (1988) observa que a fala pode se organizar de tal forma que a pessoa que deveria receber a má notícia acaba por apresentá-la. Por meio de pré-anúncios, prefácios e sequências lógicas de más notícias, quem recebe a notícia ruim pode tirar conclusões e verbalizar a notícia. Nesse mesmo sentido, o estudo conduzido por Maynard (1996, p. 119) conclui que a antecipação é o formato mais eficaz na compreensão em si da má notícia, enquanto a postergação, a diretividade e a franqueza exacerbam ainda mais “a interrupção da normalidade e aumentam a probabilidade de mal-entendidos”, dificultando, assim, a compreensão.

4 COMUNICAÇÃO DE NOTÍCIAS NO CONTEXTO MÉDICO/A-PACIENTE

No contexto médico/a-paciente, comunicar notícias diagnósticas se traduz no dilema de como “[...] contar aos/às pacientes o diagnóstico e o prognóstico de forma honesta e em uma linguagem simples sem ser indelicado/a” (GIRGIS; SANSON-FISHER, 1995, p. 2453). Em função desse dilema, alguns/as pesquisadores/as dos estudos interacionais (fora do Brasil) já têm se dedicado a olhar para interações naturalísticas de forma a buscar alternativas dentro das próprias práticas que já acontecem. Maynard (1992), por exemplo, descreve a organização por meio da qual as próprias figuras parentais chegam à conclusão de uma má notícia diagnóstica de deficiências no desenvolvimento de seu/sua filho/a (retardo mental, autismo etc.). O autor observa que isso acontece porque as figuras parentais são “guiadas” pelos/as profissionais por meio da sequência interacional “série de apresentação de perspectiva”³ (MAYNARD, 1992, p. 333):

1. O/A médico/a pergunta a opinião ou o entendimento do/a interlocutor/a, ou convida-o/a a apresentar a sua perspectiva da situação.
2. O/A interlocutor/a responde sobre o seu entendimento ou provê uma avaliação da situação.
3. O/A médico/a anuncia e avalia a situação.

Essa sequência serve para obter a perspectiva das figuras parentais antes da comunicação de diagnóstico propriamente dito, minimizando, assim, o potencial de discordância, mal-entendido ou mesmo de dissonância em relação à realidade. Essa prática também proporciona certa agentividade aos/às recebedores/as de uma notícia, pois lhes permite lançar seus entendimentos e perspectivas sobre o caso em questão.

Quando há “alinhamento”⁴ entre médico/a e figuras parentais da criança com deficiência sobre a existência de um problema com ela, a comunicação do diagnóstico acontece sem percalços, enquanto na ausência de alinhamento, ocorre um trabalho interacional maior anterior até se chegar à comunicação do diagnóstico.

³ *Perspective-display series.*

⁴ Alinhamento é compreendido por Maynard (1992) como a concordância de pontos de vista e opiniões entre os/as interagentes.

O protocolo SPIKES (BAILE et al., 2000), que foi elaborado por um grupo de oncologistas americanos/as e canadenses, foi desenvolvido como uma tentativa de suprir a dificuldade de comunicar más notícias a pacientes com câncer. Tal protocolo consiste em seis etapas que orientam oncologistas a:

- a) planejar a entrevista;
- b) avaliar a percepção do/a paciente⁵;
- c) obter a solicitação do/a paciente para que detalhem o diagnóstico⁶;
- d) oferecer conhecimento e informação ao/à paciente;
- e) validar as emoções dos/as pacientes com respostas afetivas⁷;
- f) resumir e traçar estratégias.

Baile et al. (2000) afirmam que os programas de graduação e de pós-graduação em geral são precários quanto à capacitação específica para a comunicação de más notícias, e a maior parte dos/as oncologistas aprende a fazê-la a partir da observação da prática de colegas mais experientes. Essa experiência também foi relatada pelo geneticista participante de nossa pesquisa. O protocolo SPIKES, apesar de não usar dados naturalísticos, já faz parte da formação de estudantes de medicina em algumas universidades. Contudo, ainda há muito a ser feito para suprir essa demanda.

No Brasil, os estudos que tratam da comunicação de boas e más notícias utilizam entrevistas *post-factum* com profissionais da saúde e/ou com pacientes (CUNHA; BLASCOVI-ASSIS; FIAMENGI, 2010; GOMES; PICCININI, 2010). Ou seja, ainda não há pesquisas com dados interacionais naturalísticos sobre a atividade de comunicar notícias em contextos de saúde. Ainda assim, os estudos a partir de entrevistas em contextos que se aproximam daquele investigado aqui (pré-natal), reportam que o diagnóstico de malformação em bebês se revela como uma experiência bastante complexa e difícil, acarretando prejuízos psíquicos às figuras afetadas (CUNHA; BLASCOVI-ASSIS; FIAMENGI, 2010; GOMES; PICCININI, 2010).

Cunha, Blascovi-Assis e Fiamenghi (2010), por exemplo, argumentam que grande parte da reação inicial à notícia da Síndrome de Down é determinada pelo tipo de informação recebida e pela maneira como ela é apresentada. Ao examinar a comunicação de informações sobre o diagnóstico a pacientes no Reino Unido, Heath (1992) aponta larga assimetria entre médico/a-paciente e pouca informação sobre o diagnóstico. Os dados de Heath (1992) mostram que os/as pacientes são extremamente passivos/as ao receber notícias diagnósticas, provendo apenas continuadores ou respostas mínimas de recebimento como “er” e “yeh”⁸ em tom descendente, a partir dos quais os/as médicos/as se orientam para o término da sequência de comunicação de diagnóstico e início das indicações de tratamento. Quando há algum marcador de recebimento de notícias que

⁵ Essa etapa equivale à “série de apresentação de perspectiva” (MAYNARD, 1992).

⁶ Baile et al. (2000) discutem a importância de se respeitar o quanto os/as pacientes realmente querem saber sobre suas doenças. Portanto, a ansiedade dos/as profissionais é aliviada quando os/as próprios/as pacientes solicitam por informações sobre seus diagnósticos.

⁷ Algumas sugestões do protocolo SPIKES são: “Posso ver como isso lhe entristece.”; “Percebo que você não esperava por isso.”; “Sei que esta não é uma boa notícia pra você.” (BAILE et al., 2000, p. 307).

⁸ São continuadores em língua inglesa que equivalem a “ã” e “sim” em português.

demonstra surpresa, como “*oh, really, is it*”⁹, os/as profissionais reformulam suas avaliações e proveem mais informações. Heath (1992) também sustenta que o provimento adequado de informações diagnósticas é fortemente reconhecido pelos/as próprios/as profissionais como sendo crucial para que os/as pacientes adiram às recomendações de tratamento.

Diferentemente de Heath (1992), ao analisar consultas gravadas em serviços de atenção primária à saúde na Finlândia, Peräkylä (2006) conclui que, mesmo que o diagnóstico seja entregue no formato de uma simples declaração logo após o exame físico ou a leitura de um laudo laboratorial, os/as médicos/as participantes em seu estudo buscam oportunizar que os/as pacientes prossigam no curso do raciocínio diagnóstico.

Em sua análise sobre o formato da comunicação de notícias, Maynard (1997, 2003) observa uma sequência específica, cunhada pelo autor como “sequência de comunicação de notícias” (SCN), que envolve quatro turnos principais de fala: (1) anúncio, (2) resposta ao anúncio, (3) elaboração e (4) avaliação. Maynard e Frankel (2006), por sua vez, exploram como essa sequência se configura na interação médico/a-paciente no contexto de notícias diagnósticas, tanto em seu recebimento como em sua comunicação: boas notícias são recebidas com afiliação, ao passo que as ruins são recebidas com “desafiliação”¹⁰. Maynard e Frankel afirmam ainda ter encontrado “cuidado, circunspeção ou encobrimento em relação a más notícias diagnósticas, [...] e ousadia, assertividade, ou exposição com boas notícias diagnósticas” (2006, p. 270).

A partir de um estudo experimental – não envolvendo dados naturalísticos –, Del Vento et al. (2009) concluem que, ao comunicar más notícias, os/as médicos/as tendem a usar uma linguagem mais implícita (com eufemismos, modalizadores de mitigação, referentes generalizados e impessoais etc.), enquanto ao reportar boas notícias, tratam-nas explicitamente, sem mitigação, com o uso de pronomes pessoais na primeira e segunda pessoa do singular etc. Del Vento et al. (2009) argumentam que o entendimento dos diagnósticos não é prejudicado pelo uso de linguagem implícita, já que vários/as pacientes (no caso de seu estudo, participantes atores) formulam o que entenderam após a comunicação de más notícias e discutem formas de tratamento.

5 ACONSELHAMENTO GENÉTICO

O termo *genetic counseling* foi cunhado pelo geneticista americano Sheldon C. Reed e traduzido no Brasil como aconselhamento genético (AG). Apesar do termo “aconselhamento”, o médico geneticista brasileiro Pina-Neto (2008) explica que essas consultas não consistem em dar conselhos a famílias/pessoas com doenças genéticas sobre que decisões tomar, mas em informá-las, especialmente respeitando o princípio da neutralidade para que as decisões sejam tomadas com autonomia.

Na mesma perspectiva, o médico geneticista e professor brasileiro Décio Brunoni (2002, p. 101), baseado na *American Society of Human Genetics*, afirma que o AG envolve um/a profissional treinado/a para ajudar um indivíduo e/ou sua família a “[...]”

⁹ “ah, sério, é”.

¹⁰ *Desafiliação* é compreendida como a discordância dos/as interagentes sobre determinado tópico (MAYNARD; FRANKEL, 2006).

compreender os fatos médicos, incluindo o diagnóstico, provável curso da doença e as condutas disponíveis.” Em outras palavras, o trabalho do/a conselheiro/a genético é conversar com o/a paciente e com sua família para que entendam o que está acontecendo. É sobre essa questão que se debruça este artigo, *i.e.* a comunicação de notícias diagnósticas e a consequente elaboração do que elas significam.

6 METODOLOGIA – COLETA E TRANSCRIÇÃO DOS DADOS E PARTICIPANTES

A perspectiva teórico-metodológica da Análise da Conversa (AC) é utilizada neste artigo para a análise dos dados, que se dá, sobretudo, por meio da investigação da sequencialidade dos turnos de fala em busca de regularidades. Assim, não são analisados os pensamentos, as intenções e as vontades dos/as interagentes, salvo nas situações em que são demonstrados interacionalmente, já que daí são elementos passíveis de descrição.

Como a AC prevê o estudo de interações naturalísticas, *i.e.* interações que aconteceriam independentemente da realização de alguma pesquisa, gravamos 54 aconselhamentos genéticos realizados no hospital descrito anteriormente e separamos os 18 que apresentam alguma notícia advinda de resultados de exames. Por meio da AC, analisamos as ações realizadas na sequencialidade dos turnos de fala imediatamente anteriores e posteriores àqueles em que o geneticista comunica notícias e a ação de comunicar a notícia propriamente dita.

A gravação dos aconselhamentos genéticos –que aconteceu no período de outubro de 2013 a junho de 2014 – e a transcrição dessas interações foram realizadas por diferentes integrantes do grupo de pesquisa “Fala-em-interação em Contextos Institucionais e Não-Institucionais”, coordenado pela Profa. Dra. Ana Cristina Ostermann.¹¹ Os/As profissionais e pacientes que aceitaram participar da pesquisa, após serem informados/as sobre ela, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) que, por sua vez, já havia tramitado e sido aprovado nos Comitês de Ética (CEP) da universidade executora e do hospital onde os dados para a pesquisa foram gerados¹².

A coleção de dados utilizada na pesquisa é composta por 18 AGs gravados e transcritos, conforme apresentada no Quadro 1 na página seguinte.

Importa dizer que esta categorização das notícias (no que se refere à sua valência) foi feita como base no posicionamento epistêmico¹³ que o geneticista apresenta ao avaliar o que determinada notícia (ou a falta dela) significa. Em outras palavras, a valência das notícias dispostas no Quadro 1 não foi decidida com base nas interpretações das autoras deste estudo, mas de forma êmica, *i.e.*, a partir das avaliações realizadas pelo próprio geneticista ao interagir com as pacientes.

¹¹ A transcrição das interações foi feita através das convenções propostas por Jefferson (1984) e adaptadas pelo grupo “Fala-em-interação em Contextos Institucionais e Não-Institucionais”, com base em sugestões do grupo GAT2 (SELTING et al., 2011), cuja versão atual encontra-se no Anexo.

¹² Homologação do CEP da universidade executora: 078/2013 e do hospital onde os dados para esta pesquisa foram gerados: 344.748.

¹³ Posicionamento epistêmico é compreendido aqui como a expressão linguístico-interacional relativa ao domínio de determinado conhecimento (HERITAGE, 2012).

Quadro 1 – Coleção de dados para estudo sobre comunicação de notícias

Tipo de atendimento	N
Aconselhamento genético com comunicação de boas notícias	1
Aconselhamento genético com comunicação de más notícias	9
Aconselhamento genético com comunicação de boas notícias em contextos ruins	8
N total	18

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Como referido anteriormente, os dados deste estudo são oriundos de um hospital materno infantil do SUS. Para esse hospital são encaminhadas as mulheres com gestações de médio e alto risco – *i.e.* gestações gemelares ou com malformações, assim como gestantes diabéticas, hipertensas, com diagnóstico de toxoplasmose, entre outros –, onde há uma equipe especializada em medicina fetal composta por médicos/as obstetras, ginecologistas, ecografistas, uma ecocardiografista, uma nutricionista, profissionais de enfermagem, uma psicóloga e um médico geneticista.

O médico especialista em genética, Jeferson¹⁴, é quem normalmente trata com pacientes sobre questões relacionadas à indicação de exames mais especializados, como é o caso do exame de cariótipo fetal¹⁵. Jeferson também é o principal responsável pela comunicação de notícias diagnósticas acerca da saúde fetal em consultas que duram de quinze a oitenta minutos. As pacientes atendidas no local são frequentemente mulheres de baixa renda e escolaridade, têm entre 14 e 47 anos e nem sempre convivem com o pai do feto que estão gestando.

7 ANÁLISE DE DADOS

A análise de dados está centralizada em duas partes que apresentam duas ações fundamentais identificadas na organização da sequência de comunicação de notícias no contexto investigado: (a) pré-anúncio e (b) retomada dos resultados de exames anteriores e anúncio da notícia (propriamente dito).

¹⁴ Todos os nomes dos/as participantes e/ou outras pessoas ou locais por eles/as referidos foram substituídos por nomes fictícios.

¹⁵ O cariótipo fetal é realizado por meio da análise do líquido amniótico ou do sangue fetal coletados através de um procedimento de punção, chamado de amniocentese – no caso do líquido amniótico – e de cordocentese – do sangue do cordão umbilical. O cariótipo fetal possibilita o diagnóstico de doenças cromossômicas (como síndromes, a doença de Tay-Sachs ou galactosemia, entre outras).

7.1 PRÉ-ANÚNCIO DA NOTÍCIA

O anúncio da chegada de laudos de exames que podem diagnosticar anomalias fetais (tratados aqui como “resultados”) se configura como um pré-anúncio de que há notícias a serem entregues naquela consulta. Ao analisar a sequência das ações envolvidas na comunicação de boas notícias, percebe-se que os desenhos de turnos de fala colocam o médico e a equipe de medicina fetal como agentes da comunicação da notícia, ao passo que na comunicação de más notícias os desenhos de turnos trazem os exames e seus resultados como os agentes da comunicação. Os excertos a seguir mostram situações de comunicação de boas notícias.

Excerto 1: HMF_ACONGEN_tauane_JEFERSON_04_02_14

4 JEFERSON: **eu** trouxe o resultado do exame [de vocês]=
5 TAUANE: [mh:m,]

Excerto 2: HMF_ACONGEN_rose_JEFERSON_26_11_13

4 JEFERSON: †é:: **eu** trouxe rose (.) hoje saiu {{rindo} tá}
5 ROSE: saiu:?
6 JEFERSON: saiu.
7 ROSE: que bom.
8 JEFERSON: saiu foi ontem {{rindo} até}
9 ROSE: †hu:m
10 JEFERSON: daí **eu** já trouxe o teu e o do lucas †tá
11 ROSE: °mhm°

Excerto 3: HMF_ACONGEN_rubia_JEFERSON_25_03_14

15 JEFERSON: °isso° daí **a gente** conseguiu o resul†[tado]=
16 RUBIA: [mhm,]

O uso de “eu” e “a gente” como agentes a ação de trazer a notícia nos turnos que realizam os pré-anúncios de notícias diagnósticas aloca o profissional e a equipe de medicina fetal na posição de porta-vozes de boas notícias. A prática de colocar a primeira pessoa como agente portador da notícia foi denominada na literatura como “pessoalização” da comunicação de boas notícias (DEL VENTO et al., 2009), enquanto que a prática de usar “a gente”, evocando a instituição para si e o/a falante como um/a representante dela, como “institucionalização” (da comunicação de boas notícias) (DREW; HERITAGE, 1992; SACKS, 1992¹⁶).

¹⁶ Cabe aqui observar que Drew e Heritage (1992) e Sacks (1992) observaram a institucionalização através da forma pronominal da língua inglesa “we” (“nós” em língua portuguesa), que se refere à primeira pessoa do plural. Em língua inglesa, não há expressões nominais pronominalizadas para a primeira pessoa do

Nas interações aqui investigadas, após o pré-anúncio das boas notícias, as gestantes tendem a oferecer algum continuador (como um “mhm”), que devolve o turno ao profissional para que ele dê continuidade à sequência. O que mostramos na próxima subseção, contudo, é que, recorrentemente, o profissional atrasa o anúncio da notícia em si para primeiramente fazer uma retomada da indicação do exame e de sua importância.

Já nos casos de comunicação de más notícias diagnósticas, é recorrente a despersonalização do agente portador da notícia diagnóstica. O excerto apresentado a seguir indica como o exame passa a ser quem, realmente, pré-anuncia um diagnóstico indesejado.

Excerto 4: HMF_ACONGEN_catarina_JEFERSON_09_01_14

5 JEFERSON: .h é: **como veio o resultado do exame** né
6 pra gente: podê passá pra vocês >por que a gente<
7 fica naquela expectati::va, né:

O diagnóstico na interação da qual advém o Excerto 4 é de Síndrome de Down (a continuação dessa interação é apresentada nos Excertos 6 e 7). Observe-se que, nesse caso, o pré-anúncio não apresenta um agente humano que “traz” o resultado dos exames (ao contrário do que fora observado nos Excertos 1 a 3). No Excerto 4, que se caracteriza como o pré-anúncio da comunicação de uma notícia ruim, observa-se que é o “resultado do exame” (de cariótipo fetal) que ocupa a posição de agente do verbo “vir”, *i.e.* o resultado veio (l. 5).

Ainda nos Excertos 1-3, que se apresentam como pré-anúncios de boas notícias, o profissional e a equipe médica ocupam posição de sujeitos da ação de “trazer” os resultados dos exames – *i.e.* o médico e a equipe são os portadores das boas notícias. Por outro lado, no Excerto 4, o resultado do exame é apresentado como o portador das más notícias ao assumir características de “animação” como agente do verbo “vir”. A característica de “animação” dos exames também é observada em outros momentos do AG, decritos na próxima subseção.

7.2 RETOMADAS E ANÚNCIOS

Como mencionado anteriormente, o anúncio de uma notícia diagnóstica é frequentemente atrasado pela ação de retomar a necessidade de exames e de medidas que sustentam o diagnóstico. Essas retomadas acontecem mesmo em situações de comunicação de boas notícias, apesar de que nesses casos elas tendem a ser mais curtas do que quando antedecem o anúncio de más notícias. Contudo, há diferenças.

As retomadas que compõem a sequência de comunicação de boas notícias ocorrem em dois possíveis momentos: antes ou depois do anúncio da notícia, enquanto que as

plural, como é o caso de “a gente” em língua portuguesa. Ou seja, tomamos aqui o uso de “a gente” como primeira pessoa do plural (ainda que conjugado em terceira pessoa do singular) e, por isso, equivalente ao uso de “nós”, em língua portuguesa, e ao “we”, em língua inglesa.

retomadas em sequências de comunicação de más notícias sempre acontecem antes do anúncio da notícia em si. Assim, retomadas após o anúncio de boas notícias iniciam com a própria explicação do resultado do exame. Já as retomadas que antecedem o anúncio das notícias são compostas pela menção dos sinais e sintomas evidenciados nos exames anteriores e que levaram à própria indicação do exame cujo resultado está sendo comunicado naquele momento. Para ilustrar essa observação, apresentamos uma retomada que antecede e outra que sucede o anúncio de boas notícias de uma interação. Em seguida, apresentamos uma retomada que antecede uma comunicação de más notícias.

O Excerto 5 advém de uma interação que ocorre entre o geneticista (Jeferson), a gestante Tauane e seu marido. Todos os exames de avaliação da saúde fetal haviam tido resultados normais até então. Contudo, havia sido indicada ao casal a investigação de seus cariótipos, em função de seu histórico de perdas gestacionais, o que poderia estar associado a alguma malformação genética. Nessa interação acontece a comunicação do resultado dos cariótipos do casal e a explicação de seu significado.

Excerto 5: HMF_ACONGEN_tauane_JEFERSON_04_02_14

- 4 JEFFERSON: eu trouxe o resultado do
5 exame [de vocês]=
6 TAUANE: [mh:m,]
7 JEFERSON: =daí né aquele exame da
8 genética que tinha sido: .h coletado em
9 nove:mbro ↓né
10 TAUANE: ãrrãm e o que que ↓d[eu]
11 JEFERSON: [é-] .h i:sso.
12 .h ã vocês lembram só que a gente ↑fez
13 o exame por função daquela
14 histó:ria, né (.) de perdas gestacionais
15 TAUANE: mhm:
16 JEFERSON: pré::vias e tudo né
17 que ne:sses casos, a gente
18 tenta fazer o exame dos pais, (.) .h
19 pra ter uma ideia se >de repente se tem<
20 alguma coisa na fa↑mília
21 que de repente possa estar passando, [né]=
22 TAUANE: [mhm:,]
23 JEFERSON: =e que >de repente< ↑possa ter °relaçã:°
24 (.) com as perdas [né]=
25 TAUANE: [°mhm°]
26 JEFERSON: =que às vezes
27 isso pode ser o resultado .h (.)

28 de alguma coisa: da família [tá]=
29 TAUANE: [°mhm:°]
30 JEFERSON: =mas a avaliação de vocês veio:
31 normal [tá veio-]=
32 TAUANE: [AH tá]
33 JEFERSON: =veio boa tá
34 TAUANE: {{rindo}<°tá bom°>}=
35 JEFERSON: =.h então ã essa avaliação
36 dos cromossomos a gente {{sorrindo} não
37 identificou nenhuma alteração [↓tá]]
38 TAUANE: [tá:]
39 JEFERSON: .h é que a gente tava preocupado a-
40 até em função da: gestação
41 atual, .h porque dependendo do
42 resultado, a gente: >haveria de repente<
43 (.) indicação de: fazer
44 a avaliação ↑no bebê
45 TAUANE: m↑hm:::=
46 JEFERSON: =né .h mas o exame
47 vindo norma:l, e eu tava
48 revisando aqui os exames
49 do bebê tem vindo todos ↑bons [né]=
50 TAUANE: [mhm]
51 JEFERSON: =a morfoló::gica, (.) a avaliação
52 do coração, [né]=
53 TAUANE: [sim]
54 JEFERSON: =então isso:: é
55 um:: (.) >ponto bem< positivo
56 que tá indicando parece
57 que tá indo tudo:=
58 ACOMPA.: =ai que bom=
59 JEFERSON: =tudo
60 tranquilo [{{rindo} né}}
61 TAUANE: [tá:..]

A sequência de comunicação de notícias é iniciada logo após os cumprimentos iniciais. Nas linhas 4-5 e 7-9, o geneticista pré-anuncia que tem notícias sobre o resultado do exame. Na linha 10, a gestante solicita o resultado dos cariótipos por meio de uma pergunta. Em adjacência e parcialmente em sobreposição à solicitação da gestante, o médico confirma (“[é] .h i:sso.”). Contudo, a pergunta da gestante fora aberta (l. 10);

ou seja, há, aqui, um desalinhamento à relevância condicional gerada pela primeira parte do par adjacente solicitação de informação–provimento de informação. Essa prática adia a comunicação da notícia propriamente dita, violando, assim, a preferência pela contiguidade da interação gerada a partir da primeira parte do par adjacente (*i.e.* solicitação) (SACKS, 1987; SCHEGLOFF, 2007), e permite ao médico fazer a retomada dos fatos que motivaram a indicação da análise do cariótipo do casal (*i.e.* histórico de perdas gestacionais e sua possível associação a alguma anomalia hereditária). Por meio de um pedido de confirmação “você^s lembram só que a gente” (l. 12), Jeferson informa e justifica que, antes de anunciar o resultado do exame, vai “só” (primeira e rapidamente) fazer uma retomada dos procedimentos realizados com o casal até o momento. Ao longo dessa retomada, que se caracteriza como uma breve narrativa, a gestante oferece apenas continuadores “mh^m” (l. 22, 25 e 29), o que oportuniza ao profissional amplo espaço de fala.

Como havia probabilidade de que existisse uma anomalia nos cariótipos do casal, a retomada de Jeferson presta conta das razões que motivaram a investigação via exame. Essa busca por uma provável anomalia (e sua relação com o histórico de perdas) é especialmente evidenciada pelo uso da conjunção adversativa “mas” no anúncio da boa notícia de que o resultado da avaliação do casal viera “nor[↑]mal” (l. 30-31), *i.e.*, o médico introduz a notícia como sendo uma informação que “não” confirma nem a anomalia, nem a possível relação com as perdas.

Ao anunciar as boas notícias sobre o resultado dos cariótipos (l. 30-31), o par adjacente solicitação por notícias–comunicação da notícia (iniciado na linha 10 pela gestante) é finalmente fechado. Assim que Jeferson termina a primeira “unidade de construção de turno” (UCT¹⁷), a gestante produz um recibo de notícias (“[AH tá]”, l. 32) em fala sobreposta à segunda UCT do médico.

Na linha 34, a gestante oferece outro recibo de informação “{{*rindo*} <°tá bom°>}”, que poderia ter sido tomado por Jeferson como uma tentativa de pré-fechamento da consulta. No entanto, a partir da linha 35, o geneticista elabora o significado do resultado, mostrando uma perspectiva positiva: não será necessário fazer a avaliação dos cromossomos do bebê. Essa perspectiva positiva culmina nas linhas 54-57 e 58-59, quando o médico exhibe declaradamente uma avaliação positiva da situação do casal e do feto.

Assim, até a linha 57, Jeferson parece se engajar numa prática de explicação para que gestante (e acompanhante) saibam como interpretar o resultado: as razões pelas quais ele deve ser entendido como algo positivo. O médico encerra a elaboração do significado da notícia apenas quando recebe uma avaliação positiva da gestante (“ai que bom”, l. 58), ao que ele responde com outra avaliação positiva: “tudo tranquilo [{{*rindo*} né}}]” (l. 59-60), que propõe o fechamento da sequência de comunicação de notícias.

¹⁷ Os turnos de fala contêm pelo menos uma unidade de construção de turno (também referida como UCT), *i.e.*, uma contribuição de fala que tem “início, meio e fim bem definidos” (WATSON; GASTALDO, 2015, p. 102). Contudo, as UCTs não são determinadas por sua classe gramatical apenas, mas por sua adequação e completude, o que lhes é atribuído pelos/as próprios/as participantes, com base em seu formato sintático, entoacional, semântico-pragmático e em sua posição sequencial. As UCTs também projetam um local possível para a troca de falantes..

Maynard (2003) aponta que boas notícias tendem a ser anunciadas imediatamente na interação. A análise do Excerto 5, diferentemente disso, revela que o médico pré-anuncia a notícia, porém, antes de anunciá-la, primeiramente realiza uma retomada dos procedimentos realizados no hospital, justificando-os. Essa retomada, mesmo que breve, permite que a gestante e seu companheiro tenham acesso ao raciocínio médico utilizado para realização dos procedimentos aos quais foram submetidos. Ainda, a retomada parece também agir como uma espécie de prestação de contas sobre o fato de indicar exames que, ao final, tiveram resultado normal.

O AG de onde advém o Excerto 6, a seguir, refere-se à comunicação do diagnóstico de Síndrome de Down. Dada a natureza da notícia e, em especial, o quadro depressivo da gestante relatado por ela própria na consulta anterior, Jeferson requisita a presença da psicóloga para a consulta em questão. O marido da gestante também está presente nessa consulta.

Excerto 6: HMF_ACONGEN_catarina_JEFERSON_09_01_14

- 9 JEFERSON: .h pra ver o resulta:do, .hh (.) entã:o
10 >s-< só lem↑brando né por que que a gente
11 fez o exa:me ↓né:
12 (.)
13 JEFERSON: .h ã: >que teve naquela< pri↑meira avaliaçã:o
14 que foi feito do ultrassom, .h foi visto
15 que aquela me↑dida da nu:ca do bebê taria
16 mai↑o:r ↓né:
17 (.)
18 JEFERSON: um pouco aumenta:da
19 (0.4)
20 JEFERSON: .h ↓né: .h >por isso ficou< naquela dú:vida: (.)
21 .h em relação ao:- ao ossô nasal, né: o
22 ossinho do nariz se ele estava presente ou
23 ↑não ↓né
24 (.)
25 JEFERSON: .hh ↑ne:sses ca:sos .h como existe uma
26 chance maior de associação, com alterações
27 que a gente diz genéticos e os cromô↑ssomos
28 (.) .h a gente fa:z o exame pra tentar >tirar
29 a ↑limpo< né pra tentá entendê: por que que tá
30 diferente
31 (.)
32 JEFERSON: .hh porque na verdade o exame não quer dizer
33 que tem um problema na ↑nuca do bebê ↓né:

- 34 (.)
- 35 JEFERSON: .h mas na verdade ele pode se:r indicativo de
36 al↑guma outra coisa difere:nte que possa
37 tá acontece:ndo, (.) .h com o bebê: né:,
38 (.)
- 39 JEFERSON: .hh e:: nesse meio tempo também foi
40 feita a ecocardiografi:a ontem ↑né
41 (.)
- 42 JEFERSON: .hh que daí: (evidenciou >novamente<) que
43 teria alguma ateração no coração do bebê:
44 né,
45 (0.4)
- 46 JEFERSON: .h a doutora luana falou com você:s daí né,
47 explico:u,
48 (0.7)
- 49 JEFERSON: .h o que que vocês entenderam gente.
50 (.)
- 51 JEFERSON: assim (.) do exame ontem.=
- 52 CATARINA: =.hhh eu fiquei em choque
53 ontem e eu não consegui conversar e eu
54 sou [sempre]=
- 55 JEFERSON: [sim]
- 56 CATARINA: =che:ia de questiona[e:ntos]
- 57 JEFERSON: [si:m] sim=
- 58 CATARINA: =mas
59 não não consegui conver↑sar
60 (.)
- 61 JEFERSON: si[m sim (°sim°.)]
- 62 CATARINA: [.hh mas eu] já- eu ↑sei o que é: mais ou menos
63 assim eu sei que: [todos]=
- 64 JEFERSON: [sim]
- 65 CATARINA: =nós temos duas válvulas,
66 o nenê na verdade teve ↑u- (0.4) a: das duas
67 dele (.) acabou se fundi:ndo e se formou só
68 ↑uma .hh
- 69 JEFERSON: ã[rrã]
- 70 CATARINA: [O QU]E não vai dá: a vasão que ele precisa
71 pra qua:ndo [>o- u- e-<]=
- 72 JEFERSON: [°sim°.]

73 CATARINA: =essa ↑UMA só não
74 dá supo:rte a[pós]=
75 JEFERSON: [°é:°]
76 CATARINA: =os seis meses até um a:no,
77 .h >ela-< acredito eu que ela não ↑dê o suporte
78 que ele preci:se pra [vi↑ver]=
79 JEFERSON: [é::]
80 CATARINA: =então <só:
81 cirurgicame:nte> [>que vai ter-<]
82 JEFERSON: [é:: >na verda]de< como::-
83 isso- como alte:ra na verdade o funcione:nto
84 normal, do coraçã:o, .h e i:sso faz com que o
85 coração >que tenha< que tentar trabalhar
86 ma:is pra dar conta do que que tá acontece:ndo
87 né:

Antes de anunciar o resultado do cariótipo fetal (pré-anunciado nas linhas 2-7 do Excerto 4), o geneticista retoma os motivos que justificam a indicação do exame: “me↑dida da nu:ca do bebê taria mai↑o:r ↑né:” (l. 15-16) e a “dú:vida: (.) .h em relação ao:- ao osso nasal,” (l. 20-21). Outro motivo que justificara o exame fora a identificação de uma cardiopatia, fato esse também retomado Jeferson (l. 39-43).

Nas linhas 46-47, Jeferson solicita a confirmação de que Luana, a ecocardiografista, havia falado com o casal. Depois de uma pausa, nas linhas 49-51, o médico solicita a “apresentação de perspectiva” do casal (KANG; ZAYTS, 2010; MAYNARD, 1992) – *i.e.* seu entendimento do que a médica ecocardiografista explicara. Com base no que Catarina apresenta de seu entendimento do que lhe fora explicado (l. 52-81), Jeferson provê mais informações sobre uma possível cirurgia para correção da malformação cardíaca do bebê (l. 82 em diante). Observe-se que a ação de solicitar a perspectiva das gestantes e de seus/suas acompanhantes se repete em 11 das 18 interações analisadas neste estudo. Essa recorrência revela a orientação do profissional para oferecer informações que sejam adequadas ao que seus/suas cointeragentes já sabem a respeito da situação. A ação de solicitar a perspectiva oportuniza a verbalização do entendimento e da avaliação da situação (do feto ou da gravidez) que paciente e acompanhantes estão fazendo. Ao ter acesso a esses entendimentos e avaliações, o/a profissional de saúde pode oferecer informações mais ajustadas ou particularizadas aos/as seus/suas interagentes. Além disso, a apresentação de perspectiva pode auxiliar num trabalho interacional mais compartilhado de comunicação da notícia entre médico/a e paciente.

O Excerto 7 advém da mesma consulta apresentada nos Excertos 4 e 6 e apresenta o fechamento da retomada e o anúncio propriamente dito da má notícia:

Excerto 7: HMF_ACONGEN_catarina_JEFERSON_09_01_14

113 JEFERSON: .hh >então na verdade< (1.1) †isso
 114 °é::° de certa forma: °f- f-° foi então
 115 o se†gundo exame que foi feito né
 116 que foi específico .h †do coração, .h e
 117 que .h além de terem sido vi:stas
 118 aquelas †outras alterações (.) °né do-° do
 119 osso nasal, e da †nuca .h foi visto
 120 também essa alteração [do- do coraçã:o né]
 121 CATARINA: [é: e o que tirou †toda]
 122 e qualque:r (.) e qualquer ã expectativa
 123 que a gente [tinha]=
 124 JEFERSON: [é::]
 125 CATARINA: =de: <†não ter a síndrome>
 126 [ent]ã::o,=
 127 JEFERSON: [†é-] =é- >na verdade< o que que
 128 acontece (.) é:: tipo:: (.) ã: †isso
 129 f:: corro[bora †que-]
 130 CATARINA: [ma:is]
 131 JEFERSON: exatamente que †tenha alguma coisa
 132 a mais acontece:ndo né:
 133 (.)
 134 JEFERSON: .h e por i:sso a importância da
 135 realização do exa:me esse do cariótipo
 136 né ((psicóloga tosse))
 137 (.)
 138 JEFERSON: .hh então nós fizemos nesse sen†tido né
 139 de tenta:r entender o que que tava acontece:ndo
 140 porque tinha já si[na:is]
 141 CATARINA: [mas a] gente já:
 142 no fu:ndo [no nosso cora]ção=
 143 JEFERSON: [precoces.]
 144 CATARINA: =a gente
 145 já sabe que °não°.
 146 JEFERSON: Sim
 147 CATARINA: que a gente não tem chance de u:m
 148 (0.8)
 149 JEFERSON: é:=
 150 CATARINA: =parecer favorável a °nós°.

151 JEFERSON: sim.
 152 (.)
 153 JEFERSON: †é: a gente: o que que acontece né: ã: (.)
 154 >por exemplo< †veio: °o resultado do
 155 exa:me tá°,
 156 (.)
 157 JEFERSON: .hh entã:o o que que acontece (.) †o
 158 exa:me ele mos†rou realmente que te:m uma
 159 alteraçã:o
 160 (0.5)
 161 JEFERSON: que até: é †com- é compa†ível >pelo menos<
 162 com s- s::inais, e sintomas (.) ((uma
 163 enfermeira entra na sala e se dirige à
 164 médica que estava usando o computador.))
 165 que a gente tá †vendo do bebê, [e-]
 166 ENFERM.: [é] †só
 167 um: mi- me [dá licença só tá: (um instantinho)]
 168 JEFERSON: [>ãrrã< e- e- e esse] na
 169 verdade: (.) †essa alteração que foi
 170 vista (.) .h realmente é compatível com a
 171 suspeita que é maior
 172 que era da °síndrome de down°.

Nas linhas 113-20, o médico faz o fechamento da retomada das pistas que compõem o diagnóstico a ser entregue. Quando Jeferson repete, nas linhas 119-120, que “foi visto também essa alteração [do- do coraçã:o né]”, Catarina avalia o significado das informações providas por Jeferson como características para o diagnóstico de Síndrome de Down (l. 121-23 e 125-26), com o que Jeferson concorda (l. 127-29 e 131-32). Ainda que Catarina tenha, de certa forma, antecipado a notícia, Jeferson atrasa o seu anúncio ao usar o referente indefinido “alguma coisa” (l. 131) em vez de anunciar o diagnóstico. Nas linhas 134-40, Jeferson justifica a realização do cariótipo fetal para entender a origem das características que o feto apresenta, e a gestante oferece mais uma avaliação sobre o que as evidências apontam, antecipando mais uma vez a notícia diagnóstica (l. 141-42, 144-45, 147, 150).

Nas linhas 154-55, Jeferson retoma o pré-anúncio que fizera no início da interação (l. 5 do Excerto 4), sobre a chegada do resultado do exame. Em seguida, ao utilizar o advérbio de afirmação “realmente” (l. 157-59), Jeferson sela a ação de concordar com a avaliação que Catarina fizera nas linhas anteriores. Nas linhas 161-62, ele inicia a ação de comunicar o diagnóstico – interrompida brevemente quando uma enfermeira entra na sala –, anunciando que, de fato, a alteração encontrada no cariótipo fetal é compatível com o diagnóstico de Síndrome de Down (l. 168-172).

O trabalho interacional do geneticista é, assim, em certa medida, facilitado nessa interação, já que ele não precisa anunciar (em primeira posição), mas apenas concordar (em segunda posição) com a avaliação diagnóstica provida pela gestante. Em outras palavras, em vez de um par adjacente anúncio (pelo médico)–recibo de anúncio (pela gestante), acontece um par adjacente avaliação da condição do feto (pela gestante)–concordância com a avaliação (pelo médico).

A seguir, apresentamos trechos da fala de Jeferson retirados da retomada que antecede o anúncio da má notícia nos Excertos 6 e 7.

- (1) .h ã: >que teve naquela< pri↑meira avaliaçã:o
que **foi feito** do ultrassom, .h **foi visto**
que aquela me↑dida da nu:ca do bebê taria
mai↑o:r ↑né:” (Excerto 6, l.13-16)
- (2) .hh >então na verdade< (l.1) ↑isso
°é::° de certa forma: °f- f-° foi então
o **se↑gundo exame que foi feito** né
que foi específico .h ↑do coração, .h e
que .h além de **terem sido vi:stas**
aquelas ↑outras alterações (.) °né do-° do
osso nasal, e da ↑nuca .h **foi visto**
também essa alteração [do- do coraçã:o né] (Excerto 7, l.113-20)
- (3) .hh e:: nesse meio tempo também **foi**
feita a ecocardiografi:a ontem ↑né
(.)
.hh que daí: (**evidenciou** >novamente<) que
teria alguma ateração no coração do bebê: (Excerto 6, l. 39-43)
- (4) >por exemplo< ↑**veio: °o resultado** do
exa:me tá°, (Excerto 7, l. 154-55)
- (5) .hh entã:o o que que acontece (.) ↑o
exa:me ele mos↑trou realmente que te:m uma
alteraçã:o
(0.5)
que até: é ↑com- **é compa↑tível** >pelo menos<
com s- s::iniais, e sintomas (.)
que a gente tá ↑vendo do bebê, [e-]
na verdade: (.) ↑essa alteração que foi

vista (.) .h realmente é compatível com a
suspeita que é maior
que era da °síndrome de down°. (Excerto 7, l. 157-73)

(6) **exa:me ele mos↑trou** realmente que te:m uma
alteraçã:o” (Excerto 7, l. 158-59)

(7) .hh porque na verdade **o exame não quer dizer**
que tem um problema na ↑nuca do bebê ↓né: (Excerto 6, l. 32-33)

Os exemplos 1 a 3 apresentam informações que auxiliam na construção do diagnóstico: “os exames que foram feitos” e “as alterações que foram vistas”, construídos na voz passiva, sem a presença dos agentes que realizaram as ações de “ver” e “fazer os exames” – a saber, os/as profissionais que compõem a equipe de medicina fetal. Ainda, os exames ocupam a posição de agentes da ação de “mostrar uma alteração” (exemplo 6) e as alterações ocupam a posição de agentes da ação de “vir compatível com Síndrome de Down” (exemplo 5).

Assim, no caso de más notícias, dois processos distanciam as pessoas envolvidas na comunicação e no recebimento da notícia: (1) despersonalização e desinstitucionalização da comunicação de má notícia, que é anunciada pelo “exame que vem alterado” e não pelo profissional (“eu”) nem pela equipe médica (“a gente”) que “traz o resultado” e (2) a despersonalização da doença (DEL VENTO et al., 2009), por meio da qual a doença é anunciada sem que os fetos sejam apresentados como os portadores das alterações (*e.g.* há uma alteração vs. o feto tem uma alteração).

Já na comunicação de boas notícias, a característica de normalidade é “pessoalizada”, como se vê a seguir:

(8) a avaliação **de vocês** veio normal (Excerto 5, l. 30-31).
(9) a gente vê <**uma menina::**> nor↑mal
(HMF_ACONGEN_edineia_JEFERSON_28_01_14 – não discutido
no artigo, l. 56)

A preposição “de” utilizada no turno do exemplo 8 estabelece uma relação entre a avaliação, os progenitores – “vocês” – e a característica de “normalidade”. Aqui, a normalidade tem uma referência humana: os progenitores. O turno do exemplo 9 apresenta o adjetivo “normal” utilizado como qualificador do feto: uma menina normal. Os processos de personalização da normalidade e de despersonalização da anormalidade se mostram como prática recorrente nos dados.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise revela que, antes de ser provida a notícia diagnóstica (boa ou ruim), há primeiro uma orientação para explicações às pacientes (e acompanhantes) para que compreendam como esse resultado foi alcançado, uma espécie de sequência “pedagógica” que se dá, principalmente, por meio de retomadas. As retomadas se assemelham ao processo de antecipação de más notícias descrito por Schegloff (1988) e Maynard (1996), já que oferecem pistas sobre as notícias que estão por vir e, assim, propiciam que as pacientes as anunciem antes mesmo de o profissional fazê-lo, como observado no Excerto 7. Esse processo, de certa forma, facilita o trabalho interacional de quem porta as notícias, já que o anúncio da notícia acontece em segunda posição: a paciente oferece uma avaliação diagnóstica do que as informações oferecidas na retomada significam (primeira parte do par adjacente), que demanda apenas uma concordância (ou discordância) do profissional (segunda parte do par adjacente), confirmando, assim, (ou não) a interpretação da paciente.

Os dados apontam a recorrência da chamada “série de apresentação de perspectiva” (KANG; ZAYTS, 2010; MAYNARD, 1992). Essa prática, que permite ao médico ter acesso ao que a paciente e acompanhante(s) já sabem, como avaliam ou o que esperam em relação ao caso em questão, oportuniza o provimento de informações ajustadas aos/às interagentes e particularizadas a cada caso. Ademais, ao solicitar as perspectivas das figuras afetadas, o médico pode identificar as expectativas das famílias e oferecer auxílio psicológico no próprio hospital, caso seja necessário.

Ao longo da análise de dados, observamos que o médico se posiciona de diferentes formas quanto ao papel de portador de notícias. Quando a valência das notícias é ruim, os exames adquirem características animadas e recebem a agência de trazer ou de portar a má notícia; ou seja, é omitido o agente humano das ações de “trazer” ou de “comunicar” a má notícia por meio dos processos de desinstitucionalização e de despersonalização. Por outro lado, as sequências de comunicação de boas notícias são personalizadas e institucionalizadas, pois a posição de agente do pré-anúncio e/ou do anúncio dessas notícias tende a ser ocupada pelo pronome pessoal na primeira pessoa do singular ou pela locução pronominal “a gente”.

Semelhante ao processo de desinstitucionalização e despersonalização da entrega de más notícias, o processo de “despersonalização da doença” (DEL VENTO et al., 2009; GILL; MAYNARD, 1995) é outra prática observada nos dados, que trata da tendência de apresentar a doença sem utilizar referentes pessoais. Em outras palavras, o feto apresenta uma doença, mas essa doença é anunciada como descolada dele.

Os pré-anúncios, as retomadas, as séries de apresentação de perspectiva e as justificativas de realização de exames funcionam como uma grande pré-sequência que prepara as pacientes para o que vem a seguir: o anúncio de uma notícia ruim. Em nossos dados, as figuras afetadas participam e são convidadas a participar da construção do entendimento acerca das notícias diagnósticas sobre seus/suas filhos/as, facilitando, assim, o trabalho do profissional, que, interacionalmente, não atua sozinho na comunicação de uma má notícia diagnóstica, mas coconstrói e compartilha essa atividade com a gestante e acompanhante(s).

REFERÊNCIAS

- BAILE, W. K. et al. SPIKES – A six-step protocol for delivering bad news: application to the patient with cancer. *The Oncologist*, [S.l.], v. 5, n. 4, p. 302-311, 2000. Disponível em: <www.theoncologist.com>. Acesso em: 15 nov. 2012.
- BRUNONI, D. Aconselhamento genético. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 7, n.1, p. 101-107, 2002. Acesso em: 15 fev. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151684842002000400002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 15 dez. 2014.
- BUCKMAN, R. Breaking bad news: why is it still so difficult?. *British Medical Journal*, [S.l.], v. 288, p. 1597-1599, 1984.
- CUNHA, A. M. F. V.; BLASCOVI-ASSIS, S. M.; FIAMENGHI, G. A. Jr. Impacto da notícia da Síndrome de Down para os pais: histórias de vida. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 445-451, 2010.
- DEL VENTO, A. et al. An experimental investigation of the dilemma of delivering bad news. *Patient Education and Counseling*, [S.l.], v. 77, p. 443-449, 2009.
- DREW, P.; HERITAGE, J. *Talk at work: interaction in institutional settings*. Cambridge: Cambridge University, 1992.
- FALLOWFIELD, L.; JENKINS, V. Communicating sad, bad, and difficult news in medicine. *The Lancet*, [S.l.], v. 363, p. 312-319, 2004.
- FREESE, J.; MAYNARD, D. W. Prosodic features of bad news and good news in conversation. *Language in Society*, [S.l.], v. 27, p. 195-219, 1998.
- GILL, V. T.; MAYNARD, D. On ‘labeling’ in actual interaction: delivering and receiving diagnoses of developmental disabilities. *Social Problems*, [S.l.], v. 42, p. 11-37, 1995.
- GIRGIS, A.; SANSON-FISHER, R. W. Breaking bad news: consensus guidelines for medical practitioners. *Journal of Clinical Oncology*, [S.l.], v. 13, n. 9, p. 2449-2456, 1995.
- GOMES, A. G.; PICCININI, C. A. Malformação no bebê e maternidade: aspectos teóricos e clínicos. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, p. 15-38, 2010.
- HEATH, C. The delivery and reception of diagnosis in the general-practice consultation. In: DREW, P.; HERITAGE, J. (Ed.). *Talk at work: interaction in institutional settings*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992. p. 235-267.
- HERITAGE, J. The epistemic engine: sequence organization and territories of knowledge. *Research on Language & Social Interaction*, v. 45, n.1, p.30-52, 2012.
- INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER (INCA). Coordenação Geral de Gestão Assistencial. Coordenação de Educação. *Comunicação de notícias difíceis: compartilhando desafios na atenção à saúde*. Rio de Janeiro: INCA, 2010. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/comunicacao_noticias_dificeis.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2013.
- JEFFERSON, G. Transcript notation. In: ATKINSON, J. Maxwell; HERITAGE, J. *Structures of social action: studies in conversation analysis*. New York: Cambridge University Press, 1984. p. ix-xvi.
- KANG, M. A.; ZAYTS, O. Information delivery in prenatal genetic counseling: on the role of initial inquiries. *Journal of Asian Pacific Communication*, [S.l.], v. 20, n. 2, p. 243-259, 2010.
- MAYNARD, D. W. “Does it mean I’m gonna die?”: on meaning assessment in the delivery of diagnostic news. *Social Science & Medicine*, [S.l.], v. 62, p. 1902-1916, 2006.
- _____. *Bad news, good news: conversational order in everyday talk and clinical settings*. Chicago: The University of Chicago Press, 2003.
- _____. The news delivery sequence: bad news and good news in conversational interaction. *Research on Language and Social Interaction*, [S.l.], v. 30, p. 93-130, 1997.
- _____. On “realization” in everyday life: the forecasting of bad news as a social relation. *American Sociological Review*, [S.l.], v. 61, p. 109-131, 1996.
- _____. On clinicians co-implicating recipients’ perspective in the delivery of diagnostic news. In: DREW, P.; HERITAGE, J. (Ed.). *Talk at work: interaction in institutional settings*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992. p. 331-358.
- OSTERMANN, Ana Cristina; FREZZA, Minéia. “Veio o resultado do exame”: a comunicação de notícias diagnósticas (e como investigações linguístico-interacionais podem informar as práticas profissionais). *Linguagem em (Dis)curso* – LemD, Tubarão, SC, v. 17, n. 1, p. 25-50, jan./abr. 2017.

_____. Notes on the delivery and reception of diagnostic news regarding mental disabilities. In: HELM, David T. et al. (Ed.). *The interactional order: new directions in the study of social order*. New York: Irvington Publishers. 1989. p. 54-67.

_____; FRANKEL, R. M. On diagnostic rationality: bad news, good news, and the symptom residue. In: HERITAGE, J.; MAYNARD, D. W. (Ed.). *Communication in medical care: interaction between primary care physicians and patients*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. p. 248-278.

OSTERMANN, A. C. *Uma mulher, um feto, e uma má notícia: a entrega de diagnósticos de síndromes e de malformações fetais – em busca de uma melhor compreensão do que está por vir e do que pode ser feito*. 2013-atual. São Leopoldo, 2013. Projeto de Pesquisa financiada pelo CNPq.

_____. Análise da conversa: o estudo da fala-em-interação. In: OSTERMANN, A. C.; MENEGHEL, S. (Org.). *Humanização. Gênero. Poder: contribuições dos estudos de fala-em-interação para a atenção à saúde*. Rio de Janeiro e Campinas: Fiocruz: Mercado de Letras, 2012. p. 33-43.

_____; SOUZA, J. As demandas interacionais das ligações para o Disque Saúde e sua relação com o trabalho prescrito. *Alfa: Revista de Linguística* (UNESP. São José do Rio Preto. Impresso), v. 55, p. 135-162, 2011. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4171/3769>>. Acesso em: 10 jan. 2013.

PERÄKYLÄ, A. Communicatin and responding to diagnosis. In: HERITAGE, J.; MAYNARD, D. W. (Ed.). *Communication in medical care: interaction between primary care physicians and patients*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. p. 214-247.

PINA-NETO, J. M. Genetic counseling. *Jornal de Pediatria*, Rio de Janeiro, v. 84, n. 4, p. 20-26, 2008.

REED, S. C. *Counseling in medical genetics*. Phyladelphia/London: W. B. Soundres Company, 1955.

SACKS, H. Pronouns. In: JEFFERSON, G. (Ed.). *Lectures on Conversation*. Oxford: Blackwell, 1992. v. 1, p. 711-715.

_____. On the preference for agreement and contiguity in sequences in conversation. In: BUTTON, G.; LEE, J. R. E. (Ed.). *Talk and social organization*. Clevedon: Multilingual Matters, 1987. p. 54-69.

_____; SCHEGLOFF; E.; JEFFERSON, G. A simplest systematics for the organization of turn taking for conversation. *Language, Studies in the Organization of Conversational Interaction*, New York, v. 50, n. 4, p. 696-735, 1974.

SCHEGLOFF, E. *Sequence organization in interaction: a primer in conversation analysis*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

_____. On an actual virtual servo-mechanism for guessing bad news. *Social Problems*, [S.l.], v. 35, n. 4, p. 442-457, 1988.

SELTING, M.; et al. A system for transcribing talk-in-interaction: GAT2 translated and adapted for English by Elizabeth Couper-Kuhlen and Dagmar Barth-Weingarten, 2011. Disponível em: <<http://www.gespraechsforschung-ozs.de/heft2011/px-gat2-englisch.pdf>>. Acesso em: 12 fev. 2013.

SOUZA, J.; OSTERMANN, A. C. Glossário conciso de termos de estudos de fala-em-interação. In: OSTERMANN, A. C.; MENEGHEL, S. (Org.). *Humanização. Gênero. Poder: contribuições dos estudos de fala-em-interação para a atenção à saúde*. Rio de Janeiro e Campinas: Fiocruz: Mercado de Letras, 2012. p. 163- 165.

WATSON, R.; GASTALDO, E. *Etnometodologia e Análise da Conversa*. Petrópolis, RJ: Vozes; Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2015.

ANEXO – CONVENÇÕES DE TRANSCRIÇÃO

(1.8)	Pausa
(.)	Micropausa
=	Fala colada
[Texto]	Falas sobrepostas
,	Entonação contínua
↑texto	Entonação ascendente da sílaba
↓texto	Entonação descendente da sílaba

OSTERMANN, Ana Cristina; FREZZA, Minéia. “Veio o resultado do exame”: a comunicação de notícias diagnósticas (e como investigações linguístico-interacionais podem informar as práticas profissionais).

Linguagem em (Dis)curso – LemD, Tubarão, SC, v. 17, n. 1, p. 25-50, jan./abr. 2017.

.	Entonação descendente do turno
?	Entonação ascendente do turno
-	Marca de interrupção abrupta da fala
:::	Alongamento de som
>Texto<	Fala acelerada
>>Texto<<	Fala muito acelerada
<Texto>	Fala mais lenta
<<Texto>>	Fala muito mais lenta
TEXTO	Fala com volume mais alto
°texto°	Volume baixo
°°texto°°	Volume muito baixo
<u>Texto</u>	Sílaba, palavra ou som acentuado
(Texto)	Dúvidas da transcritora
xxxx	Fala inaudível
((Texto))	Comentários da transcritora
hhhh	Riso expirado
hahahehehihi	Risada com som de vogal
{{rindo} texto}	Turnos ou palavras pronunciadas rindo
.hhh	Inspiração audível

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao CNPq e à FAPERGS pelo apoio obtido através de Bolsa de Produtividade em Pesquisa (Processo CNPq n.º 311473/2012-1) e pelos auxílios-pesquisa obtidos por meio dos editais MCTI/CNPq/SPM-PR/MDA 32/2012 (Processo n.º 405154/2012-7), MCTI/CNPq/MEC/CAPES 43/2013 (Processo n.º 406012/2013-0) e PPSUS FAPERGS/MS/CNPq/SESRS 02/2013 (Processo n.º 1259-2551-13-3) à primeira autora, e também à CAPES pelo apoio obtido por meio de bolsa de Doutorado concedida à segunda autora.

Recebido em: 12/02/16. Aprovado em: 30/08/16.

Title: “The result of the exam came”: diagnostic news delivery (and how linguistic-interactional investigations can inform professional practices)

Authors: Ana Cristina Ostermann; Minéia Frezza.

Abstract: Based on the principles offered by ethnomethodological Conversation Analysis, this article describes the delivery of diagnostic news in 54 audio-recorded genetic counseling consultations that happened in a public hospital ward in Brazil (Sistema Único de Saúde, SUS) specialized in moderate and high risk pregnancies. All recorded consultations were fully transcribed, but for the purposes of this study only the 18 interactions that contained diagnostic news delivery sequences were analyzed, regarding to the actions that make up such sequences. The data analysis shows that the news delivery sequence (NDS) bears characteristics of some type of pedagogical sequence that benefits the joint meaning making of the diagnosis and the coconstruction of the news itself, a task that is shared between doctor and patient. In the delivery of bad news, in particular, the processes of agentivity of the test and of disease depersonalization are identified. The study describes different linguistic-interactional practices used to deal with participants’ distress and that might be used to subsidize health professionals’ trainings to whom diagnosis delivery constitutes an everyday event.

Keywords: Genetic counseling. News delivery. Pedagogical sequence. Agentivity.

Título: “Llegó el resultado de la revisión médica”: la comunicación de noticias diagnósticas (y como investigaciones lingüístico-interaccionales pueden informar las prácticas profesionales)

Autores: Ana Cristina Ostermann; Minéia Frezza

Resumen: Este artículo describe, desde el Análisis de la Conversación de base etnometodológica, la comunicación de noticias diagnósticas en 54 consultas de asesoramiento genético registradas en audio en un sector del hospital materno-infantil del Sistema Único de Salud (SUS) especializado en gestaciones de medio y alto riesgo. Las interacciones fueron transcritas en su íntegra y las 18 interacciones en que hay la comunicación de noticias diagnósticas fueron analizadas cuanto a las acciones de interacción que componen esa tarea. El análisis de datos revela que la secuencia de comunicación de noticias (SCN) asume características de una especie de secuencia didáctica que colabora para la construcción del entendimiento de cada situación y para la co-construcción de la propia noticia, tarea que es compartida entre médico y paciente. En la comunicación de malas noticias, en especial, se observa un proceso de agentivización de la revisión médica y de despersonalización de la dolencia. El estudio describe diferentes prácticas lingüístico-interaccionales utilizadas para lidiar con el sufrimiento de pacientes y que pueden subsidiar la formación de profesionales de salud en áreas en que la comunicación de diagnósticos es constante.

Palabras-clave: Asesoramiento genético. Comunicación de noticias. Secuencia didáctica. Agentividad.



Este texto está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-4017-170103-0616>

TÍTULOS EM NOTÍCIAS DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA: ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS E FUNCIONALIDADES NA INTERFACE DO FACEBOOK

Lafayette Batista Melo*

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba

Unidade Acadêmica de Informática

João Pessoa, PB, Brasil

Resumo: O objetivo do trabalho é compreender, através do conceito de aforização, como funciona a circulação de títulos de notícias de divulgação científica no Facebook. Foram coletados títulos por meio de técnicas de busca específicas no Google. Os resultados mostram que, em termos de funcionalidades da interface, algumas notícias são destacadas por seções específicas, pelo uso de imagens e pela edição de títulos. Em relação às estratégias discursivas, informações podem ser destacadas, tomando amostras como generalizações, garantindo informações como comprovadas, com pequenas mudanças de termos nos subtítulos e mudando o viés do texto original dos blogs nas suas replicações no Facebook. Algumas conclusões: funcionalidades e estratégias discursivas atuam em conjunto para reforçar ditos; possibilidades de circulação da informação se diferenciam não apenas em relação ao mundo fora do digital, mas em relação à história recente da Web, e funções do discurso da mídia são preponderantes para modificar informações originais.

Palavras-chave: Título. Aforização. Circulação. Divulgação científica. Facebook.

1 INTRODUÇÃO

Notícias sobre ciência e tecnologia se multiplicam cada vez mais em espaços diversos. Pode-se ler um artigo científico, mas também entrevistas com cientistas sobre um assunto em pauta. Pode-se comprar uma revista de divulgação científica nas bancas ou ler artigos de opinião de outros cientistas que não participaram da pesquisa fonte. Pode-se ver esclarecimentos de jornalistas sobre assuntos polêmicos ou resumos de como determinados fenômenos funcionam. As pessoas podem até mesmo se basear em títulos de notícias dos representantes da literatura de divulgação científica e divulgá-los em redes sociais. Isso faz com que as notícias se multipliquem ainda mais. A diferença é que as discussões e polêmicas geradas podem surgir intensamente em torno desses títulos e não com muita discussão sobre o conteúdo dos artigos científicos originais nem mesmo sobre o conteúdo das revistas de divulgação.

Não é apenas o cientista ou a mídia jornalística que fazem circular um discurso, mas os próprios usuários das redes sociais, que o disseminam não apenas fazendo

* Doutor em Psicologia Cognitiva pela Universidade Federal de Pernambuco. Professor de Informática. Pesquisador de Linguagem e Interação Humano-Computador. Coordenador de Pesquisa em Informática na Educação do Núcleo de Aprendizagem Virtual (NAV). E-mail: lafagoo@gmail.com

referência a fontes, mas o comentando, compartilhando, curtindo e respondendo a comentários. Um discurso, que surgiria da ciência e teria certo enfoque da mídia para ser trabalhado e atingir o sujeito comum, envolve múltiplas camadas de reconstrução. O próprio cientista, que sai do âmbito no qual a linguagem é praticamente apenas compreendida entre seus pares especialistas para formular a escrita de um artigo, precisa escolher alguns termos, frases, períodos, analogias e comparações e esquecer outros. O usuário comum da internet pode moldar o título de uma notícia com um comentário, enfocando determinado aspecto do assunto que pode servir como argumentação de discussões anteriores ou mostrar impactos sociocientíficos de temas dos quais gosta. Além disso, os propósitos na divulgação são vários: esclarecer um fato científico didaticamente, defender uma ideia política ou convicção sobre temas da área de saúde com base em um raciocínio científico, divulgar um produto, vender informações sobre assuntos em alta ou polêmicas do momento etc. De todo modo, sempre se tem a noção de que, mesmo com todas as reconstruções, o discurso original de respaldo seria o científico, que confere um *status* de autoridade para discussões de diversas naturezas.

Este trabalho mostra o modo como o discurso de divulgação científica se propaga no Facebook, especialmente a partir de títulos de notícias que os usuários fazem circular na rede, incluindo as próprias páginas ou perfis de instituições de divulgação científica, notadamente as jornalísticas. Apesar de essas informações circularem distante da fonte original, é notável o quanto se popularizam, principalmente através dos títulos e muitas vezes rendendo discussões que nada têm a ver com a fonte original dos dados. Um exemplo desta situação é o do site Globo News em Pauta¹ que publicou uma reportagem com o título “Cientistas criam minhoca resistente para entender alcoolismo entre humanos”. Contudo, os cientistas entrevistados não falavam que pretendiam compreender o alcoolismo, mas apenas que estudavam modificações genéticas das minhocas e seus efeitos sob o álcool. Isso rendeu discussões em comentários do Facebook em que se dizia que a cura para o alcoolismo já teria sido descoberta, embora os cientistas ainda estejam planejando possíveis experimentações com ratos para só depois investigarem se vale a pena fazê-las com humanos. Muitos dos títulos escolhidos para divulgação começam com “Cientistas descobrem/inventam/criam/provam...”, o que já é um indício de como certos discursos são formados na ponta da cadeia representada pelos usuários do Facebook. Contudo, há outras seleções que envolvem textos do tipo “Descubra como...”, que pode ter como complemento informações sobre saúde, aprimoramento intelectual ou sexual e questões que procuram tirar dúvidas sobre informações bastante discutidas na atualidade (pode ser desde como se livrar de um vírus ou detalhes de personagens de filmes, entre outras).

O que importa para este trabalho é investigar e mostrar como esses discursos, que partem apenas de títulos, estão articulados com o suporte virtual, ou seja, com a interface do Facebook, envolvendo o grau de desenvolvimento tecnológico atual, os recursos linguísticos e o momento histórico. Para isso, o trabalho se utiliza de conceitos sobre aforização de acordo com Mainueneau (2008, 2010, 2014 e 2015) e de pesquisas anteriores em análise do discurso que conferiram importância à interface do Facebook,

¹ <<http://globoTV.globo.com/globo-news/globo-news-em-pauta/t/todos-os-videos/v/cientistas-criam-minhoca-resistente-para-entender-alcoolismo-entre-humanos/3505104/>>

de forma a compreender suas peculiaridades como em Melo (2014a, 2014b e 2015). Em outras palavras, investiga-se o modo como componentes e funcionalidades da rede influenciam o discurso e o modo como este discurso se apropria do suporte para fazer circular determinadas informações tidas como tácitas, graças a um suposto embasamento de uma autoridade científica, construído alhures. Algumas perguntas de pesquisa que se pretende responder após a análise dos dados: 1) o uso das funcionalidades e dos componentes da interface atuam em conjunto ou separados de um determinado discurso que os usuários do Facebook fazem circular?; 2) os discursos analisados neste trabalho têm diferença de outros discursos semelhantes que estejam na Web, mas não na rede social? e 3) há um novo discurso produzido na rede diferente do que é realizado pelos órgãos de divulgação científica?

Para o desenvolvimento deste artigo, são mostradas algumas considerações do que seria um discurso científico, segundo opiniões de diferentes autores, listando também o que, em um primeiro momento, poderia ser considerado um modo próprio de sua circulação na rede social. Em seguida, são discutidos alguns conceitos para a abordagem teórico metodológica deste trabalho: aforização, configuração contextual, interação humano-computador-humano e interação para si. É ressaltado, na seção posterior, o método de coleta dos dados, que é de particular importância para a constituição do *corpus* deste trabalho, já que não obedece aos limites dos materiais físicos impressos e cuja produção é volátil e está fora do controle do analista. Na parte principal, são mostrados os resultados concomitantemente a análises que indicam categorias que se ressaltaram no trabalho. Ao final, há algumas constatações e possíveis orientações para responder às perguntas da pesquisa.

2 O ESPAÇO DO DISCURSO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA E SEUS DIFERENTES MODOS DE SER VISTO E PRODUZIDO

Não é de hoje que há preocupações e estudos sobre a divulgação científica. Para Authier-Revuz (1982), o discurso de divulgação científica estaria nada mais nada menos do que no campo da reformulação. Ou seja, seria um outro discurso científico, teria uma certa equivalência com este, mas não seria exatamente de outra natureza. A divulgação científica estaria no intermediário entre a ciência e divulgação para parte da população que não tem conhecimentos científicos específicos. Haveria uma estruturação do tipo “eu (divulgador) digo a vocês (público leigo) que eles (cientistas) dizem”.

Grigoletto (2005) faz alguns questionamentos sobre essas concepções e diz que há um novo discurso, mas não no sentido das rupturas e (re)formulações. Está na ordem de um deslocamento que mantém uma ressonância com o discurso da ciência. Dentro desta ordem, há um espaço intervalar cujas fronteiras são delineadas nos entremeios da mídia, da ciência e do leitor. Por isso, para Grigoletto (2005), esse discurso agrega tanto o novo pelo modo de dizer quanto ressoa o antigo, discursivizando o já-dito nos parâmetros da ciência. Para Zamboni (2001), existe realmente um discurso novo, que estaria na ordem de um diferente discurso de transmissão de informação, não poderia ser compreendido como apenas reformulação. Grigoletto (2005) contesta tal concepção, pois na análise do discurso não se poderia considerar o discurso como transmissão de informação ou como

se os sentidos fossem transferidos do locutor para o interlocutor diretamente. A autora, contudo, não acredita que haja apenas duas formas de discurso envolvidas – a científica e a jornalística –, mas um discurso do senso comum, ou seja, do leitor de divulgação científica. Orlandi (2001) diz que o jornalista diz em um discurso e diz em outro, que há um duplo movimento de interpretação, com efeitos do jornalismo científico. A divulgação científica seria a textualização do discurso científico em sua forma jornalística. Grigoletto (2005), porém, não discorda totalmente dos demais autores, mas acrescenta que as reformulações discursivas não são transferências, pois não há só formulação mas também repetições e paráfrases. O discurso de divulgação científica é entendido pela autora como um deslocamento, onde há comentários, fala-se de crenças, imaginações e são dadas opiniões. Isso ocorre porque já um direcionamento para o discurso de senso comum, do leitor da divulgação que também é sujeito em todo o processo de discursivização.

Este trabalho considera as reflexões de Grigoletto (2005) para compreender especificamente como já estão circulando notícias de divulgação científica nas tecnologias de interface das redes sociais. O interesse pela ciência tem aumentado bem como as preocupações sobre como fazer divulgação científica através das novas tecnologias. Kishie (2015) diz que a divulgação passou a ser uma exigência de muitas bases de indexação, como a SciELO a exemplo de periódicos internacionais que publicam em portais como EurekaAlert!. Entre as exigências, há também o desenvolvimento de materiais para redes sociais como Twitter, Facebook, Academia.edu, Mendeley e ResearchGate, entre outros. Muitas revistas constroem páginas para serem divulgadas no Facebook e até adequam seu conteúdo para leitura em dispositivos móveis. Contudo, nenhuma instituição de divulgação tem controle sobre quais conteúdos os usuários de uma rede social compartilham e muito menos como enfocam o conteúdo.

Apesar dessas preocupações do “fazer” da divulgação e de já termos reflexões sobre o discurso da divulgação científica, este trabalho mostra como já está ocorrendo a divulgação pelos sujeitos usuários do Facebook. Na concepção deste trabalho, este sujeito não é meramente um usuário que está interagindo na rede, mas um sujeito histórico que está envolvido na tríade ciência-jornalismo-cotidiano. Há um leitor importante na ordem do discurso, como diz Grigoletto (2005), mas este sujeito leitor-usuário nas redes sociais também faz circular discursos para outros leitores e, principalmente, através de títulos que extrai de notícias para confirmar, discordar ou disseminar assuntos dos quais gosta. Esse leitor utiliza-se de títulos, mas que algumas vezes vêm acompanhados de subtítulos, gráficos ou imagens. Ele não apenas lê, mas também tem o poder de divulgar com simples curtidas e enquadrar o assunto conforme seus propósitos, seja para refutar uma ideia antes estabelecida ou para “interagir” com seus interlocutores. É esta a especificidade deste trabalho, que procura contribuir para entender um fenômeno atual no qual as pessoas estão cada vez mais engajadas. A abordagem teórico-metodológica com alguns dos seus conceitos é descrita na próxima seção, de modo a se ter um arcabouço mais aprofundado para o que seriam esses títulos no discurso e sobre qual é o papel do suporte da interface computacional.

3 ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA: AFORIZAÇÃO, CONFIGURAÇÃO CONTEXTUAL, INTERAÇÃO HUMANO-COMPUTADOR-HUMANO E INTERAÇÃO PARA SI

Atualmente, as pesquisas em Análise do Discurso ganharam novos reforços teórico-metodológicos. Por meio do conceito de aforização, Maingueneau (2014) ressaltou modos de como pequenos textos têm sido produzidos na sociedade. O autor começa sua investigação através do que chama *destacabilidade*. Não seria apenas a constatação de destacamento em partes de um texto, mas de considerar como este texto se apresentava antes do destacamento. Seria o caso de reportagens que reproduzem trechos entre aspas de determinados enunciadores, mas sem considerar, no título, as condições em que esses trechos foram produzidos.

Outro conceito de Maingueneau (2014, 2008, 2010) é o de sobreasseveração, que seria uma antecipação do destacamento. Assim, em uma declaração do então candidato à presidência da França Nicolas Sarkozy, na qual ele utilizou várias vezes a frase “Eu mudei”, o destaque na reportagem escrita ainda apresentava a expressão em itálico (“*Eu mudei*”). Isso indicaria como a mídia recorta seus fragmentos, privilegiando ou minimizando a interpretação de determinados discursos. Outras formas de sobreasseverar ocorreriam no emprego de aspas, discurso direto ou indireto, posicionamento das frases ao final de parágrafos ou de forma sentenciosa em títulos, na junção de duas frases dispersas em um texto como sendo um enunciado só (destacado no meio de uma entrevista, por exemplo) etc. O conceito de Maingueneau (2014, 2010) mais debatido atualmente é o de aforização. O pesquisador parte das destacabilidades e sobreasseverações para mostrar que determinadas frases seriam produzidas com uma convicção diante do mundo, que se quer rica de sentido para todos. O enunciado aforizante se dá ao mesmo tempo como memorável e memorizável. Porém, há também aquelas aforizações que não resultam necessariamente da destacabilidade, que seriam as aforizações primárias (provérbios, adágios, divisas, slogans etc.).

As aforizações tendem a ser mais ou menos aceitas, a ficar mais ou menos impregnadas. Este trabalho especifica como funcionam enunciados aforizantes destacados de textos (no caso, títulos que podem ser destacados dos artigos científicos ou das notícias de divulgação científica). Para Maingueneau (2010), a enunciação tem duas ordens: aforizante e textualizante (mais fortemente ligada a um gênero discursivo). A enunciação aforizante pode ser destacada por natureza (um provérbio, por exemplo) ou destacada de um texto (no caso, títulos). Maingueneau (2014) trata de vários modos de destacamento: posições salientes (início ou fim de seções, por exemplo), valores generalizantes, estruturas pregnantes (metáforas, simetrias), metadiscurso (com retomadas – “esta verdade...” – ou conectores (“enfim”, “digamos”). Há ainda vários exemplos do autor que mostram uso de aspas, seleção de partes de resposta de uma entrevista para servir como títulos de seções e até o modo como os rostos juntos com os títulos provocam certos efeitos. O sujeito, em cada momento histórico, dispõe de gêneros e recursos diversos para fazer as suas formas de destacamento.

Considerando que tais destacamentos têm uma gama de recursos e, conseqüentemente, estratégias próprias para serem utilizadas, este trabalho se utiliza de alguns conceitos que procuram compreender mais a relação deste sujeito usuário das

redes com o suporte, que não é só o que porta o texto, mas o que pode estar imbuído de outros efeitos de sentido. Assim, compreende-se neste trabalho a expressão *interação humano-computador-humano*, ao invés de interação humano-computador, de modo a ressaltar os efeitos produzidos socialmente. Além disso, o “humano” do qual tratamos pode ser tanto uma pessoa postando e conversando com outra dentro da sua *timeline* quanto uma empresa, como um jornal ou uma revista, cuja página é lida pelo sujeito leitor, que, de certa forma, também é um produtor. O texto não é transparente, as imagens não são transparentes, o discurso não é transparente e o uso dos componentes da interface também não é. Assim, compreender a influência desses fatores em conjunto é primordial hoje em dia, mas, em uma perspectiva discursiva, o discurso é visto como anterior aos demais planos. Em outras palavras, tratar da interação humano-computador-humano enseja a uma orientação para que o pesquisador considere os componentes da interface, mas não necessariamente e exclusivamente o design, os aspectos semióticos ou sua possível gramática e textualidade.

Na interação humano-computador-humano sempre se considera que há *a priori* um discurso ao qual os sujeitos se vinculam e que acionar ou ler componentes como botões, links, campos de formulário, comentários e postagens está dentro de um conjunto de ações orientadas também para um discurso, seja para defendê-lo, atacá-lo, silenciá-lo ou ressaltá-lo. Portanto, tratamos aqui não de usuários em interação com a interface, mas de sujeitos que procuram se associar ou fugir de determinados discursos ao operacionalizar esta interface. Isso eles só podem fazer se considerarem que há sempre um humano do outro lado que é um sujeito histórico. Tal tipo de prática parece própria para as redes sociais, pois mesmo em blogs da Web não havia esse modo de produção e reprodução material. Decorre daí a configuração contextual, que é o modo como as pessoas percebem, usam e gerenciam as configurações dos seus ambientes quando interagem publicamente em formatações, comandos e habilitações, Melo (2015).

Tanto no ambiente físico quanto nos sistemas, não temos apenas “configurações” a serem investigadas e que podem ser habilitadas ou desabilitadas para uma completa investigação das possibilidades de interação. Essas possibilidades se fazem no uso dos ambientes sociais virtuais ou físicos e podem depender muito das habilidades e dos interesses que as pessoas têm no momento ou do que pretendem negociar, ou melhor, do discurso nos quais estão inscritas. Portanto, o mais importante não é a configuração exata do ambiente, no sentido de haver ou não um conjunto de opções ativadas, mas como as pessoas percebem, usam e gerenciam essas configurações quando pretendem interagir umas com as outras. Por exemplo, em uma conversa no bate-papo no Facebook, sabemos quando o outro está disponível se aparece um sinal verde, mas também podemos enviar uma mensagem na expectativa de que a outra pessoa esteja on-line, mas não visível no Facebook, ou mesmo para que responda em outro momento, já que a mensagem chegará supostamente de qualquer maneira.

A partir da interação humano-computador-humano e da configuração contextual pode-se observar uma “interação para si” no Facebook: as ações são sempre relacionadas a postagens ou notificações da plataforma da rede, o que chama sempre à monitoração de quem postou. A interação para si é a propriedade que o sujeito tem de agir com o outro, mas essencialmente voltando-se para si através da interface. Há uma ação na interface

que envolve não apenas como as pessoas compartilham textos, imagens e links, mas como desenvolvem uma série de ações. O usuário pode até crer que está no controle de suas ações, “interagindo” com quaisquer outros, mas a interface também o direciona a discursos específicos, quando postagens que aparecem no topo são as mais relacionadas a assuntos que ele visualiza e quando tudo que ele diz volta mais para si próprio do que é direcionado para esses outros, já que ele é sempre notificado sobre curtidas, compartilhamentos e comentários de sua postagem, sem contar a expectativa gerada para si mesmo, de acordo com Melo (2015).

Os conceitos apresentados também têm consequências para o modo como os dados são coletados, o que é detalhado na próxima seção.

4 COMO OS DADOS FORAM COLETADOS

O *corpus* discursivo não é um conjunto fechado de dados que emergem de uma certa organização. Há etapas sucessivas de trabalho sobre os *corpora* ao longo de toda a pesquisa. Maingueneau (2008) propõe análises a partir do conceito de percurso, no qual os dados circulam intensamente e, ao mesmo tempo, podem ter suas buscas otimizadas com o uso de ferramentas computacionais específicas, em diversas ordens lexicais ou textuais não pré-formatadas. Para fazer a busca dos títulos, mas compreendendo que não estão isolados e sim associados a imagens e modos diferentes de serem proliferados (em geral, vêm de blogs e sites ou páginas oficiais do Facebook de órgãos de divulgação científica), foi adotado o conceito de percurso, de acordo com Maingueneau (2014), e foram feitas adequações para os objetivos deste trabalho com usos do Google Search, do Graph Search do Facebook (ferramenta de busca da rede que aparece no quadro superior à esquerda quando o ambiente é configurado para o idioma em inglês) e das estratégias específicas de busca conforme Melo (2014a, 2014b), como a de busca de postagem por data nas páginas do Facebook – mas através do Google Search, o que otimiza as pesquisas mais do que no próprio Facebook. As etapas envolvem:

1 – definir dois exemplares a serem seguidos de páginas oficiais de divulgação científica (Galileu e Superinteressante);

2 – uso do Google Search para encontrar postagens de títulos sobre ciência compartilhadas de diferentes usuários (amigos ou não do analista pesquisador);

3 – encontro de postagens peculiares e categorizáveis conforme a estratégia de destacamento dos sujeitos usuários;

4 – reavaliação das pesquisas e novas buscas para otimização dos dados, o que fez mais de 180 resultados, uma parte não muito diferenciada (em geral as que partem das páginas oficiais dos órgãos de divulgação), mas uma outra parte (essencialmente moldada por diferentes usuários) que mostrou características analisadas a seguir.

5 RESULTADOS E ANÁLISE: O EFEITO DOS TÍTULOS DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA EM REDE

Os exemplos colocados adiante referem-se a categorias cujas peculiaridades foram assinaladas, mas que se ressaltaram, conforme os dados e a configuração contextual adotada, envolvendo mais ou menos as funcionalidades da interface e as estratégias discursivas às quais os sujeitos usuários se vinculam.

Figura 1 – Divulgação sobre defensivos agrícolas



Fonte: <<https://goo.gl/HRWYpb>>

Como se pode observar na figura 1, o título da reportagem é veiculado no Facebook por um usuário que ainda o comenta na postagem. O título fala do cuidado com o uso de agrotóxicos (há um chamamento em suspense no título e a relação com agrotóxicos no subtítulo) e o comentário alerta sobre a possibilidade de a ANVISA e o IBAMA perderem suas funções. O sujeito usuário acrescenta que questões sobre o mercado de agrotóxicos pode ficar sob os cuidados da bancada ruralista, o que implica satisfazer seus próprios interesses comerciais. Salienta-se que grande parte dos comentários da postagem não se referem tanto ao cuidado com os materiais químicos, mas sobre questões políticas e interesses que políticos e empresas têm de manter o poder sobre uso e venda desses materiais.

Os sujeitos que comentam a postagem se direcionam mais a favor do comentário principal da postagem, citando e acusando diretamente vários outros políticos e empresas. O Facebook disponibiliza esse conjunto de informações para curtidas, compartilhamentos e acréscimo de comentários, mas também coloca sugestões de reportagens selecionadas na seção “People shared” (outras pessoas que compartilharam isso também compartilharam...). Nesse caso, há um link sobre dicas de replantio e outro sobre pendengas com a empresa de agricultura e biotecnologia Monsanto. Não são todos os links que produzem um efeito no mesmo teor do discurso que o sujeito usuário quis imprimir na postagem. A sugestão do link sobre replantio talvez só tenha uma associação

com o fato de se falar sobre “plantas”, termo que provavelmente o Facebook ligou às sugestões, além de outras pessoas terem compartilhado as postagens. Isso mostra que a sugestão do Google sempre tem a possibilidade de se aproximar do discurso envolvido, mas não há qualquer garantia de reforçar todas as sugestões no que o usuário deseja de uma “interação para si”.

A enunciação aforizante com destacamento de um texto no título mostra-se na organização com layouts e funcionalidades descritos com origem em uma reportagem do site da *Superinteressante*, mostrado na figura 2.

Figura 2 – Reportagem original



Fonte: <<http://super.abril.com.br/ciencia/cuidado-voce-esta-sendo-envenenado-mas-nao-do-jeito-que-voce-imagina>>

Há o mesmo título na postagem e no site da revista. Porém, os subtítulos têm teores diferentes e as imagens são usadas de diferentes modos. No site, não há destacamento da imagem e o subtítulo fala do quanto comemos de agrotóxico e por que isso acontece no Brasil. Na postagem, o subtítulo fala do quanto estamos sendo envenenados e há uma imagem de um indivíduo com máscara, borrifando a substância, o que sugere periculosidade. Associados ao comentário do sujeito postador, subtítulo e imagem ganham não só acentuação no grau de periculosidade, mas denúncia direta a certos grupos, reforçando riscos para o ser humano em proveito do interesse econômico. O aforizador diz como se estivesse em um plano universal, angariando os recursos da rede para imprimir seu discurso. Não se pode negar que há circulação da divulgação científica, mas também é notável o quanto a afiliação discursiva do leitor constrói um modo de circular notícias. Ele deixa de ser apenas leitor, é divulgador a seu modo, dentro das limitações e possibilidades da configuração contextual da plataforma.

Enfim, há vários exemplos desse tipo, que mostram como, em termos de funcionalidades da interface, algumas **notícias de divulgação científica podem ser reforçadas**, aumentando ou diminuindo seu teor ao modo do aforizador, através de **seções**

da interface, textos que acompanham as postagens e uso de imagens selecionadas ou diferentes da notícia original.

Na figura 3 adiante, pode-se verificar uma intrusão maior do sujeito usuário. Uma reportagem original que trata do efeito do aquecimento global tem uma divulgação, mas com um título modificado, incluindo palavrão. No Facebook, o usuário pode editar os títulos e subtítulos, bastando que, antes de clicar no botão “postar”, clique no título, que fica destacado em amarelo para edição conforme o usuário deseje. Nesse caso, há um tom de exagero e possivelmente de intenção de humor do sujeito, mas há várias outras edições que deturpam totalmente a divulgação e o fato científico. Por exemplo, há referências a links sobre doenças, com títulos que dizem que foi descoberta uma vacina ou a cura, embora nem no artigo de divulgação nem nas fontes se faça qualquer referência a isso. Tal fato indica como tantas notícias falsas proliferam. As pessoas leem só títulos, mas também muitos títulos falsos e os divulgam conforme estejam de acordo com suas crenças. O pior é que fora do Facebook há o surgimento crescente de ferramentas on-line que geram notícias falsas com cada vez maior requinte, como é o exemplo do Notícia Falsa² e do Notícias Fake³. Isso não quer dizer que os usuários se empenhem só em deturpar informações. Como visto nos exemplos anteriores, não necessariamente as notícias são intencionalmente modificadas, mas pode-se partir dos mesmos fatos para dar novos enquadres e teores aos discursos, com formas de destacamento específicas e uso das funcionalidades que a plataforma dispõe no momento. Assim, em termos de funcionalidades da interface, **notícias podem ser modificadas**, por meio de **edição dos títulos e divulgação de falsas notícias**.

Figura 3 – Edição de títulos

The image shows a Facebook post interface. On the left is a preview of the post with a modified title: "Brasil se prepara para um verão que vai queimar até seu cu". The original title is "Brasil se prepara para um verão de extremos". The post includes a photo of a crowded beach in Rio de Janeiro and a text block with the article's summary. On the right is the original article page from G1, with the title "Brasil se prepara para um verão de extremos" and a sub-headline about global warming and El Niño. The article includes a photo of the same beach and a caption: "Rio de Janeiro tem registrado recordes de temperaturas verão após verão (Foto: Fernanda Carvalho / Fotos Públicas)".

Fonte: <<http://g1.globo.com/natureza/noticia/2015/10/brasil-se-prepara-para-um-verao-de-extremos.html>>

² <http://noticiafalsa.com/>

³ <http://noticiasfake.com.br/>

um órgão sexual, mas o aforizador diz do seu pedestal utilizando de tudo que pode ter de configuração contextual mais estratégias linguísticas. Em termos de estratégias discursivas, algumas **notícias podem ser ressaltadas ou silenciadas** conforme o **grau de generalização** (tomando uma amostra como generalização do universo dos dados, por exemplo).

Na figura 5, há uma divulgação sobre os perigos da nimesulida, começando com “Você sabia...”. Algumas notícias desse tipo começam com “Conforme autor tal ou universidade tal...”, “Pesquisas mostram que..”, “Estudos comprovam que..” etc. Tal formulação reforça o status da notícia científica que por si só já teria autoridade. Nesses casos, as **notícias são reforçadas** em termos de estratégias discursivas, **garantindo informações como comprovadas**, sem abertura para divulgação de pesquisas que apontem para conclusões divergentes.

Figura 5 – Divulgação sobre medicamento



Fonte: <<http://www.saudecuriosa.com.br/voce-sabia-que-o-medicamento-nimesulida-e-altamente-toxico-para-o-figado-e-e-proibido-em-varios-paises/>>

Na figura 6, há um título que diz que o Google pode definir eleições, com atestado de um pesquisador. O subtítulo diz que o pesquisador afirma que resultados podem ser manipulados. O comentário do aforizador já trata da influência do Google nas eleições brasileiras. Nota-se uma gradação que vai de afirmações mais ou menos fortes, mais ou menos direcionadas (o comentário fala do Brasil, embora a reportagem não fale disso em nenhum momento) em postagens desse tipo, até incluindo verbos em campos semelhantes, mas com efeitos diferentes como “pode acontecer”, “deve acontecer”, “aconteceu” em diferentes seções. Podemos ver que em termos de estratégias discursivas, **notícias podem ser atenuadas, divergidas, contrariadas, direcionadas em pequenas mudanças de termos nos subtítulos, títulos e comentários que podem ser identificadas em termos ou expressões com sinonímias e similaridades, embora com efeitos diferentes.**

Figura 6 – Divulgação sobre o Google



Fonte: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/09/150901_epstein_google_jf_lk>

Figura 7 – Notícia sobre “estocar vento”



Fonte:

<<http://operamundi.uol.com.br/conteudo/samuel/41934/dilma+esta+errada+por+querer+estocar+vento+para+cientistas+britanicos+nao.shtml>>

Temos uma notícia sobre energia eólica e o modo como ela pode ser produzida, na figura 7, acima. Há uma referência explícita a outra discussão, decorrente de depoimento da presidenta Dilma, que usou a expressão “estocar vento” e foi rechaçada, chamada de burra e ignorante pelo fato de que ninguém poderia estocar vento. A postagem claramente quer defender a presidenta, pois respalda sua fala em pesquisas de cientistas britânicos. O subtítulo, no entanto, trata de ar líquido e estocagem de energia, não de vento. Os comentários a favor ou contra a presidenta se detêm, basicamente, no fato de poder ou não estocar. Fala-se de estocagem de ar e não de vento, de ar comprimido acumulado em rochas, de armazenagem de energia como sendo o equivalente a armazenar vento, do fracasso da técnica em pesquisas nos Estados Unidos etc. Nas discussões, são colocados vários links para outros artigos e sites com opiniões de especialistas. A verdade é que no percurso do artigo fonte original para a postagem no Facebook, praticamente nada é discutido do artigo referido. O que importa é manter no Facebook justificativas para suas opiniões. Em relação às estratégias discursivas, são usadas referências de divulgação

científica ou de artigos para **defender fortemente o que foi dito antes no encadeamento de diferentes enfoques dos textos científicos originais nas replicações no Facebook para argumentar sobre outro assunto que não o científico.**

Todas as enunciações aforizantes citadas, sejam mais fortemente baseadas em técnicas da interface ou em estratégias discursivas, se baseiam em um enquadramento testemunhal. Maingueneau (2015) diz que a interpretação de aforizações destacadas de um texto varia conforme o quadro em que são apreendidas. No enquadre informacional, há um *fazer saber*, é algo menos custoso para o intérprete, o enunciado tem um peso informacional maior do que qualquer outro. No enquadre testemunhal, tende-se a reduzir a dimensão informacional em favor da expressão de uma convicção, de uma emoção, de uma experiência. Já no enquadre acional, sujeitos aforizadores são aqueles cujas palavras têm poder de transformação da realidade. Em um primeiro momento, podemos achar até que as postagens estão dentro de um enquadre informacional, mas o envolvimento para defender ideias aparece frequentemente, como no exemplo anterior. O enquadre testemunhal pode ser sentencioso (com apagamento enunciativo, testemunho geral, ou seja, o aforizador retoma valores que devem unir a comunidade) ou ter um superinvestimento subjetivo personalizante (a aforização está centrada na expressão direta dos afetos do locutor e não na afirmação de normas coletivas). Pode-se ver em várias postagens comentadas um enquadre testemunhal fortemente sentencioso – referindo-se a valores científicos corretos ou benéficos para a humanidade –, mas também investimentos personalizantes – indiciais para o fato de o sujeito usuário do Facebook estar envolvido em uma interação para si.

6 ALGUMAS CONSTATAÇÕES

Observa-se até o momento que as postagens com informações enviesadas ou equivocadas obedecem a um modo de funcionamento típico da mídia jornalística, sem necessariamente comprovarem ignorância ou desinformação dos divulgadores – hipótese esta bastante em voga no senso comum. Ou seja, informações com algum enfoque, viés ou grau de deturpação de forma intencionada ou não, seguem o *modus operandi* da mídia com suas estratégias para enquadrar a notícia. Porém, envolvidos em títulos, os sujeitos usuários acrescentam peso ao enquadre testemunhal e aprimoram estratégias próprias de comunicação possibilitadas pelas tecnologias existentes. Respondendo às perguntas da pesquisa:

1) O uso das funcionalidades e dos componentes da interface atuam em conjunto ou separados de um determinado discurso que os usuários do Facebook fazem circular? Atuam em conjunto, com maior ou menor grau, mas não se pode dizer em nenhum caso que algo foi dito ou silenciado unicamente pelo discurso ou simplesmente pelo uso da interface.

2) Os discursos analisados neste artigo têm diferença de outros discursos semelhantes que estejam na Web, mas não na rede social? As possibilidades de circulação da informação se diferenciam não apenas em relação ao mundo fora do digital, mas em relação à história recente da Web – nem em blogs nem em ambientes virtuais de aprendizagem se vê o modo de circulação apresentado no Facebook.

3) Há um novo discurso produzido na rede diferente do que é realizado pelos órgãos de divulgação científica? De modo semelhante a Grigoletto (2005) que não nega a divulgação científica como textualização do discurso científico, mas que diz que as reformulações discursivas não são transferências, são mais deslocamentos com suas repetições e paráfrases, direcionados a um discurso do cotidiano, com suas crenças e opiniões. Pode-se, aqui, fazer um paralelo com o sujeito usuário divulgador de títulos de divulgação científica e o discurso de divulgação oficial. Nesse caso, são bem mais evidentes o envolvimento pessoal do sujeito usuário em muitas ocasiões e o deslocamento do discurso da ciência em si tem uma distância ainda maior. Porém, o equivalente ao leitor é agora também escritor, produtor e enquadrador de discursos do seu interesse e até por simples frases ou enunciações aforizantes. Ele participa de todo o processo de divulgação de outro modo, ainda mais envolvido e, por isso, o discurso de divulgação científica está tão preocupado em novos modos e estratégias de disseminação da informação, aproveitando as novas tecnologias e as redes sociais. Um cuidado maior se faz não unicamente pelo uso dos recursos tecnológicos, mas pelas práticas dos usuários que projetam um processo de interação, na verdade mais voltado para si mesmo, e mesmo assim trazendo uma intensidade na circulação dos discursos como nunca se vira antes.

REFERÊNCIAS

- AUTHIER, J. La mise en scène de la communication dans des discours de vulgarisation scientifique. *Langue Française*, Paris, n. 53, p. 34-47, 1982.
- GRIGOLETTTO, E. *O discurso da divulgação científica: um espaço discursivo intervalar*. 2005. 269 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.
- KISHIE, K. *Editores discutem desafio da divulgação científica em redes sociais*. 2015. Disponível em: <<http://www.revistahesm.coc.fiocruz.br/editores-discutem-desafios-da-divulgacao-cientifica-em-redes-sociais/>>. Acesso em: 15 fev. 2016.
- MAINGUENEAU, D. *Cenas da enunciação*. São Paulo: Parábola, 2008.
- _____. *Discurso e Análise do Discurso*. Trad. Sírio Possenti. Parábola Editorial, 2015.
- _____. *Doze conceitos em análise do discurso*. São Paulo: Parábola, 2010.
- _____. *Frases sem texto*. São Paulo: Parábola, 2014.
- MELO, L. B. Aforizações em redes sociais: o discurso na interação humano-computador-humano. In: *Proceedings of the 6th Workshop on Human-Computer Interaction Aspects for the Social Web – Anais 2015*. ed. 1, v.1, Salvador, nov. 2015.
- _____. Memória discursiva em redes sociais: o caso de “bandido bom é bandido morto”. In: *ALED BRASIL – Anais...*, ed. 1, v. 1, n. 3, São Carlos, maio 2014a. Disponível em: <<http://www.revistaaledbr.ufscar.br/index.php/revistaaledbr/article/view/103/97>>. Acesso em: 02 out. 2015.
- _____. Quando o gigante acorda, vai pra rua e sai do Facebook: frases em movimento. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 56, n. 2, Campinas, jul./dez. 2014b. Disponível em: <<http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/cel/article/view/4475/5011>>. Acesso em: 01 out. 2015.
- ORLANDI, E. P. Divulgação científica e efeito leitor: uma política social urbana. In: GUIMARÃES, E. (Org). *Produção e circulação do conhecimento: Estado, mídia, sociedade*. Vol. 1, Campinas, SP: Pontes Editores, 2001.
- ZAMBONI, L. M. S. *Cientistas, jornalistas e a divulgação científica: subjetividade e heterogeneidade no discurso da divulgação científica*. Campinas: Autores Associados, 2001.

Recebido em: 27/07/16. Aprovado em: 30/01/17.

Title: *Titles in scientific disclosure news: discursive strategies and functionalities in Facebook interface*

Author: *Lafayette Batista Melo*

Abstract: *The objective of this article is to understand, through the concept of aphorization, how works the circulation of titles in scientific disclosure news on Facebook. Titles were collected through specific Google search techniques. The results show that in terms of the interface features, some news are highlighted by specific sections, by the use of images and by the titles edition. Regarding the discourse strategies, information can be highlighted taking samples as generalizations, ensuring information as proven, with minor changes in texts of sub-headings and changing the bias of the original text of blogs in its replication on Facebook. Some conclusions: functionalities and discourse strategies work together to strengthen what is said; circulation of information possibilities differ not only in relation to the world outside the digital, but in relation to the web recent history, and media discourse functions are crucial to modify the original information.*

Keywords: *Title. Aphorization. Circulation. Scientific disclosure. Facebook.*

Título: *Títulos en noticias de divulgación científica: estrategias discursivas y funcionalidades en la interface del Facebook*

Autor: *Lafayette Batista Melo*

Resumen: *El objetivo del trabajo es comprender, a través del concepto de aforización (relativo al aforismo) como funciona la circulación de títulos de noticias de divulgación científica en Facebook. Fueron colectados títulos por medio de técnicas de búsqueda específicas en Google. Los resultados muestran que, con relación a funcionalidades de interface, algunas noticias son destacadas por sesiones específicas, por el uso de imágenes y por la edición de títulos. Con relación a las estrategias discursivas, informaciones pueden ser destacadas tomando muestras como generalizaciones, garantizando informaciones como comprobadas, con pequeños cambios de palabras en los subtítulos y cambiando el sesgo del texto original de los blogs en las replications en Facebook. Algunas conclusiones: funcionalidades y estrategias discursivas actúan en conjunto para reforzar dichos; posibilidades de circulación de la relación a la historia reciente de la Web, y funciones del discurso de la media son preponderantes para modificar informaciones originales.*

Palabras-clave: *Título. Aforización. Circulación. Divulgación científica. Facebook.*



Este texto está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-4017-170104-2916>

DISCURSO, CULTO AO CORPO E IDENTIDADE: REPRESENTAÇÕES DO CORPO FEMININO EM REVISTAS BRASILEIRAS*

Débora de Carvalho Figueiredo**

Universidade Federal de Santa Catarina
Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras
Florianópolis, SC, Brasil

Fábio Santiago Nascimento***

Universidade Federal de Santa Catarina
Colégio de Aplicação
Florianópolis, SC, Brasil

Maria Eduarda Rodrigues****

Universidade Federal de Santa Catarina
Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras
Florianópolis, SC, Brasil

Resumo: Neste artigo, investigamos as representações do corpo feminino em revistas femininas brasileiras, de modo a interpretar e explicar como os novos modelos de corporeidade e identidade estão ligados ao fenômeno da comodificação do discurso e, principalmente, à cultura de consumo. Cinco capas de revistas foram analisadas sob uma perspectiva sistêmico-funcional da linguagem (HALLIDAY, 2004). Nossa análise demonstra que o foco visual nos atributos físicos das modelos, em combinação com as chamadas de capa nomeando esses atributos e/ou avaliando os produtos anunciados, constroem o vínculo entre o discurso do culto ao corpo e o discurso da comodificação. A aquisição de produtos e serviços, desse modo, torna-se uma prerrogativa inescapável na vida de mulheres brasileiras que buscam individualmente a promessa de saúde, beleza e sucesso, de acordo com suas capacidades de compra.

Palavras-chave: Análise crítica do discurso. Revista feminina. Culto ao corpo. Comodificação. Modernidade tardia.

* Este artigo foi produzido como parte do projeto “A representação de identidades corporais no discurso midiático: o papel do culto ao corpo na construção de identidades femininas na modernidade tardia”, coordenado pela primeira autora.

** Dra. em Inglês/Linguística Aplicada. E-mail: deborafigueiredo@terra.com.br

*** Dr. em Inglês/Linguística Aplicada. E-mail: fabiosantiagonasc@gmail.com

**** Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Inglês – Estudos Literários, UFSC. mari.eduardarodrigues@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Com as mudanças tecnológicas e sociais dos tempos pós-modernos, o sentido de identidade individual e social se fragmenta diariamente. Mulheres são particularmente afetadas, uma vez que, como objetos centrais de desejo e de consumo num mercado heteronormativo, sofrem pressões constantes de inúmeros discursos persuasivos para adequarem-se ao padrão hegemônico de beleza feminino. Seus corpos se tornam lócus de comodificação nos discursos que promovem os tratamentos corporais, as práticas de emagrecimento, as academias de ginástica e a cirurgia plástica, para citar apenas algumas das muitas práticas de embelezamento e disciplinas corporais. Na cultura de consumo, a mulher é estimulada a parecer eternamente jovem, magra e bonita. Ao disciplinar e manipular seu corpo, a mulher contemporânea se transforma e, dessa forma, medeia a relação entre a uma identidade própria e uma identidade social imposta pela sociedade de consumo. A manutenção desse (im)possível corpo perfeito é construída através de muito autocontrole e sofrimento.

Neste artigo, investigamos como cinco revistas femininas brasileiras voltadas para a temática do culto ao corpo (*Boa Forma, Corpo a Corpo, Dieta Já!, Shape e Women's Health*) representam as transformações corporais verificadas nesse momento da pós-modernidade, os novos modelos de corpos e os novos estilos de vida, especialmente sob o impacto de técnicas disciplinares como o vestuário, as dietas alimentares, os exercícios físicos e as cirurgias plásticas cosméticas. Nosso objetivo é interpretar e explicar como os novos modelos de corporeidade apresentados na mídia do terceiro milênio, as técnicas disciplinares utilizadas para construir esses modelos corporais, e conseqüentemente as novas possibilidades de construção identitária abertas para os indivíduos, estão ligados ao discurso promocional, ao fenômeno da comodificação do discurso e, principalmente, à cultura de consumo.

2 IDENTIDADE E COMODIFICAÇÃO NA PÓS-MODERNIDADE

Na pós-modernidade, a vida humana se processa em meio à globalização, a comunicação instantânea, a volatilidade do capital, a ação à distância e a predominância da mídia na constituição do universo simbólico das grandes massas. Com relação à construção da subjetividade¹, ela vem sendo cada vez mais caracterizada como uma propriedade emergente das relações sociais (JACKSON, 1999). Por exemplo, Giddens (1991) vê a identidade como um projeto reflexivo, moldado pelas instituições da pós-modernidade e mantido através de narrativas do eu que são permanentemente monitoradas e revisadas². No processo de articulação dessas narrativas, o consumo

¹ No escopo deste artigo, entendemos as identidades como efeitos do discurso, em contraste com a subjetividade, vista como construção do “eu”.

² Como exemplo do monitoramento e revisão das identidades no marco da pós-modernidade e do capitalismo globalizado neoliberal, podemos citar as mudanças na ética do trabalho e do prazer, ocorridas marcadamente a partir da segunda metade do século XX. Enquanto até a primeira metade do século o trabalho era visto como aquilo que dignificava o indivíduo, sendo o lazer e o prazer adiados para depois do trabalho e concebidos como recompensas pelo trabalho bem feito, pelo cumprimento do ‘dever’, na contemporaneidade os discursos do consumo nos bombardeiam todos os dias com a noção de que o prazer pode e deve ser constante, a felicidade permanente e de alcance rápido e imediato, levando inclusive à

desempenha um papel central. O ‘gosto’ do consumidor, segundo Bourdieu (1984), pode ser visto como uma das formas cruciais do capital cultural dos atores sociais, delineado ao longo de linhas de classe social. E a ‘forma de sociedade’ escolhida (ou dominante) determina também nossas escolhas relativas aos cuidados, à forma e à apresentação de nossas identidades corporificadas. Como aponta Bauman (2001, p. 64), não temos realmente a opção de escolher ficar de fora do projeto contemporâneo do indivíduo: “a individualização é um destino, não uma escolha: na terra da liberdade individual de escolha, a opção de escapar à individualização e de se negar a participar no jogo individualizante não faz parte, de maneira alguma, da agenda”.

Na contemporaneidade, uma nova lógica cultural "coloniza" as mentes, os hábitos, as fantasias e os desejos. O imaginário, as pulsões da intimidade, as maneiras de ser e os sentimentos foram incorporados ao universo das mercadorias através de narrativas estéticas e da cultura (FRIDMAN, 1999). Entretanto, o acesso aos recursos requeridos para a autoafirmação dos indivíduos é marcadamente desigual, determinado por divisões de classe, de raça e de gênero. Na luta pela individualização, os extratos sociais se diferenciam pelo leque de identidades ao seu alcance e pela facilidade/dificuldade de ‘escolha’ entre elas.

Por essa lógica comodificada e compulsória, “a ‘individualização’ consiste em transformar a ‘identidade’ humana de uma coisa ‘dada’ em uma ‘tarefa’” (BAUMAN, 2001, p. 183), tarefa essa que passa a ser de inteira responsabilidade dos atores sociais, que têm também que arcar com as consequências de seu desempenho ao tentar forjar para si identidades vitoriosas e bem-sucedidas. Essa tarefa não pode estar mais clara do que em nosso empenho em forjar uma identidade corporal concebida como projeto individual, estilo pessoal, singularidade.

Uma vida longa e adequada, que nos permita consumir todos os prazeres que o mercado oferece, é hoje o valor máximo e o principal objetivo dos esforços da vida. Isso inclui, é claro, nossos corpos, que, como instrumentos de experiências e de gozo, devem ser alimentados com os prazeres à venda. Ao mesmo tempo, o corpo é nossa posse mais preciosa, aquela que deve ser constantemente resguardada e defendida contra um mundo que conspira para enfraquecê-la e destruí-la (BAUMAN, 2001). A contradição entre essas duas exigências (comodificar e utilizar o corpo como fonte e objeto de prazer por um lado, e por outro lado mantê-lo protegido e resguardado) gera ansiedade constante, contribuindo para muitas das típicas mazelas do eu contemporâneo: da insatisfação generalizada com nossa aparência e forma corporal, às depressões, distúrbios alimentares, fobias, crises de pânico, comportamentos aditivos.

Nosso estado contemporâneo de constante incerteza e perplexidade identitários não provêm somente da dificuldade em obter as identidades de nossa ‘escolha’ e vê-las reconhecidas por nossos pares, mas, sobretudo, da dificuldade de saber que identidade escolher e como nos mantermos sempre alertas e abertos para escolher novas identidades, caso o modelo selecionado tenha saído de mercado ou perdido seu status e poder de sedução (BAUMAN, 2001).

ressignificação do trabalho como forma de prazer (os lemas neoliberais são ‘faça apenas o que você gosta’, ‘ame a si mesmo’, ‘você merece’, ‘seja feliz agora, e não depois’). Nessa linha, narrativas do eu que sejam lentas, que impliquem fechamento e prazer tardios ou adiados, são malvistas, passando a significar ‘falhas’ da subjetividade, por exemplo, falta de empreendedorismo, falta de empenho, falta de ambição.

3 CULTO AO CORPO E IDENTIDADE

Nas sociedades contemporâneas individualizadas e mercantilizadas em que vivemos, a corporeidade passou a ocupar um papel central, ou seja, nos preocupamos cada vez mais com a performance, as aparências, a estetização da vida. Uma das evidências dessa tendência é a forte e constante preocupação dos indivíduos com a apresentação e a forma de seus corpos, na tentativa de adequá-los a um ideal hegemônico de beleza jovem, magra e exercitada. Podemos chamar esse fenômeno moderno de culto ao corpo, entendido como o:

Tipo de relação dos indivíduos com seus corpos que tem como preocupação básica o seu modelamento, a fim de aproximá-lo o máximo possível do padrão de beleza estabelecido. De modo geral, o culto ao corpo envolve não só a prática de atividade física, mas também as dietas, as cirurgias plásticas, o uso de produtos cosméticos, enfim, tudo que responda à preocupação de se ter um corpo bonito e/ou saudável. (CASTRO, 2003, p. 15).

O culto ao corpo, intimamente ligado à construção do moderno, é um fenômeno criado, sustentado e reforçado por uma gama de discursos públicos e privados, e por uma rede de práticas discursivas e sociais. Para compreender o fenômeno da corporeidade e do culto ao corpo, precisamos investigar sua ligação com a formação reflexiva das identidades na pós-modernidade. A reflexividade, traço fundamental das sociedades contemporâneas, é aqui entendida como o “uso sistemático de conhecimento sobre a vida social para organizá-la e transformá-la” (FAIRCLOUGH, 2001). E esses conhecimentos são utilizados também para nos construirmos como indivíduos. Os conceitos de identidade e de ‘eu’ tendem a estar associados a um foco interacional no processo de construção de identidades individuais ou coletivas através do discurso. Como pano de fundo para esses conceitos, temos as teorias sociais que explicam a pós-modernidade como um período de identidades múltiplas, mutáveis e fragmentadas. Nessa perspectiva, a criação de identidades é um dos temas mais correntes nas sociedades contemporâneas, e um dos principais focos do fenômeno contemporâneo da reflexividade.

Na pós-modernidade, estamos todos engajados na “política da vida”, definida por Giddens (1991, p. 155-156) como “engajamentos radicais que procuram incrementar as possibilidades de uma vida realizada e satisfatória para todos e para qual não existem 'outros' (envolvendo decisivamente uma "ética do pessoal" e a política referida a estilos de vida)". Tornamo-nos seres reflexivos, examinando cada um de nossos movimentos, e raramente nos sentindo satisfeitos com o que vemos. Entretanto, como lembram Chouliaraki e Fairclough (1999), essa reflexividade não nos torna necessariamente capazes de conectar nossos movimentos e ‘escolhas’ aos seus resultados e consequências. Dizer que vivemos num período de alta reflexividade individual não é o mesmo que dizer que todos os sujeitos sociais possuem um alto grau de consciência crítica, nem que todos se dão conta das implicações ideológicas de suas práticas discursivas. Diferentes posições sociais dentro de hierarquias de classe, raça e gênero, dentre outras, vão implicar diferentes formas de usar o discurso e as linguagens em distintas práticas sociais.

Giddens (1991) argumenta que se tornar um agente social competente - isto é, ser capaz de participar em pé de igualdade com os demais na produção e reprodução de

relações sociais – requer um monitoramento constante, e bem-sucedido, do rosto e do corpo. Essa competência social implica não apenas ser capaz de controlar o corpo de forma constante e cuidadosa em todas as interações sociais, mas ser visto pelos demais como alguém capaz de exercer esse controle. O controle rotinizado do corpo permite que os indivíduos criem para si um casulo protetor nas interações sociais diárias (GIDDENS, 1991, p.56).

O controle do corpo ocupa um papel importante na comunicação não verbal. O corpo pode ser visto como locus comunicacional por duas vias: através do gestual e da linguagem, e através da forma, “que é culturalmente codificada para operar como um indicador de poder social e de prestígio” (CASTRO, 2003, p. 15). As principais formas de distinguir-se socialmente via corpo são o consumo alimentar (e.g. dietas) e o cultural, e a forma de apresentação do corpo (incluindo vestuário, cosméticos, higiene, cuidados e manipulação do corpo). A consciência do corpo, necessária para que o indivíduo perceba a complexidade do momento, inclui estar ciente do imperativo dos exercícios físicos e das dietas. Assim, o culto ao corpo tornou-se um imperativo na cultura ocidental contemporânea, e não segui-lo gera sentimentos de culpa e inadequação.

Dentro deste quadro, o corpo torna-se o aspecto visível do eu, e passa a estar, também, sob a égide do fenômeno contemporâneo da reflexividade. A construção reflexiva da autoidentidade e de uma narrativa biográfica coerente é auxiliada pelo acesso a sistemas peritos constituídos por especialistas (tais como médicos, terapeutas, advogados, cientistas e técnicos) com conhecimento técnico altamente especializado, do qual somos todos cada vez mais dependentes (FAIRCLOUGH, 2001). A transferência de conhecimentos dos peritos para os leigos pode se dar através da interação face a face (e.g. terapia, consulta médica), ou de formas mediadas de interação (e.g. cartas, e-mails, telefonemas) ou quase-interação (e.g. livros, revistas, manuais). Os sistemas peritos incluem não só a ciência e os trabalhos acadêmicos, mas todos os tipos de manuais, guias, trabalhos terapêuticos, livros de autoajuda e a mídia de massa, que contribuem para a reflexividade moderna. Esses sistemas e seus discursos não apenas discutem ou representam os processos sociais, na verdade eles são materiais que constituem, ao menos em parte, esses processos (GIDDENS, 1991, p. 2).

4 CULTO AO CORPO E CONSUMO NO DISCURSO DA MÍDIA

Como já apontado, na modernidade tardia, a consciência social tornou-se externalizada, isto é, as pessoas recorrem a sistemas peritos e a especialistas que as ajudam a organizar a informação, o *know-how*, as formas de raciocínio, etc., necessárias para que possam lidar com os aspectos mais íntimos e pessoais do seu ser (SMITH, 1990, apud CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999). No pensamento social de Giddens, a reflexividade moderna está ligada com o recurso aos sistemas peritos, principalmente aqueles materializados através da escrita. Segundo ele, “as experiências mediadas, a partir da primeira experiência da escrita, há muito têm influenciado tanto a auto-identidade quanto a organização básica das relações sociais” (1991, p. 4). Ou seja, a manutenção da confiança nos especialistas e nos sistemas tornou-se condição essencial para a sensação de continuidade da vida.

Em termos de culto ao corpo, a imprensa vem se caracterizando como um espaço privilegiado de informações relativas ao corpo. Nas revistas femininas, por exemplo, vemos a figura do especialista que dá dicas de beleza, moda, dieta, exercícios físicos, sexualidade, etc. As revistas femininas funcionam como manuais de orientação para a vida diária (HEBERLE, 2004). Elas medeiam mídia e sociedade, ou seja, o conteúdo dessas revistas serve como ponte entre as tendências, os valores e os padrões sociais relativos ao corpo, e as necessidades mercadológicas dos produtos a serem vendidos, ou seja, entre a “lógica dos usos e a lógica da indústria cultural” (CASTRO, 2003, p. 16).

Segundo Castro, “a mídia e a indústria da beleza são aspectos estruturantes do culto ao corpo” (2003, p. 109). No caso da mídia, ela medeia a temática e a mantém sempre presente na vida cotidiana, informando a leitora/espectadora sobre as últimas novidades e descobertas tecnológicas e científicas, ditando e incorporando tendências. A indústria da beleza, por sua vez, garante a materialidade das tendências de comportamento, que se concretizam através de objetos e produtos consumíveis (CASTRO, 2003).

De um ponto de vista discursivo, podemos dizer que o corpo não é uma entidade física dada, *a priori*, mas sim uma entidade constituída através da interação e do discurso. Nessa mesma linha, a corporeidade passa a ser vista como parte integrante e inseparável das práticas discursivas. Como construtos discursivos, questões relativas ao peso, tamanho e formato do corpo são tematizadas e tornadas relevantes através das interações discursivas (sejam elas interações face a face, interações mediadas, ou quase-interações mediadas (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999), e essas questões são frequentemente usadas como forma de responsabilizar os atores sociais por suas ações (HEPBURN; WIGGINS, 2005).

5 METODOLOGIA

Nesta seção, descrevemos os procedimentos utilizados na coleta, análise e interpretação dos dados da pesquisa, enfocando as três dimensões de significado apontadas em Halliday e Hasan (1989) – ideacional, interpessoal e textual - para a construção de significados nas práticas sociais desempenhadas no gênero capa de revista.

5.1 SELEÇÃO DAS REVISTAS FEMININAS

Foram selecionadas para a presente análise cinco revistas femininas brasileiras (*Boa Forma*, *Corpo a Corpo*, *Dieta Já!*, *Shape* e *Women’s Health*) que abordam diretamente a temática do culto ao corpo e à beleza, apresentando técnicas disciplinares como o vestuário, as dietas alimentares, os exercícios físicos e as cirurgias plásticas cosméticas. Dois critérios foram considerados para a seleção das revistas: (1) ano de publicação (2010 e 2011) e (2) periodicidade de circulação (mensal).

Em termos das mulheres que posam para as capas dessas cinco revistas, em quatro delas (*Boa Forma*, *Corpo a Corpo*, *Dieta Já!* e *Shape*) as modelos são olímpianas³ ou celebridades do momento – atrizes, cantoras, etc. –, enquanto que em uma dessas publicações (*Women's Health*), as modelos são desconhecidas do grande público, apesar de estarem alinhadas ao padrão corporal hegemônico magro, esbelto e jovem.

5.2 COLETA E SELEÇÃO DAS CAPAS DAS REVISTAS

O gênero capa de revista é predominantemente multimodal, com ênfase no texto não verbal (imagens, fontes, cores, tamanhos, etc.) e funciona como uma “propaganda” que antecipa o conteúdo de uma revista de modo a persuadir o leitor a consumi-la (MCLOUGHIN, 2000, p. 5). Frequentemente, uma capa de revista é composta pelo título, imagem principal e/ou secundárias e pequenos textos (*coverlines*) com informações curtas que acompanham ou se sobrepõem à imagem principal.

Primeiramente, buscamos exemplares de capas nos respectivos *sites* de cada revista. Constatamos que algumas das revistas selecionadas não disponibilizam as capas nos *sites* e partimos, então, para a busca e coleta das capas no banco de imagens do *Google (Google Imagens)*. No total, foram baixadas e arquivadas 120 capas de revistas. Dentre as capas coletadas, selecionamos aleatoriamente, para a análise descrita a seguir, cinco capas (um exemplar de cada revista). As seguintes capas foram selecionadas para a análise:

Figura 1 – Capas das revistas analisadas



³ Os “olímpianos” são definidos por Edgar Morin (1984) como aqueles seres transformados em “sobre-humanos” pela cultura de massa. São os astros e estrelas de cinema, os campeões esportivos, governantes, pintores e literatos célebres. A imprensa seria responsável por revesti-los de um caráter mitológico e, por outro lado, por buscar mergulhar em suas vidas privadas a fim de extrair delas a substância humana que permite a identificação.



Fonte: Banco de imagens do Google (Google Imagens)

Na próxima seção, analisamos as cinco capas de revistas selecionadas (Figura 1) em termos do texto verbal e do texto não verbal (imagens). Com base nessa análise, buscamos compreender como a linguagem é constitutiva das práticas sociais ligadas ao culto ao corpo, e como a construção de uma identidade calcada em um projeto corporal se liga ao consumo de produtos e estilos de vida no discurso das revistas analisadas.

6 A CONSTRUÇÃO DE SIGNIFICADO NAS CAPAS DE REVISTAS FEMININAS

6.1 ANÁLISE DO TEXTO NÃO VERBAL

Nesta seção, exploramos os três tipos de significados descritos na Gramática Visual (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006): *significados representacionais* (como as imagens representam os participantes, as ações desempenhadas por eles, e em que circunstâncias de tempo e espaço), *significados interacionais* (as relações estabelecidas entre a leitora e as participantes representadas) e *significados composicionais* (a organização, disposição dos elementos nas imagens).

6.1.1 SIGNIFICADOS REPRESENTACIONAIS NAS CAPAS DE REVISTAS FEMININAS

Nossa análise das imagens das capas das revistas femininas apontou para um padrão semiótico comum de construção de significados representacionais. Em termos da análise do texto não verbal, as cinco imagens analisadas (Figura 1) apresentam estruturas *conceituais* – as imagens representam um estado de ser no mundo – e as participantes (modelos), desse modo, não realizam nenhum tipo de ação, mas apenas posam para a fotógrafa, enfatizando seus atributos físicos ou corporais.⁴

⁴ Como adotamos o feminino como genérico, utilizamos a expressão “a fotógrafa” aqui. Entretanto, compartilhamos da visão de John Berger (1972) de que o olhar que enquadra as fotografias da mídia de massas é um olhar masculino, independente do sexo/gênero do profissional envolvido.

Especificamente, as imagens das capas são *conceituais analíticas*, nas quais os elementos estão relacionados por meio de uma estrutura parte-todo (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p. 87) composta por dois tipos de participantes: o *Portador* (todo) e os *Atributos Possessivos* que o formam (partes). Nas capas analisadas, as modelos (todo) possuem uma série de atributos/partes (barriga “chapada”, corpo “sarado”, bumbum “perfeito”, etc.) que as identificam com um modelo de corpo feminino (todo), e que são explicitamente nomeados nas *coverlines* (chamadas de capa) que acompanham as imagens.

Apesar desse padrão semiótico comum, constatamos que as modelos das capas analisadas apresentam diferenças em termos dos atributos que possuem (com exceção da barriga “chapada”, um atributo aparentemente ‘universal’ e ‘imprescindível’ nessa representação de corpo belo feminino). Por exemplo, a modelo de capa da revista *Corpo a Corpo* (a atriz Regiane Alves) usa maquiagem pesada, batom e unhas vermelhas e cabelos volumosos, enquanto a modelo de capa da revista *Women’s Health* usa maquiagem discreta, está mais vestida e usa o cabelo mais ‘natural’. Os atributos que cada modelo de capa apresenta, portanto, constroem, na totalidade, um tipo de corpo e feminilidade vendido por cada revista para um determinado segmento do público consumidor. A mulher de capa da *Corpo a Corpo*, por exemplo, incorpora uma feminilidade do tipo sexy, glamorosa, ao passo que a modelo desconhecida da capa da *Women’s Health* incorpora uma feminilidade do tipo *the girl next door* (uma garota jovem, simpática, bem-educada e bonita).

Nossa suposição é que a escolha de uma garota branca razoavelmente ‘comum’ como modelo de capa é resultante do contexto de produção da revista. A *Women’s/Men’s Health* é uma franquia norte-americana voltada para um segmento consumidor específico nos EUA: homens e mulheres brancos, jovens, classe média/alta. Ao contrário da WH brasileira, a versão norte-americana traz jovens olímpicas conhecidas do público norte-americano (cf. pesquisa informal no banco de imagens do *Google*). Pensamos que um diferente formato de revista é adotado no Brasil porque a maior parcela consumidora da *Women’s Health* é oriunda das classes média/alta⁵, em contraste com as leitoras das outras revistas. Essa parcela da população geralmente não consome a cultura popular da mídia brasileira, mas utiliza-se de outros meios de entretenimento (TV a cabo e tecnologias de transmissão de vídeo online, por exemplo). Desse modo, uma modelo desconhecida, branca e saudável na capa dessa revista torna-se um referencial ‘conhecido’ para garotas de classe média/alta, considerando-se que as celebridades da mídia norte-americana geralmente são desconhecidas do público brasileiro (com exceção das celebridades ‘globais’ como Beyoncé, Mariah Carey, Madonna, etc.).

Alguns traços comuns entre todas as modelos retratadas nas capas são sua afiliação étnica, de classe, de sexualidade e de faixa etária: a maioria esmagadora representa um modelo de beleza feminina branca, de classe média e jovem,⁶ corroborando nosso

⁵ De acordo com dados sobre o perfil da leitora, cf. estudos realizados pela empresa *Ipsos Marplan*, referência nos estudos dos hábitos de mídia e consumo, as leitoras da *Women’s Health* apresentam menor faixa etária (entre 20 e 34 anos) e pertencem em sua maioria à classe B (67%).

⁶ Há pouquíssima diversidade quanto às etnias apresentadas no universo das 120 capas de revista coletadas. Desse total, apenas três capas retratam celebridades negras, no caso as atrizes brasileiras Sheron

argumento de que as identidades acessíveis a cada consumidora em seu processo de individualização vão depender, principalmente, de sua classe social e seu poder de compra.⁷

6.1.2 SIGNIFICADOS INTERACIONAIS NAS CAPAS DAS REVISTAS FEMININAS

Uma característica presente na capa das revistas analisadas é a ausência de cenário (*background*) nas fotos, comum nas imagens analíticas típicas do contexto da moda (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006), por exemplo. Em termo dos significados interacionais, um maior ou menor detalhamento do cenário (contextualização) de uma imagem é geralmente visto como um marcador de modalidade, indicando à leitora o grau de verdade ou credibilidade de uma construção visual (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p. 155). Por exemplo, as capas de quatro das cinco revistas analisadas (*Women's Health*, *Corpo a Corpo*, *Dieta Já!* e *Boa Forma*) apresentam um cenário plano não-modulado no qual as participantes são representadas em um vácuo e não estão conectadas a nenhuma circunstância espacial ou temporal. Nessas capas, a ausência de cenário indica para a leitora um baixo grau de modalidade, diminuindo o grau de realismo da imagem.

De modo geral, a ausência de cenário nas capas é adequada para o propósito comunicativo das estruturas conceituais analíticas, nas quais a interação é mais importante do que a representação (MOTTA-ROTH; NASCIMENTO, 2009, p. 339). Nas capas das revistas femininas, o principal objetivo é focar a atenção da leitora nos atributos físicos das modelos, que compõem o padrão estético corporal vendido pela revista. Um cenário mais detalhado poderia, portanto, desviar a atenção da leitora para detalhes secundários, comprometendo a eficácia retórica da composição visual (KRESS; VAN LEEUWEN, 1996, p. 90-93).

Por outro lado, a capa da *Shape* (Figura 2) é mais contextualizada em comparação com as capas das outras revistas, apresentando mar e céu azuis, o que parece indicar um maior grau de modalidade.

Entretanto, a presença de cenário em todas as capas dessa revista não nos parece apenas um marcador de maior modalidade (conforme apontado na próxima seção), mas um dos elementos que constituem um *Processo Simbólico Atributivo*, ou seja, “o que um participante é ou significa” em termos dos atributos simbólicos que ele (*Portador*) carrega (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p. 105). Kress e van Leeuwen apontam que os processos simbólicos são “objetos” geralmente caracterizados por um dos seguintes

Menezes e Juliana Alves e a cantora americana Beyoncé. Quanto à variável ‘idade’, o espectro também se mostrou pequeno no corpus coletado. Das 120 modelos clicadas para as capas coletadas, apenas quatro tinham idades acima dos 40 anos (Christiane Torloni, Maitê Proença, Claudia Ohana e Luiza Brunet).

⁷ A pós-modernidade trouxe uma redistribuição das liberdades individuais, agora mais fortemente polarizadas entre as elites e as classes trabalhadoras (BAUMAN, 2001). Se aplicarmos essa premissa aos consumidores das classes trabalhadoras e baixas, podemos ver que a polarização das liberdades individuais e da segurança significa, para eles, impotência e insegurança crescentes, impedindo a concretização da promessa mercadológica da individualização: a total liberdade de autoconstituição e autoafirmação através do consumo.

FIGUEIREDO, Débora de Carvalho; NASCIMENTO, Fábio Santiago; RODRIGUES, Maria Eduarda. Discurso, culto ao corpo e identidade: representações do corpo feminino em revistas brasileiras. *Linguagem em (Dis)curso* – LemD, Tubarão, SC, v. 17, n. 1, p. 67-87, jan./abr. 2017.

traços: saliência (*foreground*), presença de um gesto que aponta o atributo para a leitora, deslocamento em relação ao todo e associação convencional com valores simbólicos.

Figura 2 – Capa da revista Shape (2010)



Fonte: banco de imagens do Google (Google Imagens)

No caso da revista *Shape* (Figura 2), os atributos apresentados pela modelo (pele, cabelos e biquíni dourados), em conjunto como o cenário (mar e céu azuis), aludem a significados simbólicos típicos da cultura de praia e de verão, como sol, calor e sensualidade. Esses significados, portanto, são constitutivos da identidade da participante representada. A *Shape* também é uma franquia norte-americana e a escolha dos significados simbólicos na capa da revista reflete o modo como a cultura brasileira é vendida internacionalmente e a importância do corpo como capital na cultura brasileira (GOLDENBERG, 2011), especialmente na Zona Sul do Rio de Janeiro. Desse modo, a *Shape*, como a *Women's Health*, também parece ser destinada para as classes médias.

Além da presença de cenário como uma característica particular da capa da revista *Shape*, também identificamos variações no uso de cor nas imagens de capa da revista *Women's Health*. Nas imagens de capa dessa revista (Figura 3), publicadas no ano de 2010, as modelos são retratadas em cores monocromáticas (preto e branco e tonalidades de sépia), em contraste com as imagens coloridas das capas das outras revistas analisadas.

De acordo com Kress e van Leeuwen (2006, p. 166), o grau de saturação da cor é também um marcador de modalidade, indicando o grau de “realismo” da imagem. No caso das imagens naturalistas ou fotorealistas, o uso moderado de cores em uma escala de saturação indica um alto grau de verossimilhança entre imagem e realidade, ao passo que a ausência total de cores (preto e branco) nessa escala diminuiria significativamente o grau de credibilidade junto à leitora (p. 165).

Figura 3 – Capa da revista Women's Health



Fonte: banco de imagens do Google (Google Imagens)

Com relação à distância entre a leitora e as participantes (modelos) representadas, as imagens apresentam enquadramento mediano, indicando que a distância entre a leitora e as modelos é *social*. As modelos, desse modo, estão a uma distância que possibilita a interação. Por outro lado, verticalmente o ângulo que predomina é alto, uma característica que parece indicar a superioridade das modelos, representantes de sucesso no modelamento do corpo magro e saudável, e no estilo de vida bem-sucedido vendido pelas revistas.

A possibilidade de interação entre as modelos e as leitoras se faz visível por meio do *contato* visual. Em todas as capas analisadas, as modelos estão olhando diretamente para a leitora, exercendo uma forma de *demand*a (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006), chamando a atenção para a necessidade de a leitora ‘adquirir’ um corpo ‘malhado’, dentro dos padrões de beleza vendidos pelas revistas.

Ao mesmo tempo, todas as modelos de capa são clicadas em um ângulo frontal, indicando o envolvimento subjetivo da leitora com as participantes representadas. As modelos não são observadas de modo objetivo (ângulo oblíquo), mas participam do mundo da leitora, interpelando-a da seguinte forma: “O que você vê aqui é possível de ser alcançado! Só depende de você”.

O conjunto de escolhas para a construção de significados interacionais nas capas de revistas analisadas sugere, portanto, que as imagens das modelos das capas não oferecem uma representação verídica ou realista de uma pessoa ou acontecimento, mas visam ao estabelecimento de contato e interação com a leitora. Essa possibilidade de interação é garantida pela proximidade entre as duas, pelo ângulo frontal que estabelece uma perspectiva subjetiva e pelo olhar da modelo que interpela a leitora.

6.1.3 SIGNIFICADOS COMPOSICIONAIS NAS CAPAS DE REVISTAS FEMININAS

Nas capas das revistas femininas analisadas, identificamos um padrão de organização *centro-margem* no qual a modelo ocupa a posição central e está cercada por chamadas verbais (*coverlines*) (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p. 194). A modelo na capa é, portanto, o núcleo da informação e os outros elementos composicionais dependem dela.

A centralidade da modelo de capa é apontada também pela *saliência*⁸ que ela apresenta em relação aos outros elementos da capa. Nas revistas analisadas a imagem da modelo é o elemento que possui o maior tamanho na estrutura composicional e geralmente está sobreposto (*foregrounded*) ao título da revista. Com menos frequência (somente na revista *Women's Health*), as imagens das modelos estão em preto e branco, para destacá-las mais ainda do todo, como já mencionado na seção anterior.

Nas revistas analisadas, não há quadros dividindo os elementos da imagem. A imagem, desse modo, apresenta uma *conexão máxima* entre a modelo e os outros elementos que a circundam (título e *coverlines*). Além disso, as roupas que as modelos vestem costumam ter a mesma cor ou tons de cor parecidos com o do título da revista e de algumas chamadas selecionadas, de forma que as cores estabelecem relações semânticas entre os enunciados e as imagens.

Figura 4 – Capa da revista Corpo a Corpo



Fonte: banco de imagens do Google (Google Imagens)

⁸ De acordo com a gramática visual de Kress e van Leeuwen (2006, p. 177), a *saliência* é grau de atração que os diferentes elementos de uma composição visual exercem sobre as leitoras, a qual varia de acordo com indicadores como tamanho, posição nos planos da figura (primeiro plano ou plano de fundo), saturação de cor e nitidez.

Por exemplo, na capa da revista *Corpo a Corpo* (Figura 4), a atriz Regiane Alves veste um biquíni em duas cores. A parte de cima do biquíni (busto) é azul e a parte de baixo é laranja. As cores dessas peças de roupa da modelo são as mesmas utilizadas em algumas chamadas verbais e título da capa da revista. O título “Corpo a Corpo”, “Barriga Show”, os sinais de mais e o nome da atriz apresentam a mesma cor laranja, estabelecendo uma relação semântica de posse/atributo: a atriz Regiane Alves tem um corpo sarado, a barriga dela é “show”. Por outro lado, a chamada “cabelo (incrível) de salão em casa!”, “make colorido” e “A arma secreta de Juliana Paes para voltar à forma depois da gravidez” apresentam a mesma cor (azul) da parte de baixo do biquíni da modelo. Novamente, uma relação semântica de posse/atributo é estabelecida: Regiane Alves tem um “cabelo (incrível)”, maquiagem (“make”) colorida e, como a atriz Juliana Paes, ela tem uma “arma secreta”, “especial”, para manter a forma. A modelo de capa, portanto, personifica todos aqueles significados ou atributos expressos na linguagem verbal (magra, jovem, etc.) e é o elemento central, de maior destaque na composição visual, se constituindo na “expressão visual do divino e de algum outro poder superior” (ARNHEIM, 1982, p. 72 apud KRESS; VAN LEEUWEN, 2006)

A saliência e a centralidade da imagem da modelo em máxima conexão com as *coverlines* também pode ser interpretada como uma forma de garantir a interação com diversas leitoras que utilizam diferentes ‘caminhos’ na leitura dos textos. Para Kress e van Leeuwen (2006, p. 204-205), o caminho de leitura mais plausível no caso de textos que combinam semioses verbais e visuais é aquele no qual as leitoras primeiramente dão uma olhada nas fotos e, então, iniciam a leitura da esquerda para a direita, da chamada para a foto, para depois, opcionalmente, voltarem a atenção para o corpo do texto verbal. Entretanto, os autores alertam que esse caminho de leitura não é exclusivo, considerando que a saliência em uma imagem é culturalmente determinada, variando de um grupo social para outro.

6.2 ANÁLISE DO TEXTO VERBAL DAS CAPAS DE REVISTAS FEMININAS

Nesta segunda seção, analisamos o texto verbal (títulos e *coverlines*) das capas das revistas femininas em termos de duas dimensões de significado descritas na Gramática Sistemico-Funcional: *metafunção ideacional* e *metafunção interpessoal*⁹.

6.2.1 “SEXY NO BIQUÍNI”: (RE)CONSTRUINDO O CORPO NAS CAPAS DE REVISTAS FEMININAS

Em nossa análise, constatamos que o padrão semiótico de estruturas conceituais analíticas nas imagens das capas, discutido anteriormente, é reforçado ou elaborado pelos textos verbais (títulos e *coverlines*) que acompanham essas imagens.

⁹ Não incluímos a análise da metafunção textual da linguagem porque as capas de revistas são tipicamente compostas apenas por grupos nominais longos (conforme apontamos a seguir), impossibilitando, assim, a análise da ordenação dos elementos nas orações (tema-remata).

Os títulos das revistas se constituem em estratégias discursivas bastante eficazes para a ativação de certas redes de significado e associações na mente das leitoras (MCLOUGHIN, 2000, p. 6). Dentre as cinco capas analisadas, quatro delas recorrem a substantivos ou grupos nominais que ativam determinados campos semânticos e sintetizam uma ideia geral do conteúdo presente em cada uma das revistas.

Por exemplo, o título *Shape* (em português *forma, molde*) faz referência à imagem, aparência externa, contorno e/ou forma do corpo de uma pessoa. Do mesmo modo, o título *Boa Forma* também faz referência a significados semelhantes, mas é mais específico ao definir explicitamente a forma (do corpo) como “boa”, dando a entender, por tabela, que há também a forma corporal ‘ruim’, ‘má’. Por outro lado, o título *Women’s Health* indica a condição de um organismo ou pessoa (mulher) em um determinado momento, livre de doenças, apresentando “bem-estar” mental e/ou físico. Entretanto, como mostraremos a seguir, essa condição de mulher “saudável” sugerida pelo título está associada a um modelo corporal específico que é revelado pelas chamadas (*coverlines*) presentes na capa da revista. Em contraste com os títulos das outras revistas, o título *Dieta Já!* é um imperativo que demanda uma ação da leitora: se submeter a um programa de regime alimentar com o objetivo de perder peso, reduzir medidas e “modelar” o corpo de acordo com um determinado padrão estético.

Prosseguindo com a análise dos significados construídos pelo texto verbal nas capas, percebemos que as chamadas de capa das revistas femininas analisadas geralmente: (1) “nomeiam” os atributos possuídos pelas modelos e/ou (2) avaliam os produtos e as técnicas corporais anunciados para a modelagem do corpo feminino, o que deixa claro o vínculo entre o discurso do culto ao corpo e o discurso do consumo. Essa nomeação é predominantemente realizada por grupos nominais longos, com núcleos modificados por qualificadores e orações encaixadas que funcionam como circunstâncias (de modo ou propósito). Segundo McLoughin (2000, p. 15), uma das razões para o uso de grupos nominais longos é a necessidade da redatora do texto “encapsular” um grande número de informações em um espaço reduzido de forma a antecipar o conteúdo da revista para a leitora, como podemos ver nos exemplos abaixo:

WH#1 - 45 atitudes para ser mais feliz¹⁰

No exemplo WH#1, há um grupo nominal composto pelo núcleo (45 atitudes) e uma circunstância de propósito que apresenta uma oração relacional encaixada (*[você] ser mais feliz*). Por meio dessa chamada, a revista aponta para a leitora (nesse ponto assemelhando-se ao discurso de autoajuda) quais as atitudes “adequadas” para que ela alcance um ‘estado de felicidade’ (“*ser mais feliz*”). A ‘felicidade’ é uma das promessas do modelo de feminilidade vendido pela revista *Women’s Health*, plasmado na imagem da modelo sorridente.

¹⁰ Utilizamos a seguinte notação para fazer referência aos exemplos retirados de cada capa de revista: abreviação do nome da revista (BF- Boa Forma, CC – Corpo a Corpo, DJ – Dieta Já!, SH – Shape e WH – Women’s Health) seguida do número do exemplo (#1, #2, #3...).

CC#2 – *Cabelo (incrível) de salão em casa! Produtos e dicas infalíveis para conseguir uma hidratação perfeita*

O exemplo CC#2 descreve um dos atributos desejáveis (“*cabelo (incrível) de salão*”) para as mulheres que almejam alcançar o padrão de feminilidade incorporado pela atriz Regiane Alves, modelo da capa, que apresenta uma cabeleira supostamente “incrível”. Em seguida, nesse mesmo exemplo, a chamada antecipa o conteúdo da revista, com a promessa de “*produtos e dicas*” (núcleo do grupo nominal) para que a leitora possa cuidar do cabelo em sua própria casa e “*conseguir uma hidratação perfeita*” (circunstância de propósito). Nessa chamada, é importante salientar a escolha de qualificadores (“*incrível*”, “*infalíveis*”, “*perfeita*”) alinhados a uma estética do ‘fantástico’, típica da linguagem jornalística.

Como já mencionamos anteriormente, o texto verbal das capas das revistas geralmente apresenta somente grupos nominais para a construção dos significados ideacionais. Entretanto, a revista *Dieta Já!* também apresenta orações inteiras, às vezes com estrutura complexa:

DJ#5 - Depois de dar à luz gêmeas, Bianca Rinaldi revela como recuperou a forma em tempo recorde.

No Exemplo DJ#5, há apenas uma oração principal composta pelos seguintes participantes: dizente (elíptico – [ela]), processo verbal (“*revela*”), receptor (elíptico – [para você]), verbiagem (“*como recuperou a forma física em tempo recorde*”) e circunstância de tempo-localização (“*Depois de dar a luz gêmeas*”). Nessa oração, é importante notar a presença do verbo “relata” para a representação de uma “atividade” de fala (HALLIDAY, 2004, p. 255) e de uma oração projetada na forma de verbiagem (“*como [ela] recuperou a forma em tempo recorde*”). No caso do Exemplo DJ#5, o processo material transformativo (“*recuperou*”) aparece na oração encaixada seguido de uma meta (“*a forma*”). Aqui vemos outro traço da construção contemporânea da identidade feminina de ‘sucesso’: ‘sacrificar’ seu corpo para a maternidade, uma ‘causa nobre’, é algo socialmente elogiável para as mulheres, contanto que após o ‘sacrifício’ elas voltem a se disciplinar e se realinham rapidamente ao modelo de corpo magro e esbelto.

Apesar da presença de alguns processos verbais e mentais (tais como *revelar*, *contar*, *ensinar*), os processos materiais são aqueles utilizados com maior frequência nas chamadas das capas das revistas analisadas:

Quadro 1 – Processos materiais nas capas das revistas femininas

Revista	Ator/ Circunstância (Modo)/ Grupo nominal	Processo Material	Meta/ Circunstância (Propósito)	Circunstância (Tempo)
Dieta Já!	5 receitas com gelatina + treino power		para as áreas problemáticas	
	Sem cortar nada	diminuí [o prato e] eliminei	30kg	em seis meses
Corpo a corpo	Dieta seca -pneus	queima	5kgs	em um mês
	Tratamentos rápidos	afinam	4cm	em uma sessão
Shape	O produto certo		para seus fios	
	Óleos	(que) derretem	gordura	
Women's Health	O alimento	(que) seca	a barriga	
Boa Forma	A arma secreta de Juliana Paes		para voltar à forma	depois da gravidez

No Quadro 1, as orações/grupos nominais apresentam processos materiais do tipo transformativo (*queima, afinam, derretem, seca, diminuí, eliminei*) que representam as transformações corporais prometidas pelo uso de produtos (*óleos, produto certo*), alimentos/receitas/dietas (*5 receitas com gelatina, o alimento, dieta seca-pneus*) e técnicas/tratamentos corporais (*treino power, tratamentos rápidos, a arma secreta de Juliana Paes*) que funcionam como ‘atores’ não-humanos. Nas orações, o processo material é geralmente seguido de uma Meta (*5 kgs, 4cm, gordura, a barriga*), ao passo que nos sintagmas nominais, há geralmente apenas um grupo nominal seguido de uma circunstância de propósito (*para as áreas problemáticas, para voltar à forma*). Além disso, algumas orações/sintagmas apresentam uma circunstância que aponta o tempo necessário para que a ‘transformação’ ocorra (*em um mês, em uma sessão*) ou que a situa em um período determinado de tempo (*depois da gravidez*).

As escolhas léxico-gramaticais nas capas das cinco revistas femininas analisadas indicam que a transformação, modificação ou adequação do corpo ‘problemático’ a um ideal de beleza “magra” hegemônica deva ser uma necessidade urgente na vida das mulheres brasileiras que aspiram ao sucesso, seja na vida pública ou na vida privada. Esse ideal de sucesso e felicidade é corporificado pela modelo da capa e, mais raramente, por outras leitoras que adquiriram uma silhueta enxuta, ‘desejável’ e supostamente saudável. No processo de transformação ou “docilização” do corpo, cria-se uma metáfora de guerra (“a arma secreta”, “os truques”, “operação noiva linda!”, etc.) na qual a leitora utiliza soluções rápidas e instantâneas para resolver seus problemas corporais. Há, desse modo, a criação de um nexos causal quase mágico entre a aquisição de produtos ‘milagrosos’ e a obtenção de um corpo belo e livre de imperfeições, que supostamente garantiria a posse e manutenção de uma identidade feminina bem-sucedida.

6.2.2 “APRENDA COM ELA!”: CONSTRUINDO RELAÇÕES SOCIAIS NAS CAPAS DAS REVISTAS FEMININAS

Nas *coverlines* das cinco capas de revistas femininas analisadas, as redatoras e as leitoras assumem funções discursivas bem definidas nas interações. Nessas interações, há geralmente a troca de *bens e serviços* (HALLIDAY, 2004 p. 107), nas quais as redatoras (por meio das *coverlines*) demandam das leitoras, por meio de orações no modo imperativo, ações no mundo (*comandos*) em termos de:

1. Uso de tratamentos e produtos estéticos para o corpo

SH#8 - *Ame* seu cabelo [use] o produto certo para seus fios

CC#9 - [*Faça* um] cabelo incrível de salão em casa!

2. Adoção de tipos distintos de exercícios físicos e regimes alimentares para o emagrecimento/modelamento do corpo

DJ#10 - Agora não tem desculpa *escolha* a aula certa que tem a sua cara e *malhe* já!

WH#11 - Exercícios [*faça* ou *adote*] uma série imbatível para desfilas na praia sem canga

SH#12- *Comece* agora! Plano pré-carnaval *emagreça* 2kg, 4kg ou 6kg em um mês

BF#13 - *Perca* 6kg em um mês com o chá das 3 ervas

3. Atividades de lazer e relações íntimas

WH#14 – [*Faça*] sexo incrível o mês inteiro todos os dias mesmo!

WH#15 - *Veja* o sol nascer na praia, *convide* um cara para sair, *dê* uma festa espetacular...

Nas chamadas das capas analisadas, identificamos também, com menor frequência, a troca de informações por meio de orações declarativas, nas quais um especialista em saúde ou beleza (médico, nutricionista, cabeleireiro, etc.) fornece ‘dicas’ e ‘truques’ para a leitora supostamente leiga. A troca de informações também está presente na revista *Dieta Já!*, porém nessa revista há uma tendência ao uso do discurso testemunhal, no qual uma leitora selecionada fornece informações, contando sua experiência pessoal de emagrecimento e servindo como um modelo a ser seguido pelas demais leitoras:

CC#16 - Make colorido Fernando Torquatto, o maquiador das estrelas, ensina looks para arrasar na balada

DJ#17 - Médicas e nutricionistas contam seus truques para manter a silhueta. Copie e arrase!

DJ#18 – Mariana Assayeg “Sem cortar nada, diminuí o prato e eliminei 30 kg em seis meses”

Orações no modo interrogativo, sugerindo *demanda de informações* (perguntas), também estão presentes nas capas das revistas analisadas. Entretanto, as perguntas são retóricas, pois é no conteúdo da revista que a leitora encontra as respostas. Há, desse modo, a criação de um padrão textual *problema-solução*, no qual a revista feminina se torna um manual que oferece soluções para a leitora que enfrenta problemas relacionados à manutenção do corpo ‘magro’ e precisa aprender a ‘controlar’ a alimentação:

CC#19 – Você vive se torturando pelos deslizes que comete em sua alimentação?
SH#20 - Quantas calorias você realmente precisa? Saiba mais!

7 COMENTÁRIOS FINAIS

O discurso do culto ao corpo, como forma disciplinar, é um importante recurso utilizado para docilizar nossos corpos e desviar nosso olhar das questões estruturais e sistêmicas que nos afligem na contemporaneidade (como a concentração cada vez maior de riquezas e a globalização da miséria, as desigualdades geradas e mantidas por hierarquias de classe, gênero e raça, o desemprego estrutural, a fragilização das relações trabalhistas, a competitividade, a falência do modelo de produção capitalista neoliberal, a destruição do meio ambiente natural, a baixa qualidade de vida nas grandes áreas urbanas). Nas capas das revistas femininas analisadas, esse discurso é materializado nas imagens das modelos e seus atributos físicos, que constroem um tipo de corpo e feminilidade vendido por cada revista para um determinado segmento do público consumidor. Nessas capas, o principal objetivo é focar a atenção da leitora nas características físicas das modelos como estratégia de venda dos produtos/serviços promovidos nos textos verbais, que prometem soluções muitas vezes imaginárias para reduzir a complexidade de nossas condições contemporâneas.

Nessa mesma linha, os textos verbais “nomeiam” os atributos das modelos e/ou avaliam os produtos e as técnicas corporais anunciados para a modelagem do corpo feminino, o que deixa claro o vínculo entre o discurso do culto ao corpo e o discurso do consumo. A adequação do corpo da leitora ao ideal construído e prometido pelas capas é representada como um imperativo inescapável para que a mulher brasileira alcance a tríade beleza-saúde-felicidade. Essa tríade é geralmente representada pela modelo-celebridade da capa e, mais raramente, por uma leitora que também ‘adquiriu’ um corpo canônico de sucesso (branco, magro, curvilíneo, bem vestido). E esse processo de construção de um estilo de vida e uma identidade ‘de sucesso’, no marco de nossos tempos líquidos, móveis e fragmentados, deve ser rápido, daí a promessa midiática de que ele pode ser alcançado por meio das soluções quase mágicas ou instantâneas representadas pelos produtos e serviços promovidos.

Em resumo, o discurso das revistas femininas ‘vende’ todos os dias a promessa de felicidade, beleza, saúde e sucesso para aquelas mulheres que docilizarem seus corpos e mentes, embarcando nas práticas de consumo que compõem o culto ao corpo e a estetização geral da vida humana. Mulheres individuais são ensinadas, através dos modelos corporais, dos estilos de vida e das identidades femininas postos em circulação e legitimados diariamente nos discursos midiáticos, a buscarem soluções cosméticas e pessoais para pressões sistêmicas (por ex., o imperativo do corpo magro, a fobia ao sobrepeso e à gordura, o imperativo da juventude, o imperativo da felicidade constante e instantânea), e que recursos usar para construir identidades ‘bem sucedidas’ e felizes. Entretanto, o acesso a essas soluções e, conseqüentemente, aos estilos de vida disponíveis, depende da capacidade individual de consumo dessas mulheres, determinadas por suas posições em hierarquias de classe.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Z. *A sociedade individualizada*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BERGER, J. *Ways of seeing*. London: British Broadcasting Corporation and Penguin Books, 1972.
- BOURDIEU, P. *Distinction: A social critique of the judgment of taste*. London: Routledge and Kegan Paul, 1984.
- CASTRO, A. L. de. *Culto ao corpo e sociedade: mídia, estilos de vida e cultura de consumo*. São Paulo: Annablume, 2003.
- CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. *Discourse in late modernity*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.
- FAIRCLOUGH, N. A análise crítica do discurso e a mercantilização do discurso público: as universidades. In: MAGALHÃES, C. (Org.) *Reflexões sobre a análise crítica do discurso*. Belo Horizonte: FALÉ-UFMG, 2001, p. 31-82.
- FRIDMAN, L. C. Vertigens pós-modernas (Giddens, Touraine, Bauman). *Lua Nova* (Impresso), São Paulo, v. 47, p. 157-177, 1999.
- GIDDENS, A. *Modernity and self-identity*. Cambridge: Polity, 1991.
- GOLDENBERG, M. Corpo, envelhecimento e felicidade na cultura brasileira. *Contemporânea*, v.9, n.2, p. 75-85, 2011.
- HALLIDAY, M.; HASAN, R. *Language, context and text: Aspects of language in a social semiotic perspective*. Oxford: Oxford University Press, 1989.
- HALLIDAY, M.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. *An introduction to functional grammar*. 3rd Ed. London: Edward Arnold, 2004.
- HEBERLE, V. Revistas para mulheres no século 21: ainda uma prática discursiva de consolidação ou de renovação de ideias? *Linguagem em (Dis)curso*, v.4, n.esp, p. 85-112, 2004.
- HEPBURN, A.; WIGGINS, S. Size matters: Constructing accountable bodies in NSPCC helpline interaction. *Discourse & Society*, v.16, n.5, p. 625-645, 2005.
- JACKSON, P. Consumption and identity: The cultural politics of shopping. *European Planning Studies*, v.7, n.1, p. 25-39, 1999.
- KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. *Reading images: the grammar of visual design*. London, Routledge, 1996/2006.
- MCCLOUGHIN, L. *The language of magazines*. London: Routledge, 2000.
- MORIN, E. *Cultura de massa no século XX: neurose*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1984.
- MOTTA-ROTH, D.; NASCIMENTO, F. *Transitivity in visual grammar: concepts and applications*. *Linguagem & Ensino*, v.12, n.2, p. 319-349, 2009.

Recebido em 15/07/16. Aprovado em: 30/12/16.

Title: *Discourse, body cult and identity: Representations of the female body in Brazilian magazines*

Authors: *Débora de Carvalho Figueiredo; Fábio Santiago Nascimento; Maria Eduarda Rodrigues*

Abstract: *In this article, we investigate representations of the female body in Brazilian magazines for women in order to interpret and explain how new models of body and identity are connected to the phenomenon of commodification of discourse, and mainly to consumer culture. Five magazine covers were analyzed based on a systemic-functional perspective on language (HALLIDAY, 2004). Our analysis demonstrates that the visual focus on the cover girls' physical attributes, combined with the cover lines naming the attributes and/or evaluating advertised products, construct the link between the discourse of body cult and the discourse of commodification. The acquisition of products and services, therefore, becomes an inescapable prerogative in the lives of Brazilian women who individually seek the promise of health, beauty and success, according to their purchasing power.*

Keywords: *Critical discourse analysis. Women's magazine. Cult of the body. Commodification. Late modernity.*

Título: *Discurso, culto al cuerpo e identidad: representaciones del cuerpo femenino en revistas brasileñas*

Autores: *Débora de Carvalho Figueiredo; Fábio Santiago Nascimento; Maria Eduarda Rodrigues*

Resumen: *En este artículo investigamos las representaciones del cuerpo femenino en revistas femeninas brasileñas, de manera a interpretar y explicar cómo los nuevos modelos de cuerpo e identidad están ligados al fenómeno de la co-modificación del discurso, principalmente con la cultura del consumo. Cinco portadas de revistas fueron analizadas bajo una perspectiva sistémica e funcional del lenguaje (HALLIDAY, 2004). Nuestro análisis demuestra que el enfoque visual en los atributos físicos de las modelos, en combinación con las llamadas de capa nombrando esos atributos y/o evaluando los productos anunciados construye el vínculo entre el discurso del culto al cuerpo y el discurso de la co-modificação. La adquisición de productos y servicios, de ese modo, se cambia en prerrogativa inescapable en la vida de mujeres brasileñas que buscan individualmente la promesa de salud, belleza y suceso, de acuerdo con sus capacidades de compra.*

Palabras-clave: *Análisis crítica del discurso. Revista femenina. Culto al cuerpo. Co-modificación. Modernidad tardía.*



Este texto está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-4017-170105-3316>

EMOÇÃO E TELENVELA: UM ESTUDO DAS ESTRATÉGIAS DE PATEMIZAÇÃO EM O ASTRO

Leonardo Coelho Corrêa-Rosado*
Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Letras
Belo Horizonte, MG, Brasil

Mônica Santos de Souza Melo**
Universidade Federal de Viçosa
Departamento de Letras
Viçosa, MG, Brasil

Resumo: *O presente trabalho objetiva descrever e analisar as estratégias de patemização em um plot, isto é, em uma trajetória de ação narrativa, na telenovela O Astro, a partir de 10 sequências audiovisuais que representam este plot. A novela foi exibida pela Rede Globo entre 12 de julho e 28 de outubro de 2011 no horário das 23 horas. A pesquisa foi realizada a partir do arcabouço teórico-metodológico da Teoria Semiolinguística (CHARAUDEAU, 1983, 1992, 1995, 2006). Para a análise da patemização, estratificamos o objeto de estudo em dois estratos: verbal e visual-filmico. Os resultados evidenciaram que, como estratégia discursiva, a patemização toca o plano da captação: a instância midiática deseja emocionar o telespectador com o intuito de mantê-lo cativo durante a exibição da telenovela.*

Palavras-chave: *Semiolinguística. Telenovela. Emoção.*

1 INTRODUÇÃO

Assistir telenovela é um hábito muito comum na vida de muitos brasileiros. Diante da TV, parecemos compartilhar as mesmas emoções que os personagens vivem ao longo da história. Rimos e choramos com eles; sofremos quando as coisas que lhes ocorrem não parecem ir muito bem; encaramo-los como pessoas próximas, quase membros da família. Enfim, neste espetáculo televisivo que parece representar a vida, a emoção joga um papel importante. As telenovelas são, então, construídas para fazer rir e chorar e, no fim das contas, acabam fazendo exatamente isso: emocionando os telespectadores.

No entanto, como a emoção, do ponto de vista discursivo, funciona na telenovela? De que estratégias o enunciador (como discurso, a telenovela pressupõe um sujeito que a

* Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos. Bolsista CAPES/DS. E-mail: timtimcorre@hotmail.com

** Professora Associada II. Doutora em Estudos Linguísticos pela UFMG. E-mail: monicassmelo@yahoo.com.br

enuncia) lança mão para emocionar o telespectador? Como os signos são organizados para atingir esta finalidade comunicativa? Estas são algumas perguntas que pretendemos responder com este artigo.

Assim, o presente trabalho é um estudo da emoção na telenovela. Para tal selecionamos a telenovela *O Astro*, exibida pela Rede Globo de televisão em 2011 no horário das 23h. Nosso objetivo é compreender o modo como a emoção opera no discurso, descrevendo e analisando as estratégias de patemização em um *plot* da telenovela selecionada, a partir de 10 sequências audiovisuais que o representam.

Este estudo está baseado no arcabouço teórico-metodológico fornecido pela Teoria Semi linguística (TS) de Patrick Charaudeau, mais precisamente no conceito de *patemização* definido pela teoria.

2 DISCURSO, EMOÇÃO E SEMIOLINGUÍSTICA: A PATEMIZAÇÃO

Segundo Charaudeau (2000, 2008, 2010), no quadro da Teoria Semi linguística, a emoção deve ser encarada em uma perspectiva de *efeito discursivo* engendrado pelo discurso ou ato de linguagem. Nesse sentido, a emoção não se constitui como uma manifestação do sujeito, muito menos como o sintoma do comportamento coletivo, mas como um *signo discursivo portador daquilo que pode advir ao sujeito* pelo fato deste sujeito reconhecê-lo, através dos discursos de representação socialmente codificados, como uma figura sobre a qual se apoia o discurso.

Em outras palavras, a proposta de Charaudeau (2000) é estudar a emoção como um *efeito visado (e não produzido)* pelo sujeito enunciador, isto é, como um *efeito que este pretende ver atingido por meio de sua encenação discursiva*.

De forma a delimitar o escopo do estudo da emoção no discurso, Charaudeau (2010) denomina tais efeitos de *efeitos patêmicos*, justificando que:

[é] a razão pela qual prefiro os termos “pathos”, “patêmico” e “patemização” em lugar de emoção. Isso me permite, por um lado, inserir a análise do discurso das emoções na filiação da retórica que desde Aristóteles trata os discursos em uma perspectiva de visada e de efeitos [...], por outro lado, me permite dissociar a análise do discurso, caso seja necessário, da psicologia e da sociologia. (CHARAUDEAU, 2010, p. 35).

Sendo, então, uma categoria de efeito, o tratamento discursivo das emoções se dá a partir de três aspectos:

- *as emoções são de ordem intencional*, uma vez que elas se experimentam no sujeito como a representação de um objeto em direção ao qual ele se move, ou que ele tenta combater. Elas se manifestam como um agir para chegar a um objetivo, sendo desencadeadas por algo que é da ordem do desejo;
- *as emoções estão ligadas aos saberes de crenças*, visto que estão sujeitas a julgamentos que se apoiam nas crenças partilhadas por um grupo social, cujo respeito às normas ou não acarretaria uma sanção social. Assim, as emoções são estados mentais que se apoiam sobre os saberes de crenças, saberes esses

estruturados ao redor de valores polarizados e dependentes da subjetividade do sujeito, uma vez que elas existem em razão dessa subjetividade;

- as emoções se inscrevem em uma problemática de *representação psicossocial* pelo fato de serem estados mentais intencionais que se apoiam sobre saberes de crença. Dessa forma, as emoções são *representações patêmicas* que descrevem uma situação a propósito da qual um julgamento de valor, coletivamente partilhado e instituído em uma norma social, envolve um actante, que é um ser beneficiário ou vítima e ao qual o sujeito da representação se encontra ligado. É, nesse sentido que Charaudeau (2000) fala de *tópica das emoções*.

Assim, o estudo da patemização toca na questão de que a construção discursiva do sentido é uma encenação dos efeitos visados que depende das inferências produzidas pelos parceiros do ato de linguagem, sendo que essas inferências dependem dos conhecimentos (saberes) da situação de comunicação. Logo, a organização do universo patêmico está calcada na situação social e sociocultural na qual a troca comunicativa se inscreve.

A patemização é, então, o resultado de um jogo entre as instruções contratuais e as liberdades enunciativas, o que pressupõe condições para a sua realização. Charaudeau (2000) lista três condições para a organização desse tipo de efeito de sentido no discurso:

- a) **Dispositivo comunicativo:** os componentes do contrato de comunicação, sobretudo a finalidade e a identidade, devem predispor ao efeito patêmico, pois, como vimos, é a situação de comunicação que emana instruções discursivas para o desenvolvimento dos processos linguageiro do ato de influência;
- b) **Campo temático:** o campo temático em que o ato de linguagem se apoia deve prever um universo de patemização e produzir uma certa organização das tópicas (imaginários sociodiscursivos) para produzir um efeito patêmico;
- c) **Espaço de estratégia:** a instância enunciativa, ou o sujeito enunciador, deve, no interior do processo de dramatização, utilizar uma encenação discursiva com finalidade patemizante, isto é, as estratégias devem ser organizadas para produzir efeitos patêmicos.

No discurso, o efeito patêmico pode ser obtido de forma *explícita e direta*: o sujeito enunciador (EUE) emprega palavras que remetem a um universo emocional, de tonalidade patêmica; ou pode ser obtido de forma *implícita e indireta*: o EUE emprega palavras que, aparentemente, são neutras do ponto de vista da emoção.

3 A TELENOVELA O ASTRO: CONHECENDO O CORPUS

A telenovela *O Astro*, exibida pela Rede Globo de Televisão entre os dias 12 de julho e 28 de outubro de 2011, é um *remake*, escrito por Alcides Nogueira e Geraldo Carneiro, da obra de Janete Clair *O Astro*, também exibida pela mesma emissora, de 6 de dezembro de 1977 a 8 de julho de 1978. O *remake* de 64 capítulos foi ao ar de terça a sexta-feira na faixa das 23h, inaugurando, com isso, um novo horário para a exibição de telenovelas no âmbito da grade de programação da Rede Globo.

Uma das tramas do *remake* de *O Astro* é o misterioso assassinato de Salomão Hayalla, um empresário de grandes posses, muito materialista e presidente do Grupo

Hayalla. O assassinato, ocorrido no capítulo 15, gerou um grande suspense ao longo da exibição dos demais 49 capítulos da telenovela, pois as identidades dos assassinos só foram reveladas no último capítulo.

A trama resume-se da seguinte maneira: Salomão Hayalla (Daniel Filho) dedicou sua vida a angariar dinheiro e a aumentar sua fortuna. Seu jeito controlador, prepotente e arrogante despertou a ira dos irmãos, das cunhadas e principalmente da esposa, Clô Hayalla (Regina Duarte). Ao ser questionado publicamente pelo filho Márcio (Thiago Fragoso), Salomão decide interná-lo em uma clínica de doentes mentais. Indignada com a atitude desumana do marido para com o filho, Clô começa a planejar a morte dele. Em uma festa na mansão dos Hayallas, Clô empurra o marido pela janela e efetiva seu plano. A cena deixa oculta a verdadeira identidade do assassino, revelada somente no último capítulo. A trama se desenvolve de modo a levantar no telespectador a pergunta “quem matou Salomão Hayalla?”. Uma lista de suspeitos é criada no próprio desenrolar da telenovela.

A morte de Salomão, entretanto, não é somente conduzida por sua esposa, Clô. Outros personagens entram em jogo como auxiliares, sem, entretanto, configurar uma ação planejada pelo grupo. Cada um tenta matar Salomão por razões próprias que, por acaso do “destino”, acabam convergindo e configurando o assassinato. O mordomo Inácio (Paschoal da Conceição), indignado com o jeito cruel do patrão, troca os antiácidos de Salomão por um veneno poderoso, o polônio. O irmão, Youssef Hayalla (José Rubens Chachá), a mando de sua esposa Nádia (Vera Zimmermann), dá uma coronhada na cabeça de Salomão com uma pistola prata oferecida pela esposa. Já Clô empurra o marido pela janela, completando o quadro.

O processo de investigação do assassinato é conduzido pelos inspetores da Delegacia de Homicídios, Estáquio (Daniel Dantas) e Elizabeth (Úrsula Corona). No capítulo 64 (último capítulo), os inspetores se reúnem na sala-de-estar da mansão dos Hayalla e revelam, não só para as personagens, mas também para o telespectador, os assassinos de Salomão.

O nosso *corpus* foi constituído por 10 sequências audiovisuais que representam a trama descrita acima e que denominamos “*Quem matou Salomão Hayalla?*”. A trama em questão se materializa, basicamente, em sequências que evidenciam as causas da morte (intrigas familiares), a morte e a revelação do(s) assassino(s). A tabela 1 mostra a relação de sequências por capítulo, sua denominação em nosso corpus e sua duração.

Após a seleção das sequências, realizamos a transcrição audiovisual de cada uma delas, seguindo as orientações gerais propostas por Melo (2003). De acordo com esta pesquisadora, a transcrição audiovisual deve se realizar a partir de dois principais elementos:

- a) reprodução do estrato verbal, isto é, dos enunciados orais ou escritos que se apresentam no interior das sequências;
- b) congelamento e reprodução das imagens quadro a quadro, a partir de processos digitais e composição dos videogramas.

Tabela 1 – Sequências que constituem o *corpus* de pesquisa considerando suas denominações ao longo do trabalho e sua duração (parcial e total)

CAPÍTULOS	DENOMINAÇÃO	DURAÇÃO		
Capítulo 1	CAP01SEQ01	00:04:10	00:04:10	
Capítulo 2	CAP02SEQ02	00:06:49	00:06:49	
	CAP02SEQ03	00:01:35	00:01:35	
	CAP02SEQ04	00:01:24	00:01:24	
	CAP03SEQ05	00:05:10	00:05:10	
Capítulo 3	CAP03SEQ06	00:00:58	00:00:58	
	CAP15SEQ07	00:00:30	00:00:30	
Capítulo 15	CAP15SEQ08	00:00:27	00:00:27	
	CAP15SEQ09 - Parte 1	00:00:52	00:16:08	
	CAP15SEQ09- Parte 2	00:03:45		
	CAP15SEQ09 - Parte 3	00:06:22		
	CAP15SEQ09 - Parte 4	00:05:09		
	Capítulo 64	CAP64SEQ10 - Parte 1	00:01:54	00:16:43
		CAP64SEQ10 - Parte 2	00:14:49	
TOTAL		00:53:54		

A decomposição das 10 sequências audiovisuais do nosso *corpus* totalizou 2265 videogramas. Tal decomposição se justifica pelo fato de adotarmos como procedimento metodológico a *estratificação do objeto em um nível de análise autônoma das substâncias semiológicas* tal como propõe Charaudeau (1995). O referido pesquisador argumenta que, no caso de textos sincréticos – como é a telenovela –, a análise deve ser conduzida de forma a contemplar separadamente cada substância semiológica envolvida na configuração do ato de linguagem estudado. Este tipo de procedimento possibilita a descoberta das unidades próprias de cada estrato e o modo de agenciamento delas no discurso. Charaudeau (1995) complementa que, só em um segundo momento, as relações entre estratos devem ser contempladas, de forma a interpretar o todo do ato de linguagem em análise.

Desse modo, a decomposição em videogramas permitiu-nos compreender melhor o funcionamento da patemização no estrato visual-filmico. Além do mais, a totalidade de videogramas encontrada foi considerada para a confecção dos gráficos apresentados ao longo do trabalho. A tabela 2 a seguir mostra o número de videogramas levantados por sequência.

Ressaltamos que a coleta dos capítulos da telenovela foi realizada durante todo o período de exibição de *O Astro*, a partir de gravações digitais, utilizando um *hardware* e *software* adequados. Em termos de *hardware*, valemo-nos de uma placa de captura de vídeo do tipo TV Turner. Em relação ao *software*, utilizamos o disponibilizado pela placa, o ENUTV-3.

Tabela 2 – Relação entre sequências e decomposição em videogramas

Sequência	Duração	Número de Videogramas
CAP01SEQ01	00:04:10	258
CAP02SEQ02	00:06:49	263
CAP02SEQ03	00:01:35	86
CAP02SEQ04	00:01:24	78
CAP03SEQ05	00:05:10	219
CAP03SEQ06	00:00:58	47
CAP15SEQ07	00:00:30	22
CAP15SEQ08	00:00:27	27
CAP15SEQ09	00:16:08	646
CAP64SEQ10	00:16:43	619
Total	00:53:54	2265

4 CONDIÇÕES DE PATEMIZAÇÃO

Como já mencionamos, as condições de patemização correspondem aos requisitos necessários para que os efeitos patêmicos se realizem no interior de um ato de linguagem. Elas são, portanto, elementos que garantem que um determinado ato de linguagem produza efeitos de sentido ligados à suscitação de emoções no destinatário, ou seja, a efeitos de sentidos que levem, em uma perspectiva de influência, o destinatário a um fazer-sentir – uma *visada emocional*, nas palavras de Lochard e Souleges (1998).

Nas subseções que seguem apresentaremos os resultados encontrados na análise de nosso *corpus* no que tange às três condições de patemização arroladas por Charaudeau (2000), *dispositivo enunciativo*, *campo temático* e *estratégias*.

4.1 DISPOSITIVO COMUNICATIVO

Em um trabalho anterior sobre o qual abordamos a *telenovela das 23h* em termos de sua configuração genérica¹, apontamos que o referido gênero² tem como finalidade *contar uma história, por meio de diálogos e imagens, para os telespectadores, com vistas a entrete-los*. Nesse sentido, tal finalidade organiza-se por propor ao telespectador uma *satisfação hedônica*, ou seja, a finalidade é *faire-plaisir* (fazer-agradar) em função da história que é contada por meio das imagens e dos diálogos.

¹ Estamos nos referindo ao nosso trabalho publicado neste mesmo periódico no volume 15, número 2, de 2015, cujo título é “A telenovela das 23h: uma descrição do gênero a partir da teoria semiolinguística”.

² Partindo do postulado bakhtiniano de que é preciso certas referências para comunicar, Charaudeau (2004) entende que os gêneros estão ancorados na dimensão social da linguagem, sem esquecer de suas outras dimensões, a discursiva e a formal. Com isso, ele os denomina *gêneros situacionais*, na medida em que as características do discurso dependem essencialmente de suas condições de produção em determinadas situações, isto é, dos dados do contrato comunicacional que modela a situação de troca verbal.

Esse *fazer-agradar* permite atualizar uma visada³ emocional que se define por um projeto de fala que procura suscitar no destinatário um conjunto de emoções e afeições, fazendo dele um sujeito “que sente”. Suscintamente, esta visada pode ser compreendida da seguinte maneira: eu quer “agradar” (fazer-agradar) e tem condições para tal, já que possui meios de suscitar emoções e afeições; tu se encontra em posição de “ser agradado” e de “sentir” as emoções suscitadas.

Assim, a finalidade comunicativa do gênero engendra uma visada emocional em seu contrato comunicacional, garantindo, com isso, a predisposição a efeitos patêmicos no que concerne ao seu dispositivo comunicativo.

Logo, as sequências audiovisuais que constituem o nosso *corpus*, por serem fragmentos do ato de linguagem telenovélistico, cumprem, todas elas, essa primeira condição de patemização. Em outras palavras, as sequências possuem um dispositivo comunicativo que predispõe o destinatário a efeitos patêmicos.

Além do contrato comunicacional, o dispositivo enunciativo de ficção⁴ – dispositivo esse que a telenovela assume para encenar suas estratégias e mobilizar os recursos linguageiros do dispositivo televisivo – também permite a predisposição a efeitos patêmicos no interior da encenação discursiva. Tal dispositivo propõe, por um lado, uma clausura diegética ao construir uma realidade espaço-temporal independente reportada a um Eu origem fictícia (o narrador) e, por outro lado, exige do interpretante um esforço cooperativo para acreditar na história apresentada pela tela da TV.

Desse modo, este dispositivo enunciativo coloca o telespectador (o nosso sujeito interpretante, ou TUi) na posição de um observador-testemunha, suscitando de sua parte uma atitude de projeção-identificação. O dispositivo de ficção predispõe, então, o telespectador (TUi) a ressentir os efeitos visados pela instância midiática, já que tal sujeito pode se identificar com o estado emocional de alguma figura actorial do mundo diegético criado pelo dispositivo.

Portanto, no que concerne à primeira condição de patemização, tanto o contrato que sobredetermina o gênero da telenovela *O Astro*, quanto o dispositivo enunciativo de ficção utilizado para realizar a encenação discursiva do ato de linguagem em estudo possibilitam a predisposição a efeitos patêmicos, uma vez que as condições contratuais da troca possuem uma finalidade patemizante, materializada pela visada emocional, e a atitude de projeção-identificação instaurada pelo dispositivo enunciativo de ficção garante que o telespectador possa ressentir os efeitos emocionais visados.

³ Charaudeau (2004, p. 23) define visada como sendo uma intencionalidade psico-sócio-discursiva que determina a expectativa do ato de linguagem, correspondendo, com isso, a uma atitude enunciativa de base definida tanto pela intenção comunicativa do sujeito comunicante, quanto pela identidade que ele atribui ao sujeito interpretante.

⁴ De acordo com Lochard e Soulages (1998), o dispositivo enunciativo de midiatização corresponde a uma mecânica discursiva que sobredetermina os programas televisuais, mobilizando procedimentos linguageiros característicos e também revelando estratégias discursivas específicas. Assim, tal dispositivo rege o posicionamento do enunciador e do telespectador, já que ele corresponde ao suporte da discursivização (*mise en discours*).

4.2 CAMPO TEMÁTICO

Nosso *corpus* é constituído de sequências audiovisuais que representam um determinado *plot* (trama narrativa) da história da telenovela *O Astro*. O *plot* escolhido para esse trabalho foi denominado “Quem matou Salomão Hayalla?”, uma vez que nele as ações centrais correspondem ao assassinato do empresário, à investigação desse assassinato e, conseqüentemente, à revelação dos assassinos da figura atorial/personagem Salomão Hayalla.

Nesse sentido, se a condição do campo temático deve prever a existência de um universo de patemização, o nosso *corpus*, por representar o *plot* em questão, realiza, numa perspectiva macro, essa segunda condição de patemização. Isso ocorre pelo fato de o *plot* selecionado propor uma organização de tópicos susceptíveis de produzir esse tipo de efeito. Isto é, o *plot* “Quem matou Salomão Hayalla?” suscita certos universos temáticos, tais como aqueles ligados à questão do assassinato, da morte, da investigação policial, que acionam tópicos ligadas à emoção.

As tópicos que estruturam o universo de patemização de um determinado ato de linguagem correspondem, em Charaudeau (2000), a certos tipos de imaginários sociodiscursivos compartilhados por um dado grupo social. Para Charaudeau (2007), os *imaginários sociodiscursivos* constituem-se em um modo de apreensão do mundo, que está calcado nos saberes que os membros de um determinado grupo compartilham entre si. Desse modo, os imaginários são uma construção coletiva que, ao mesmo tempo, identifica esse grupo, cria-lhe valores e justifica as ações que os indivíduos realizam. Eles possibilitam dar significação à realidade, já que toda produção discursiva os engendra no processo de simbolização do mundo.

Nesse sentido, o universo temático de nosso *corpus* é patêmico na medida em que os imaginários sociodiscursivos que balizam tal universo são tidos como tal. A ideia de assassinato (e, por conseguinte, a de morte) suscita tópicos variadas como a da dor, a da angústia e a da repulsa, no âmbito de nossa sociedade. Logo, o nosso *corpus*, ao lidar com processos narrativos que estão calcados nessas tópicos, faz levantar no âmbito da encenação discursiva um conjunto de saberes de crenças ligadas à emoção.

4.3 ESPAÇO DE ESTRATÉGIAS

A noção de *estratégias discursivas* repousa sobre a ideia de que o sujeito comunicante concebe, organiza e concretiza suas intenções de modo a produzir determinados *efeitos* sobre o sujeito interpretante, levando este último, em uma problemática de influência, a se identificar com o sujeito destinatário idealizado e construído pelo primeiro. Nesse sentido, se o sujeito comunicante deseja emocionar o seu interpretante, ele deve valer-se de uma *mise en scène* discursiva com uma visada patemizante. Em outras palavras, ele deve procurar gerar efeitos de sentido que suscite emoções em seu interpretante. Entretanto, como as estratégias são *efeitos visados*, nada garante que o interpretante sinta as emoções que o comunicante idealizou ao produzir o ato de linguagem.

No que concerne ao nosso *corpus*, as estratégias de patemização ocorrem nos estratos languageiros em que o ato de linguagem telenovélistico se apoia. Dessa forma, podemos dizer que há estratégias de ordem verbal e estratégias de ordem visual-fílmica⁵. Cada um desses tipos de estratégia mobiliza recursos do aparelho formal das materialidades significantes envolvidas na produção de sentido com o intuito de suscitar emoções no telespectador da telenovela (nosso TUi).

Como o ato telenovélistico é configurado por um contrato comunicacional que constringe as condições da troca, o sujeito comunicante, ao produzir estratégias de patemização nos estratos languageiros considerados, não pode deixar de levar em conta tais restrições. Logo, há um espaço de estratégia disponibilizado pelas restrições contratuais que o sujeito considera ao procurar influenciar o seu interpretante no que tange ao processo de dramatização.

Nesse contexto, cumpre-nos destacar que a comunicação midiática⁶, segundo Charaudeau (2006) e Lochard e Soulages (1998), se realiza na tensão entre informar/explicar/entreter e captar o público a que ela se dirige. Isso ocorre pelo fato de as mídias se organizarem em função de uma lógica cívica, que é esta de informar/explicar/entreter o cidadão, e uma lógica econômica/comercial, que faz com que elas captem o maior número de pessoas de forma a sobreviver à concorrência de outras mídias no mercado de bens de consumo (CHARAUDEAU, 2006).

Como as estratégias de patemização são organizadas no discurso em função da margem de manobra disponibilizada pelas restrições contratuais, podemos compreender que tais estratégias, no que diz respeito ao ato de linguagem em estudo, procuram tocar o plano da captação. Nesse sentido, as estratégias de patemização encontradas em nosso *corpus* são encenadas no âmbito do ato de linguagem telenovélistico com o intuito de captar o público e garantir, por um lado, o consumo desse produto televisivo e, por outro lado, a audiência para a emissora.

A telenovela está organizada na divisão de blocos e na divisão de capítulos. Nesse sentido, as estratégias de patemização funcionam no sentido de garantir o consumo da telenovela não só durante toda a sua exibição (no caso de *O Astro*, durante os seus 64 capítulos), mas também durante toda emissão, isto é, durante os momentos em que a história é interrompida de forma a dar espaço para a veiculação da publicidade televisiva.

⁵ Poderíamos falar também de estratégias de ordem musical, já que a materialidade musical está em jogo no âmbito do ato de linguagem telenovélistico. Entretanto, neste trabalho, tal estrato não foi alvo de uma análise sistemática e, desse modo, não mencionamos as estratégias que ele poderia gerar.

⁶ Compartilhamos da perspectiva, proposta por Lochard e Soulages (1998), de que o contrato comunicacional de um gênero televisivo particular (como a telenovela) opera sob a forma de um *jogo de encaixamento progressivo de diversos contratos*. Neste jogo, o contrato da comunicação midiática geral é o nível mais alto desta hierarquia, enquanto o contrato telenovélistico é o nível mais baixo. Dessa forma, o contrato telenovélistico atualiza características dos demais contratos. Além do mais, para nós, a comunicação midiática é mais ampla e não se limita à informação. Tal como propõe Lochard e Soulages (1998), tal contrato realiza-se na tensão entre um *fazer saber/compreender/agradar* (visada de informação/explicação/emocional) e um *fazer fazer* (visada de incitação) – uma vez que o contrato de comunicação midiática produz um determinado objeto de informação, explicação ou entretenimento dentro de uma lógica cívica: informar/explicar/entreter o cidadão; e produz um objeto de consumo segundo uma lógica comercial: captar as massas para sobreviver à concorrência.

Nas subseções abaixo apresentaremos as principais estratégias de patemização encontradas em nosso *corpus* tanto do ponto de vista do estrato verbal, quanto do ponto de vista do estrato visual-filmico.

4.3.1 ESTRATÉGIAS DE ORDEM VERBAL

Em nosso *corpus*, o *diálogo encenado* é a forma enunciativa através da qual temos acesso ao estrato verbal. Diante disso, observamos que a patemização pode ocorrer através de duas principais estratégias: a) a descrição, em seu dizer, dos estados emotivos experienciados pelas personagens no interior da sequência; b) a qualificação das personagens no que diz respeito ao seu papel actancial no esquema narrativo central do *plot* selecionado.

No que concerne à primeira estratégia, consideremos o seguinte exemplo:

EXEMPLO 1 – ESTRATÉGIAS DE PATEMIZAÇÃO (CAP02SEQ02)

Márcio: Você realmente acha que eu tenho que ser eternamente agradecido por tudo aquilo que você me deu? (...) Sabe de uma coisa, pai? (...) A verdade (...) a verdade é que eu sou. (...) *Mas eu não tenho que ser agradecido por aquilo que você NÃO:: me deu!*
(2.3)
Tô falando de afeto. (...) Cê me deu?
(6.8)
Amor de pai. (1.8) Cadê ele?
Num tô vendo nenhum aqui não.
(1.4)
Você pai (...) Você nunca parou pra pensar >se eu sou feliz, ou não.<

Neste exemplo, observamos que Márcio expressa sua revolta (e, por conseguinte, sua carência) pelas atitudes do seu pai, Salomão. Nesse exemplo, são empregadas palavras que descrevem de maneira transparente certas emoções (“afeto”; “amor de pai”) e alguns enunciados patêmicos como “Mas eu não tenho que ser agradecido por aquilo que você não me deu” e “Num tô vendo ele aqui não”. Nesse último caso, os enunciados embora não comportem palavras patemizantes, a situação de comunicação, bem como o processo narrativo em que tal sequência se apoia permite-nos observar a patemização. Assim, esse exemplo, de um modo geral, produz efeitos patêmicos através de um discurso explícito e direto.

Esse tipo de estratégia é passível de ser apreendida não somente pela presença de palavras que expressem estados emotivos das personagens (embora isso também ocorra em nosso *corpus*), mas, sobretudo, pelo que está em jogo no interior da sequência analisada. Em outras palavras, é pela junção da temática da sequência e dos processos narrativos que nela se realizam que conseguimos interpretar determinadas palavras e enunciados como sendo patêmicos. Logo, a patemização está atrelada não só às condições contratuais da telenovela, mas *ao que acontece no interior da sequência* analisada.

Quanto à segunda estratégia de ordem verbal, as qualificações atribuídas às personagens no interior da diegese podem suscitar os efeitos que ora analisamos no destinatário na medida em que tais qualificações permitem criar uma espécie de “retrato” da figura no âmbito da história. Assim, uma figura qualificada negativamente (ou positivamente) ao longo dos vários capítulos em que a história se desenvolve possibilita propor um determinado saber sobre tal figura para o telespectador. Logo, ao vê-la em cena, o telespectador, de posse de suas competências, aciona tais saberes e mobiliza certas crenças a respeito da figura em questão.

Consideremos o exemplo 2, a seguir, para compreendermos melhor essa estratégia:

EXEMPLO 2 – QUALIFICAÇÃO DE SALOMÃO HAYALLA (CAP03SEQ05)

Clô: <Mo:::nstro:!!> (3.6)
Você é um *monstro*, Salomão.

Salomão: Eu fiz o que era preciso.

Clô: Internar seu filho? (2.4) ((chorando)) Dopá? (3.5)
Amarrar seu filho numa maca? Despachar numa
ambulâ:ncia (...) prum hospício? (1.2) Isso que era
preciso?

Salomão: ((suspira))

Clô: FA:::LA:::!! ERA::: PRECI:::SO::? (...) HEIN?

Salomão: DEPOIS DO QUE ELE FEZ NA FESTA.
(1.5)

Clô: (chorando)) Ele falou a verda:::de. (2.0) ((chorando))
Botou pra fo:::ra. (1.5) tudo o que ele vem sentindo
desde criança. ((suspira)) Sua prepotê:::ncia. Sua
mão pesa:::da:::. (3.5) Você nunca fez um cari:::nho
no menino.> (1.3) Sempre (..) critica:::ndo. (..) Sempre (..)ameaçã:::ndo. Sempre puni:::ndo. Sempre,
sempre=

Salomão: Não é verdade. ((suspira)) (2.3) Ele sempre teve tudo o
que quis.

Pelo exemplo 2, observamos que Clô qualifica Salomão como um “monstro”. Essa qualificação permite criar um determinado saber a respeito da personagem Salomão Hayalla. Esse saber pode permitir que o telespectador tenha uma atitude de identificação (ou de não identificação) com a figura e, desse modo, o efeito patêmico pode ocorrer. Assim, tal efeito pode ser suscitado na medida em que essa qualificação é repetida ou reforçada por uma ou várias figuras ao longo dos diversos capítulos da telenovela, já que o telespectador, ao se identificar ou não com a figura, pode sentir uma determinada emoção (simpatia/antipatia) por essa mesma figura.

Logo, essa segunda estratégia ligada à suscitação de emoções no estrato verbal é produzida de maneira implícita e indireta. Ela depende não só do que é dito sobre uma determinada figura/personagem, mas também da atitude de identificação da parte do telespectador. Assim, ao se identificar com a figura, ele pode sentir uma determinada emoção e ser captado pela encenação discursiva. Com isso, o produto televisivo continua sendo consumido e a audiência garantida.

4.3.2 ESTRATÉGIAS DE ORDEM VISUAL-FÍLMICA

Os signos visuais-fílmicos (escala de planos/enquadramento, movimento de câmeras, transição de tomadas, moldura, etc.) são os elementos através dos quais podemos observar a patemização no interior do ato de linguagem telenovelistico.

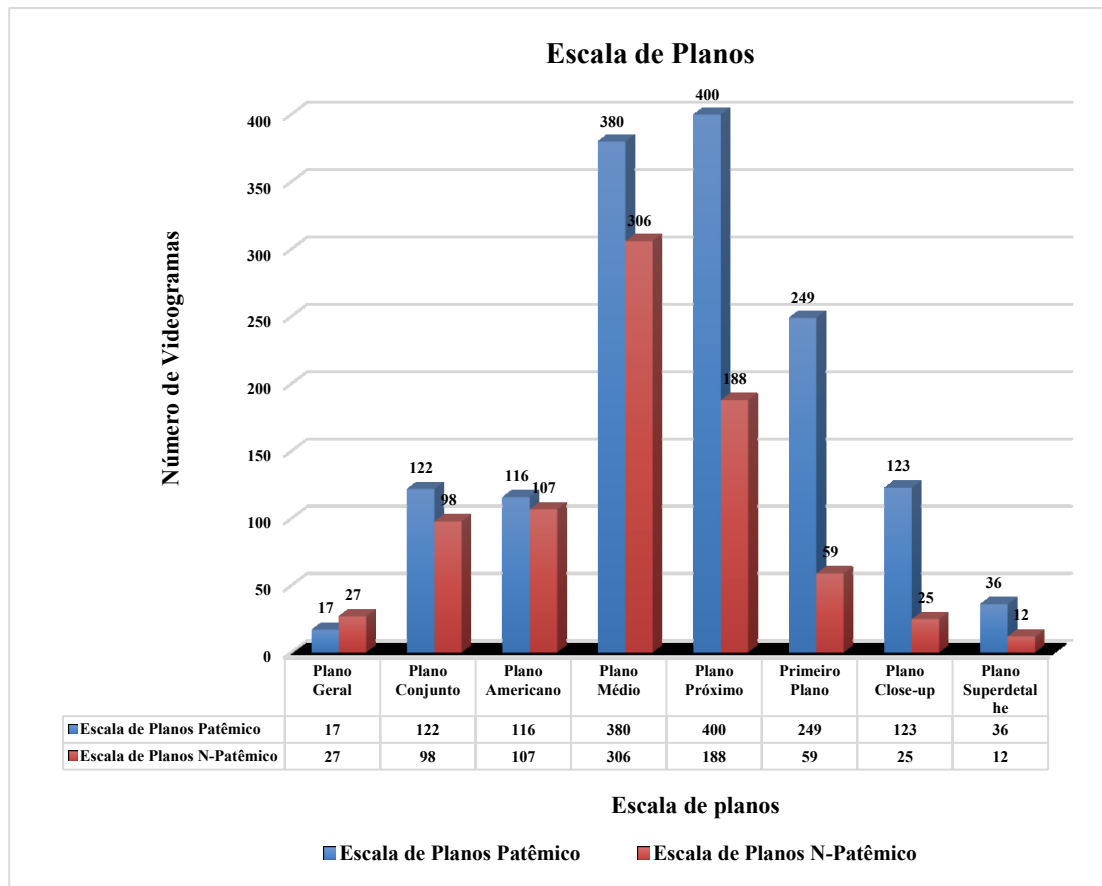
Um ponto a ressaltar é que os efeitos patêmicos, em nosso *corpus*, não são obtidos pelo uso de certas categorias languageiras do sistema da materialidade visual-fílmica, como, em princípio, poderíamos pensar. Nesse sentido, o uso de um determinado tipo de plano (o *close-up*, por exemplo), ou mesmo de um certo movimento de câmera (o *zoom-in*, por exemplo), não faz com que ele engendre tais efeitos. Em nossas análises, observamos que os enunciados visuais são tidos como patêmicos se eles mostrarem *algo tido como socialmente considerado socialmente como patêmico por meio de um certo tipo de mostraçãõ*. Em outras palavras, a patemização, do ponto de vista do estrato visual-fílmico, depende, por um lado, dos imaginários sociodiscursivos atrelados a certos fazeres sociais que são encenados no âmbito da telenovela (por exemplo, imaginários associados ao assassinato, à vingança, à humilhação); por outro lado, dos signos visuais utilizados durante a mostraçãõ desse fazer social.

Desse modo, os signos visuais não são emocionais por si só, mas são *usados de forma a permitir que o efeito patêmico ocorra no interior da sequênciã*: eles são usados de forma estratégica pelo sujeito enunciatõr para engendrar a patemização no interior da telenovela, podendo garantir, com efeito, a audiênciã e a captaçãõ do público.

Assim, quando dizemos, por exemplo, que um certo tipo de plano, como o *primeiro plano*, é patêmico, queremos dizer, com isso, que seu uso numa sequênciã determinada possibilita o engendramento desta categoria de efeitos de sentido no interior do ato de linguagem, uma vez que tal sequênciã mostra algum processo narratõvõ que, do ponto de vista sociocultural, está ligado a imaginários emocionais.

Considerando o exposto, vejamos como a patemização se dá em nosso *corpus* no que diz respeito aos signos visuais-fílmicos. Em termos de escala de planos e variáveis proxêmicas, os gráficos 1 e 2 mostram-nos quantas vezes esses signos visuais são utilizados de forma patêmica e não patêmica em nosso *corpus*.

Gráfico 1 – Escala de planos e patemização

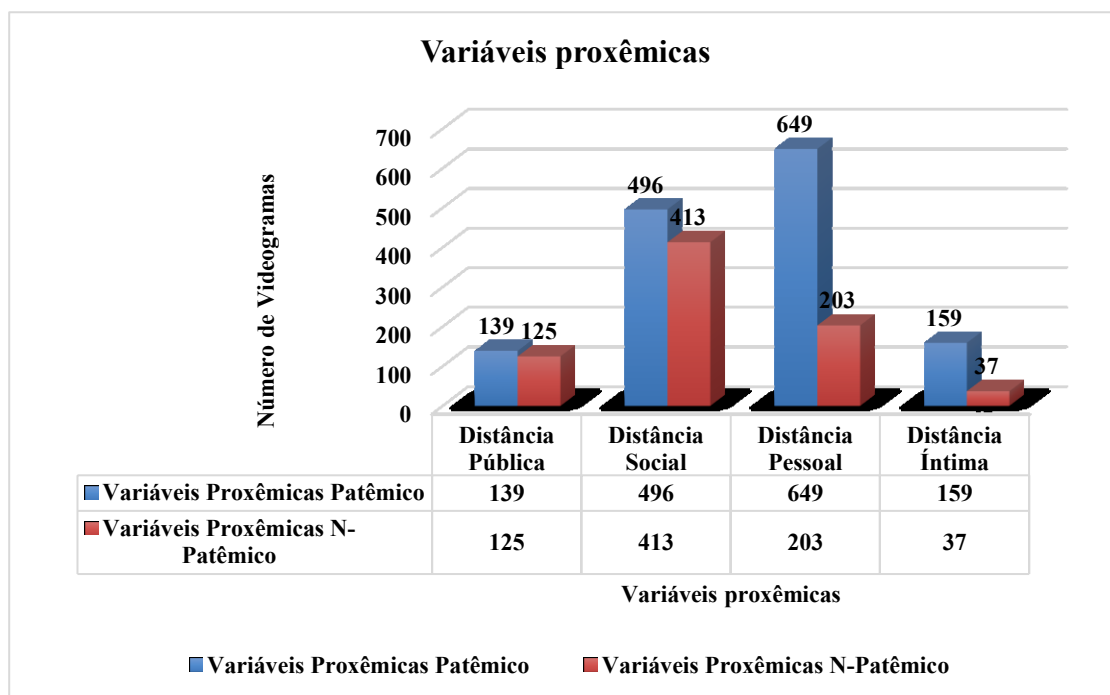


O gráfico 1 mostra-nos que os planos *close-up* e *superdetalhe* são, em nosso *corpus*, predominantemente patêmicos na medida em que, dos 196 videogramas decompostos nesses planos, 159 são usados de modo a produzir este tipo de efeito (81,12%), ou seja, eles auxiliam no engendramento da patemização dentro das sequências em que eles aparecem. Por outro lado, o plano geral é predominantemente não patêmico, já que, dos 44 videogramas em que esse plano aparece, 27 são não patêmicos (61,37%).

Essa predominância do uso desses dois planos nos dois polos da patemização (patêmico vs. não patêmico) merece um pouco de nossa atenção. O plano *close-up*, por enquadrar somente o rosto da personagem, possibilita um maior acesso ao estado emocional vivenciado pela personagem enquadrada nesse plano no interior da sequência. Com isso, o telespectador tem mais condições de perceber as expressões faciais das personagens e, desse modo, visualizar os estados emocionais vividos por ela. Caso ele se identifique com a figura actorial, o telespectador pode, por meio de uma atitude de projeção-identificação garantida pelo próprio dispositivo comunicativo, tomar partido em favor da personagem e, inclusive, sentir as emoções que essa última experimenta na diegese. Já o plano geral, por enquadrar a personagem em sua localização espacial, tem

menos condições de ser usado de forma patêmica pelo sujeito enunciador. Porém, esse uso pode ocorrer, já que a patemização em nosso *corpus* não depende somente dos signos visuais e do que é dito, mas também do que *ocorre* no interior da sequência. Assim, se através de um plano conjunto, visualizamos uma ação narrativa que vai ao encontro da temática da sequência, o efeito patêmico pode ocorrer, conforme podemos visualizar no exemplo abaixo.

Gráfico 2 – Variáveis proxêmicas e patemização



Essa predominância do uso desses dois planos nos dois polos da patemização (patêmico vs. não patêmico) merece um pouco de nossa atenção. O plano *close-up*, por enquadrar somente o rosto da personagem, possibilita um maior acesso ao estado emocional vivenciado pela personagem enquadrada nesse plano no interior da sequência. Com isso, o telespectador tem mais condições de perceber as expressões faciais das personagens e, desse modo, visualizar os estados emocionais vividos por ela. Caso ele se identifique com a figura actorial, o telespectador pode, por meio de uma atitude de projeção-identificação garantida pelo próprio dispositivo comunicativo, tomar partido em favor da personagem e, inclusive, sentir as emoções que essa última experimenta na diegese. Já o plano geral, por enquadrar a personagem em sua localização espacial, tem menos condições de ser usado de forma patêmica pelo sujeito enunciador. Porém, esse uso pode ocorrer, já que a patemização em nosso *corpus* não depende somente dos signos visuais e do que é dito, mas também do que *ocorre* no interior da sequência. Assim, se através de um plano conjunto, visualizamos uma ação narrativa que vai ao encontro da temática da sequência, o efeito patêmico pode ocorrer, conforme podemos visualizar no exemplo abaixo.

EXEMPLO 3 – ESCALA DE PLANOS E PATEMIZAÇÃO (CAP15SEQ09)



O primeiro videograma do exemplo 3 está em plano geral. Ele está sendo utilizado de modo patemizante na medida em que ele mostra a chegada de Neco à festa em que Salomão é morto. Como Neco, em sequências anteriores (como a CAP15SEQ08), expõe sua intenção de matar Salomão, sua chegada à mansão dos Hayalla (mostrada aqui pelo plano geral) pode suscitar no telespectador um determinado efeito patêmico, já que ele (o telespectador) sabe que Neco será um dos possíveis suspeitos do assassinato do empresário.

O mesmo é válido para os demais planos. Não são os planos em si que são patêmicos: eles podem ser utilizados estrategicamente pelo sujeito enunciador para engendrar este tipo de efeito. Essa finalidade patemizante atribuída aos planos vai ao encontro do que a sequência analisada mostra em termos de seus processos narrativos, bem como do universo temático (e dos imaginários sociodiscursivos, conseqüentemente) em que ela se apoia.

Entretanto, há alguns planos que têm mais chances de serem patêmicos pelo fato de enquadrar as personagens de uma determinada forma, como é o caso dos planos fechados, tais como o *plano próximo*, o *primeiro plano*, o *plano close-up* e o *plano superdetalhe*. Nesse caso, acreditamos que é possível observar uma espécie de *potencialidade patêmica* em alguns planos: há certos planos que são potencialmente mais patêmicos pela formatação que eles dão à imagem.

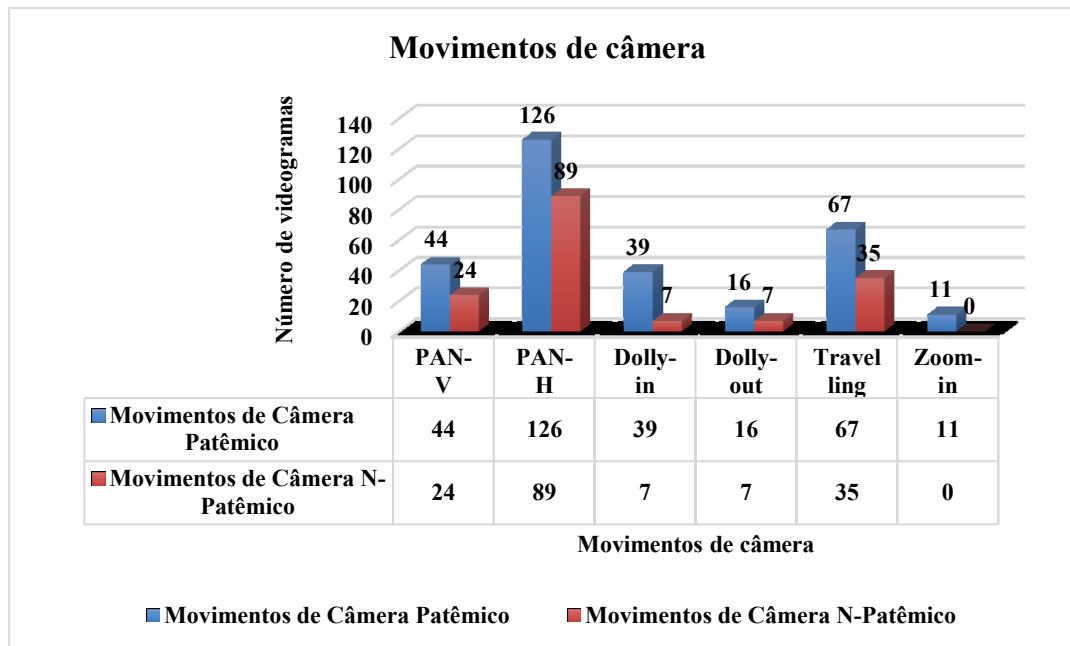
A patemização é um fenômeno retórico (portanto, discursivo) que se materializa em categorias languageiras, de estratos variados, como no caso de nosso *corpus*. Não se trata de um fenômeno puramente semiótico, no qual uma categoria específica é sempre responsável por esse efeito discursivo. O que podemos afirmar, a partir da análise de nosso *corpus*, é que há uma *potencialidade patêmica* em certas categorias do estrato visual-filmico, como é o caso plano *close-up* e do superdetalhe e, por conseguinte, da *distância íntima*.

No gráfico 2, observamos que a distância íntima é a variável proxêmica mais susceptível de acionar efeitos patêmicos no destinatário da telenovela, uma vez que ela permite um maior acesso aos estados emocionais das personagens. Em nosso *corpus*, dos 196 videogramas mostrados a essa distância, 159 videogramas (81,12%) são patêmicos. Isso não significa, contudo, que, no interior de nosso *corpus*, toda distância íntima seja usada de forma a engendrar esta categoria de efeitos. Da mesma forma que a escala de planos, a distância em questão apresenta uma *potencialidade patêmica*.

Dessa forma, outras distâncias, como a pública e a social, podem ser usadas pelo sujeito enunciador com uma finalidade patêmica. Como já apontamos, o uso dessas distâncias como patêmicas vai ao encontro do que *acontece* e *do que é mostrado* no interior da sequência.

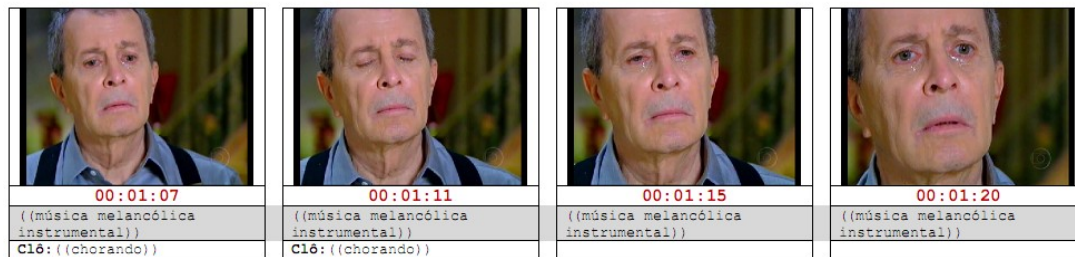
No que diz respeito aos movimentos de câmera, consideremos o gráfico 3 abaixo.

Gráfico 2 – Movimentos de câmera e patemização



De acordo com o gráfico apresentado, dos 447 videogramas que representam os movimentos de câmera, 292 (65,38%) são usados de forma patêmica. Em outras palavras, os movimentos de câmera auxiliam no engendramento de efeitos emocionais no âmbito da encenação discursiva que estamos analisando neste trabalho. O que nos chama a atenção é o fato de o movimento de *Zoom-in* ser, em nosso *corpus*, completamente patêmico (ele ocorre em 11 videogramas e todos eles foram usados para produzir este tipo de efeito). O *zoom-in* é um movimento óptico que traz a cena filmada para mais próximo do telespectador, fechando, com o isso, o enquadramento cênico. Ao realizar esse movimento, o telespectador tem um acesso maior à “intimidade” das personagens filmadas, possibilitando, desse modo, que venha a se identificar com os estados emocionais encenados por elas. O exemplo a seguir evidencia o exposto.

EXEMPLO 4 – O ZOOM-IN E A PATEMIZAÇÃO (CAP02SEQ04)

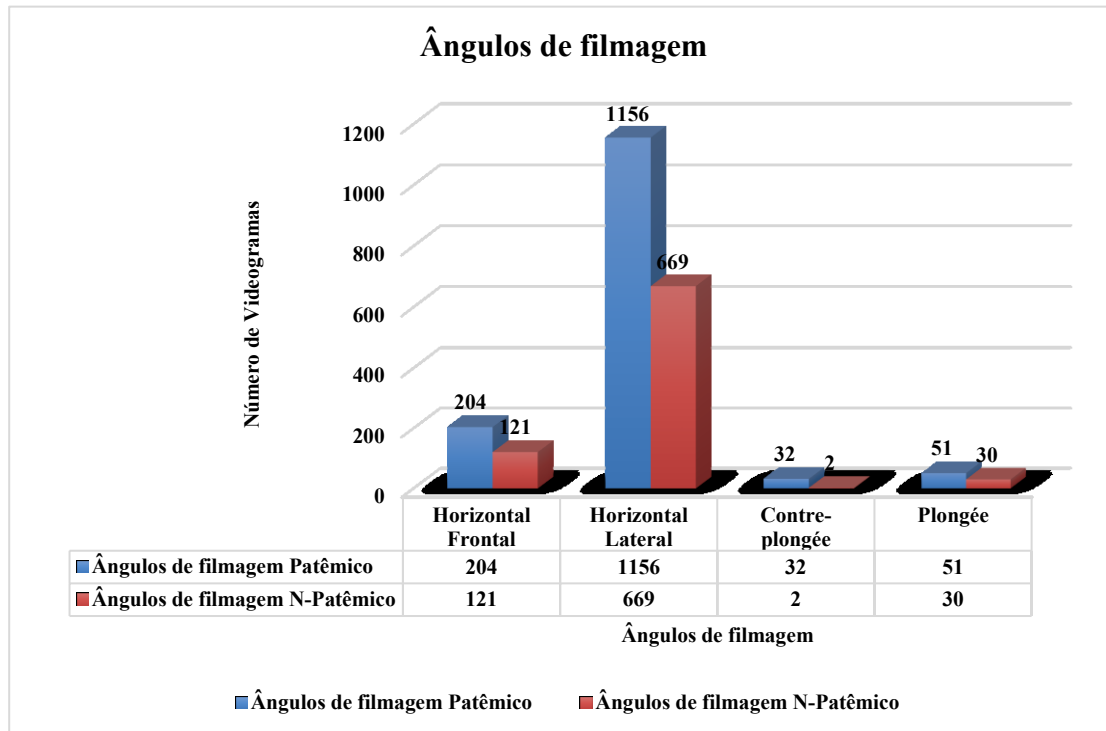


Os ângulos de filmagem também são signos visuais-fílmicos que auxiliam no engendramento da patemização em nosso *corpus*. O gráfico 4 a seguir evidencia que há a predominância do ângulo lateral horizontal (1825 videogramas – 80,57%) em nosso *corpus*. A recorrência desse ângulo faz materializar, na enunciação, um tipo de jogo escópico denominado *ponto de vista não-direcionado*. Este ponto de vista não designa o telespectador enquanto tal, mas coloca este último em uma posição de observador-testemunha. Observando e testemunhando a cena mostrada pelo enunciador, o telespectador pode se identificar com o que ocorre no interior da sequência e, desse modo, sentir as emoções encenadas no âmbito da cena. Logo, o ângulo lateral horizontal e o ponto de vista não-direcionado são duas estratégias discursivas de patemização em nosso *corpus*.

Além dessa estratégia de ordem enunciativa demonstrada no parágrafo anterior, o uso dos ângulos de filmagem no âmbito do enunciado também permite engendrar efeitos emocionais. Assim como a escala de planos, as variáveis proxêmicas e os movimentos de câmera, os ângulos de filmagem possuem uma *potencialidade patêmica* que os faz serem patêmicos se um conjunto de condições forem reunidas durante a mostração. O gráfico 4 a seguir evidencia o uso patêmico dos ângulos de filmagem em nosso *corpus*

Chama-nos a atenção, nesse gráfico, o fato de o *contre-plongée* (câmera baixa) e o *plongée* (câmera alta) serem predominantemente patêmicos em nosso *corpus*. Dos 115 videogramas em que esses ângulos são utilizados, 83 (72,17%) são patêmicos. Acreditamos que essa alta incidência se deva ao fato de esses ângulos materializarem o ponto de vista *surreal*. Conforme apontam Lochard e Soulages (1991), esse ponto de vista organizador dos jogos escópicos corresponde aos pontos de vista atípicos que não podem ser atribuídos a nenhum dos seres inscritos na cena televisiva. Pretendendo à ubiquidade, a câmera se designa, então, como um campo de visão. Assim, como a própria câmera é o campo de visão da imagem, ela é mais suscetível de produzir efeitos patêmicos, já que a câmera mostra o que ela quer mostrar. Além do mais, o *contre-plongée* e o *plongée* são muito utilizados, como apontam Aumont (2011), Aumont *et al.* (2011) e Stasheff *et al.* (1978), para produzir efeitos dramáticos nas cenas/seqüências, seja no cinema ou mesmo na televisão.

Gráfico 3 – Ângulos de filmagem e patemização



O exemplo a seguir, extraído de CAP15SEQ09, nos mostra o efeito dramático do *contre-plongée* em nosso *corpus*.

EXEMPLO 5 – O CONTRE-PLONGÉE E A PATEMIZAÇÃO (CAP15SEQ09)

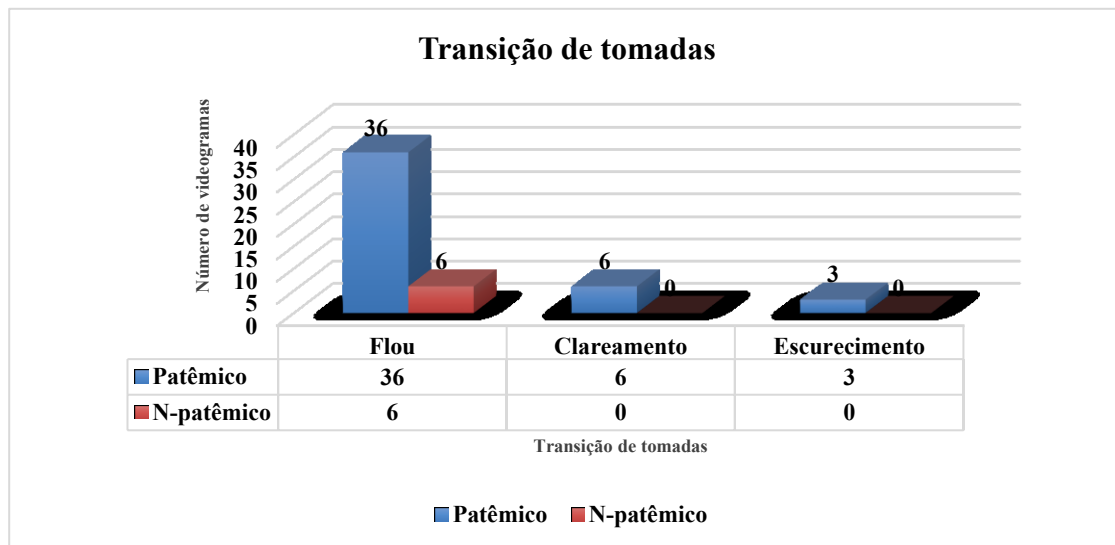


No contexto da sequência de que o exemplo 5 foi extraído, o *contre-plongée* é utilizado como uma forma de a câmera mostrar a ação de Neco ao entrar na mansão dos Hayalla durante a festa em que Salomão é assassinado. No capítulo 13, Neco declara que vai matar Salomão Hayalla, já que o empresário o humilhou. A chegada de Neco à mansão é, por si só, um indício de suspense. A posição da câmera na tomada evidenciada pelo exemplo acima, ao mostrar Neco – de baixo para cima – observando a mansão, reforça o suspense que sua chegada engendra e aguça a atenção do telespectador, que pode interpretar que Neco matará Salomão. Logo, o ângulo *contre-plongée* nesse caso é patêmico.

No que concerne às transições de tomada, observamos que elas também podem auxiliar na patemização. Constatamos que foram utilizados cinco tipos de transições de

tomada em nosso *corpus*, a saber: o *corte direto* (934 recorrências), a fusão (6 videogramas), o *flo* (42 videogramas), o *clareamento* (6 videogramas) e o *escurecimento* (3 videogramas). Desses cinco, três tipos chamaram-nos a atenção pelo fato de engendram, de forma predominante, a patemização em nosso *corpus*. Consideremos o gráfico 5:

Gráfico 4 – Transição de tomadas e patemização



O gráfico 5 evidencia que o clareamento e o escurecimento são, em nosso *corpus*, completamente patêmicos. Consideremos o exemplo 6 para compreender melhor o exposto.

EXEMPLO 6 – ESCURECIMENTO E PATEMIZAÇÃO (CAP02SEQ04)

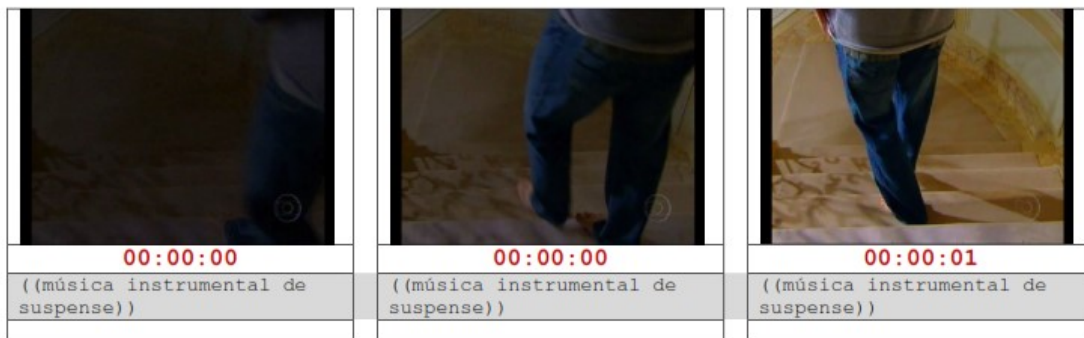


Pelo exemplo 6, observamos que à medida que a câmera aproxima o rosto de Salomão, através do *zoom-in*, a imagem se escurece gradativamente atingindo ao final o preto total. Essa transição é utilizada no final do capítulo 2 (e de outros capítulos da telenovela), marcando uma suspensão da história por um tempo longo, tal como nos apontam Stasheff *et al.* (1978). Desse modo, o uso desse tipo de transição é patêmica, já

que, ao suspender a história no momento em que Salomão observa o filho sendo levado para a clínica de doentes mentais, o escurecimento deixa o telespectador, no mínimo, intrigado quanto ao desenrolar dos acontecimentos.

Um efeito análogo é obtido com o clareamento, tal como podemos observar no exemplo 7.

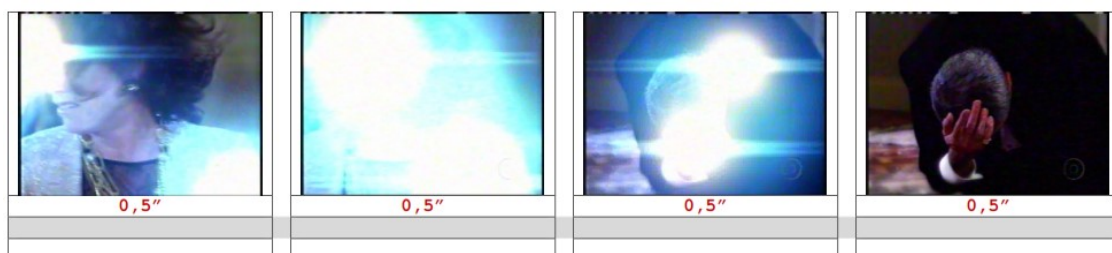
EXEMPLO 7 – CLAREAMENTO E PATEMIZAÇÃO (CAP0202)



No caso do exemplo 7, que corresponde à sequência inicial do capítulo 2 de *O Astro*, o uso do clareamento – uma transição que parte do preto total e chega à imagem nítida – marca o início do capítulo e a retomada da história do ponto em que ela foi suspensa no capítulo anterior. Desse modo, o clareamento ativa a expectativa criada pelo gancho realizado ao final do primeiro capítulo, constituindo, para nós, uma estratégia de patemização.

O gráfico 5 também demonstra que o uso do *flo* em nosso *corpus* é predominantemente patêmico, na medida em que 36 videogramas (85,71%), dos 42 em que ele aparece, são usados de modo a engendrar este tipo de efeito. Como ele dota a imagem com uma espécie de “nuvem”, criando uma atmosfera onírica, o uso do *flo*, em nosso *corpus*, introduz as cenas de *flashback* necessárias para o esclarecimento do crime, bem como retoma o desenrolar dos fatos da tomada anterior ao *flo*. Consideremos o exemplo 8:

EXEMPLO 8 – O FLOU E A PATEMIZAÇÃO (CAP64SEQ10)



No exemplo 8, visualizamos o *flo* transitando da tomada em que Clô confessa ser a assassina de Salomão para a tomada em que ela adentra o quarto com o intuito de matá-lo. Nesse contexto, o *flo* é utilizado de forma patêmica, já que ele lida com a expectativa ligada aos fatos apresentados pelo *plot* e com a possível expectativa do telespectador.

Outra estratégia observável em nosso *corpus* diz respeito ao uso da moldura, um signo visual que limita o que é mostrado. Essa estratégia é utilizada na sequência CAP15SEQ09. Consideremos o exemplo 9.

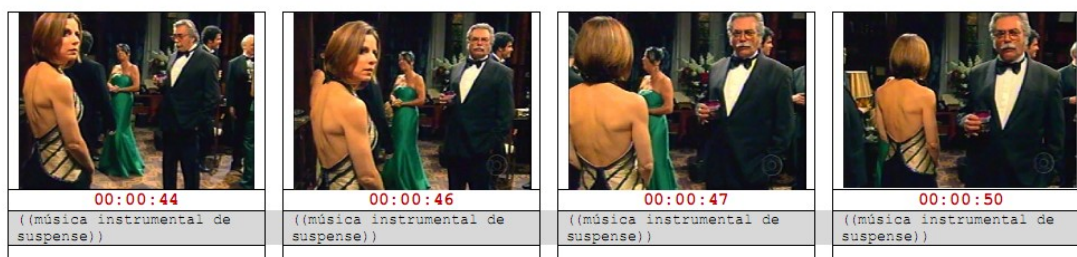
EXEMPLO 9 – A MOLDURA E A PATEMIZAÇÃO (CAP15SEQ09)



A sequência em questão mostra a personagem Salomão Hayalla sendo assassinada. O uso da moldura nesse fragmento é estratégico, na medida em que, ao limitar o campo da imagem, a moldura não permite que o assassino seja mostrado. Assim, cria-se um efeito de suspense que pode suscitar no telespectador certas emoções, já que ele passa a querer adivinhar quem matou o empresário. Com isso, a captação é uma mais vez acionada: cria-se no telespectador a vontade de assistir os demais capítulos para que possa juntar pistas e responder à questão: “quem, afinal, matou Salomão Hayalla?”. Logo, não é a moldura em si que é patêmica: *é o uso que é feito dela no interior da sequência que a torna uma estratégia de patemização.*

Outra estratégia encontrada em nosso *corpus* tem a ver com o signo plástico da luminosidade. Embora nosso *corpus* apresente uma predominância da iluminação difusa, há momentos específicos em que uma iluminação que denominamos “escuro/sépia” aparece. Essa iluminação escurece o que está sendo mostrado no interior da sequência, e, ao mesmo tempo, utiliza um matiz acastanhado. Consideremos o exemplo 10:

EXEMPLO 10 – A LUMINOSIDADE “ESCURO/SÉPIA” E A PATEMIZAÇÃO (CAP15SEQ09)



Essa estratégia aparece somente em CAP15SEQ09 e CAP64SEQ10. Na primeira, ela é utilizada para mostrar o que aqueles que têm intenção de matar Salomão estão fazendo antes do assassinato. As cenas em que esse tipo de luminosidade é utilizado em CAP15SEQ09 sempre mostram as personagens realizando alguma coisa. Além do mais, essas cenas não são dialogadas e sim musicadas: há nelas uma música de suspense que cria toda uma atmosfera para elas. Logo, é exigido do telespectador um esforço de organizar sua lista de possíveis assassinos, indo ao encontro dos efeitos patêmicos que o enunciador visa a produzir.

Na segunda sequência (CAP64SEQ10), esse tipo de luminosidade é utilizado para realizar o *flashback* dos fatos, conforme podemos visualizar no exemplo 11.

EXEMPLO 11 – LUMINOSIDADE E PATEMIZAÇÃO (CAP64SEQ10)



Através do recurso ao *flashback*, o telespectador fica sabendo sobre o que de fato ocorreu quando Salomão foi assassinado e, por conseguinte, os verdadeiros assassinos. Dessa forma, a luminosidade contribui de forma a dar uma atmosfera à sequência, atmosfera essa que suscita tópicos ligados à questão do suspense e do assassinato. Assim, ela contribui, juntamente com os demais signos visuais-fílmicos, para encenar efeitos emocionais no interior do ato de linguagem que estamos analisando.

No que tange ao signo visual *cor*, em nosso *corpus*, há um uso intenso da cor preta – principalmente no figurino de algumas figuras actoriais durante a sequência do assassinato de Salomão –, como também de cores escuras, como o marrom, e de cores acinzentadas.

Em nossas análises, observamos que o preto pode ser tido como *cor-informação*, tal como propõe Guimarães (2004), uma vez que esta cor informa-nos a respeito da própria configuração do *plot* selecionado para o trabalho. Pastoureau (1997) aponta que a cor preta corresponde à cor do ódio, da tristeza e da melancolia e à cor da morte e dos ritos funerários. Como o *plot* selecionado para a pesquisa lida com os imaginários sociodiscursivos da morte e do assassinato, o uso do preto, sobretudo nas roupas dos suspeitos do assassinato de Salomão, vai ao encontro dessas conotações levantadas por Pastoureau (1997) a respeito dessa cor.

O exemplo 12 a seguir apresenta videogramas extraídos de CAP15SEQ09 e demonstra o uso do preto no figurino das personagens tidas como suspeitas pela morte de Salomão.

EXEMPLO 12 – A COR PRETA E A PATEMIZAÇÃO (CAP15SEQ09)



(a) Neco



(b) Samir



(c) Adolfo



(d) Clô



(e) Inácio



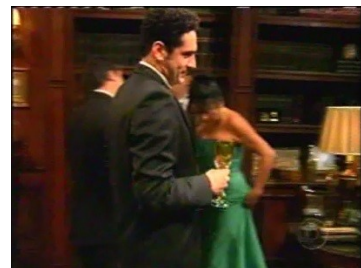
(f) Amin



(g) Youssef



(h) Nádia







(i) Henri

Poderíamos pensar, em princípio, que o preto é utilizado para conotar elegância e requinte das personagens. Entretanto, ao comparar o figurino dos suspeitos com o dos demais personagens presentes na festa, vemos que essa interpretação não é completamente adequada, já que muitas personagens, como Beatriz e Jôsi, por exemplo, utilizam roupas de outras cores. Logo, o uso do preto no figurino dos suspeitos e no contexto da CAP15SE09 engendra o significado de ódio e morte que essa cor possui. Logo, o preto é utilizado de forma patêmica, já que vai ao encontro das tópicas suscitadas pelo nosso *corpus*.

As expressões faciais dos atores que compõem as personagens podem também funcionar como signos patêmicos, caso *essas expressões demonstrem estados emocionais tidos como tal no âmbito de nosso corpus*. Como tais expressões são parte da imagem do ator projetada na tela, elas correspondem a um tipo de signo icônico particular. Na verdade, podemos dizer que as expressões faciais são parte do signo icônico que representa uma determinada personagem. Consideremos o exemplo 13 a seguir.

EXEMPLO 13 – EXPRESSÕES FACIAIS E PATEMIZAÇÃO (CAP03SEQ05)

			
00:03:27	00:03:29	00:03:32	00:03:38
((música instrumental de suspense)) Clô: EU ODE::IO VOCÊ:::!! (..)	((música instrumental de suspense)) Clô: MEU DE::::U::S como eu te ODE::IO:::	((música instrumental de suspense)) Clô: Ai::, como eu queria ter a coragem do Márcio (..) pra dizer tudo o que <u>penso</u> , tudo o que <u>sinto</u> por você. (..)	((música instrumental de suspense)) Clô: O quanto eu tô...

No exemplo 13, observamos a expressão de ódio/raiva que a personagem Clô Hayalla demonstra através de seu rosto. Essa emoção, materializada por meio desse signo icônico, é uma das emoções centrais de nosso *corpus*. No caso do exemplo, a raiva/ódio de Clô advém do fato de Márcio, o filho do casal, ter sido internado pelo próprio pai em uma clínica de doentes mentais. Sentindo piedade da situação do filho – que durante vários momentos da telenovela ela qualifica como “filho amado/adorado” – Clô externaliza, pois, o ódio para com o marido. Assim, a emoção demonstrada pelas expressões faciais de Clô vai ao encontro das tópicas suscitadas pelo nosso *corpus*, podendo ser considerada, com isso, um signo patêmico em nosso trabalho.

Situação similar à supracitada pode ser observada no exemplo 14.

EXEMPLO 14 – EXPRESSÕES FACIAIS E PATEMIZAÇÃO (CAP64SEQ10)

			
1"	0,5"	0,5"	0,5"
Nádia: Eu quero não. Eu exijo vingança	Youssef: Mas como assim vingança?	Nádia: Eu não sei.(...) Mas eu juro pelo que há de mais <sagrado> que o Salomão vai pagar pelo que fez.	

Neste exemplo, observamos uma expressão de raiva/ódio na face de Nádia Hayalla. Essa emoção é motivada pela humilhação que o casal, Youssef e Nádia, sofre durante uma reunião da diretoria do Grupo Hayalla. Salomão diz publicamente que Youssef é um castrado e que Nádia é uma mulher tão invejosa e tão preocupada com a vida alheia que não teve condições de gerar um filho. Ao ser informada pelo marido de que Salomão havia dito essas coisas a respeito dela numa reunião do Grupo, Nádia toma-se de ódio/raiva e afirma que irá vingar-se do cunhado. A vingança de fato se conclui, já que Nádia pede ao marido para matar Salomão com uma arma fornecida por ela, porém o máximo que Youssef consegue é deixar seu irmão tonto.

Como o rosto do ator, no âmbito de uma produção ficcional televisual, é o principal veículo de expressão das emoções experimentadas pela personagem, ressaltamos que nem toda expressão facial, em nosso *corpus*, é patêmica. Há alguns casos de expressões faciais que não engendram patemização, como o evidenciado no exemplo 15.

EXEMPLO 15 – EXPRESSÃO FACIAL NÃO PATÊMICA (CAP01SEQ01)



Assim, podemos dizer que as expressões faciais possuem, assim como outros signos visuais-fílmicos, uma *potencialidade patêmica*, já que elas expressam as emoções que as personagens vivenciam e, desse modo, podem suscitar no telespectador as mesmas emoções.

Portanto, os signos visuais-fílmicos engendram inúmeros efeitos patêmicos em nosso *corpus*. Eles, tal como alguns signos verbais, auxiliam na encenação da patemização de formas variadas, como apresentamos nos parágrafos anteriores.

4.3.3 ESTRATÉGIAS DE ORDEM MUSICAL

Embora não tenha sido alvo de uma análise sistemática em nosso trabalho, observamos que o estrato musical também auxilia no engendramento da patemização em nosso *corpus*.

Em quase todos os momentos de tensão das sequências analisadas, a música aparece como uma forma de “ambientar” a cena/sequência. Essa música é de ordem extradiegética, já que ela é inserida na sequência por meio da manipulação do enunciador e não faz parte do enunciado (a diegese), mas da enunciação.

Em nosso *corpus*, há a predominância de um tipo de música instrumental que cria suspense na história, alertando o telespectador a respeito do desenvolvimento do *plot*. Em outras palavras, a música em questão possui uma dupla função: por um lado, ela ambienta a cena através da criação de uma atmosfera de suspense, por outro lado, ela alerta o telespectador a respeito de que algo intrigante e inesperado vai acontecer adiante, seja na próxima cena/sequência, seja no próximo capítulo. Em nossas transcrições, denominamos

essa música como *música instrumental de suspense*, tal como podemos visualizar no exemplo 16.

EXEMPLO 16 – ESTRATO MUSICAL E PATEMIZAÇÃO (CAP15SEQ07)

		
00:00:23	00:00:24	00:00:28
((música instrumental de suspense))	((música instrumental de suspense))	((música instrumental de suspense))
Yousseff: _E como é que a gente extermina uma praga?	Nádia: _É só achar o veneno certo!	Yousseff: ((balança a cabeça, concordando))

Nessa sequência Nádia e Yousseff estão se aprontando para a festa na mansão dos Hayalla e, nesse momento, ambos deixam claro que planejam se vingar de Salomão. Nesse contexto, a música instrumental de suspense – que aparece desde o início da sequência – alerta o telespectador de que algo está por acontecer e de que tais figuras actoriais/personagens podem ser os assassinos de Salomão.

No exemplo 17, a seguir, também visualizamos o mesmo efeito em relação à música instrumental de suspense advinda do estrato musical.

EXEMPLO 17 – ESTRATO MUSICAL E PATEMIZAÇÃO (CAP15SEQ09)

			
00:02:02	00:02:03	00:02:03	00:03:05
((música instrumental de suspense))	((música instrumental de suspense))	((música instrumental de suspense))	((música instrumental de suspense))

Como essa música instrumental de suspense possui tanto uma função de ambientação, quanto de alerta, compreendemo-la, em nosso *corpus*, como correspondendo a um signo que engendra patemização no discurso analisado. Desse modo, a música em questão funciona concomitantemente com os demais signos patêmicos avindos seja do estrato verbal, seja do estrato visual-fílmico. Logo, em termos de patemização, podemos dizer que ela reforça, através de um procedimento retórico que poderíamos denominar “ancoragem musical”, as estratégias dos outros estratos linguageiros. Ela reforça, portanto, os efeitos emocionais engendrados pelo estrato visual-fílmico e pelo estrato verbal.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo apresentou as principais estratégias de patemização encontradas na análise de nosso *corpus*, considerando os estratos verbal e visual-fílmico. De modo geral, concluímos que a patemização na telenovela estudada ocorre em função da necessidade de captação do telespectador, bem como em função da própria organização narrativa da história. Nesse sentido, a história de *O Astro* é construída de forma a manter o suspense do *plot* “Quem matou Salomão Hayalla?” e garantir a “presença” do telespectador ao longo dos capítulos.

Como uma categoria de efeito visado, a patemização está relacionada a duas importantes condições: a) o processo narrativo que organiza a sequência; b) a identificação-projeção do telespectador nesse processo. Todavia, sendo um efeito visado, nada garante que o telespectador “sinta” o estado emocional suscitado. Assim, para observar a questão dos efeitos produzidos, sugerimos que pesquisas ligadas à questão da recepção devem ser desenvolvidas.

REFERÊNCIAS

- AUMONT, J.; MARIE, M. *Dicionário teórico e crítico de cinema*. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro. 5. ed. Campinas/SP: Papyrus, 2010.
- AUMONT, J. et al. *A estética do filme*. Trad. Marina Appenzeller. 8. ed. Campinas/SP: Papyrus Editora, 2011.
- CHARAUDEAU, P. *Langage et discours – éléments de sémiolinguistique (théorie et pratique)*. Paris: Hachette, 1983.
- _____. Une analyse sémiolinguistique du discours. *Langages*, Paris, v. 29, n. 117, p. 96-111, 1995.
- _____. *Grammaire du sens et de l'expression*. Paris: Hachette, 1992.
- _____. Une problématisation discursive de l'émotion. À propos des effets de pathémisation à la télévision. In: DOURY, M.; TRAVERSO, V. (Org.) *Les émotions dans les interactions*. Arci/ Presses Universitaires de Lyon: 2000. p. 125-155.
- _____. Visadas discursivas, gêneros situacionais e construção textual. Tradução de Renato de Melo. In: MACHADO, I. L.; MELLO, R. (Org.) *Gêneros: reflexões em análise do discurso*. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2004. p. 13-41.
- _____. Discurso das mídias. Tradução de Angela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2006.
- _____. Les stéréotypes, c'est bien. Les imaginaires, c'est mieux. In: BOYER, H. (Org.) *Stéréotypage, stéréotypes: fonctionnements ordinaires et mises en scène*. Paris: Harmattan, 2007.
- _____. Pathos et discours politique. In: RINN, M. (Org.) *Émotions et discours – L'usage des passions dans la langue*. Rennes/França: Presses Universitaires de Rennes, 2008.
- _____. A patemização na televisão como estratégia de autenticidade. In: MENDES, E.; MACHADO, I. L. (Org.) *As emoções no discurso*. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2010. v. 2. p. 23-56.
- LOCHARD, G.; SOULAGES, J. Faire voir la parole. In: CHARAUDEAU, P. *La télévision, les débats culturels « Apostrophes »*. Paris: Didier, 1991. p. 141-167.
- _____. *La communication télévisuelle*. Paris: Armand Colin, 1998.
- MELO, M. S. S. *Estratégias discursivas em publicidades de televisão*. 2003. 302f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.
- PASTOUREAU, M. *Dicionário das cores do nosso tempo: simbólica e sociedade*. Trad. Maria José Figueiredo. Lisboa: Editorial Estampa, 1997.
- STASHEFF, E. et al. *O programa de televisão: sua direção e produção*. Tradução de Luiz Antonio Simões de Carvalho. São Paulo/SP: EDU: Ed. da Universidade de São Paulo, 1978.
- CORRÊA-ROSADO, Leonardo Coelho; MELO, Mônica Santos de Souza. Emoção e telenovela: um estudo das estratégias de patemização em *O Astro*. *Linguagem em (Dis)curso* – LemD, Tubarão, SC, v. 17, n. 1, p. 89-116, jan./abr. 2017.

Recebido em: 01/07/16. Aprovado em: 30/12/16.

Title: *Emotion and soap opera: a study of patemization strategies in O Astro*

Authors: *Leonardo Coelho Corrêa-Rosado; Mônica Santos de Souza Melo*

Abstract: *the present study aims to describe and analyze the patemization strategies in a plot, in other words, on a trajectory of narrative action, in the soap opera O Astro, from 10 audiovisual sequences representing this plot. The soap opera was broadcasted by Globo from 12 July to 28 October 2011 at the time of 23 hours. The survey was conducted from the theoretical and methodological framework of Semiolinguistics Theory (CHARAUDEAU 1983, 1992, 1995, 2006). For the analysis of patemization, we stratify the object of study in two strata: verbal and visual-filmic. The results showed that, as a discursive strategy, patemization touches the plan of capitation: the media instance wants to thrill the viewer in order to keep him/her captive during the period of the telenovela airing.*

Key-words: *Semiolinguistics. Soap opera. Emotion.*

Título: *Emoción y telenovela: un estudio de las estrategias de patemización en O Astro*

Autores: *Leonardo Coelho Corrêa-Rosado; Mônica Santos de Souza Melo*

Resumen: *Este trabajo tiene el objetivo de describir y analizar las estrategias de patemización en un plot, es decir, en una trayectoria de acción narrativa, en la telenovela O Astro, desde 10 secuencias audiovisuales que representan este plot. La novela fue exhibida por la Red Globo entre 12 de julio y 28 de octubre de 2011 en el horario de las 23 horas. La investigación fue realizada desde la estructura teórica y metodológica de la Teoría Semiótica y lingüística (CHARAUDEAU, 1983, 1992, 1995, 2006). Para el análisis de la patemización, estratificamos el objeto de estudio en dos estratos: verbal y visual-filme. Los resultados evidenciaron que, como estrategia discursiva, la patemización toca el plan de la captación: la instancia mediática desea emocionar al telespectador con el objetivo de mantenerlo captivo durante la exhibición de la telenovela.*

Palabras-clave: *Semiótica y lingüística. Telenovela. Emoción.*



Este texto está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-4017-170106-3816>

A CONSTITUIÇÃO DO PROFESSOR DE INGLÊS PRÉ-SERVIÇO EM UM CURSO DE LETRAS EAD: REPRESENTAÇÕES SOBRE FORMAÇÃO, ENSINO-APRENDIZAGEM E TECNOLOGIA

Cristiane Carvalho de Paula Brito*
Maria de Fátima Fonseca Guilherme**
Universidade Federal de Uberlândia
Instituto de Letras e Linguística
Uberlândia, MG, Brasil

Resumo: Este trabalho visa, a partir de uma perspectiva discursiva de linguagem em interface com os estudos em Linguística Aplicada, a investigar representações construídas em dizeres de professores pré-serviço acerca do processo de formação e de ensino-aprendizagem de língua inglesa em um curso de licenciatura de Letras-Inglês (LI) a distância. Os resultados apontam que os participantes enunciam de um lugar de entremeio, marcado pelo embate entre a posição sujeito-professor pré-serviço de LI em curso presencial e a posição sujeito-professor pré-serviço de LI em curso EaD. Nesse embate, eles se inscrevem no discurso da autonomia, da seletividade, da falta e da excelência da tecnologia, os quais funcionam de forma a criar efeitos de verdade que obliteram os aspectos contraditórios e conflitivos constitutivos da relação sujeito-linguagem-tecnologia.

Palavras-chave: Discurso. Tecnologia. Formação docente.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho visa discutir representações de professores pré-serviço¹ sobre sua formação e seus processos de ensino-aprendizagem, tendo em vista a relação que estabelecem com as TICs (Tecnologias de Informação e Comunicação), em um curso de licenciatura de Letras-Inglês em contexto de educação a distância (EaD), em uma instituição federal de ensino superior (IFES) no estado de Minas Gerais.

O referido curso, desenvolvido no período de 2011 a 2015, advém do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR), o qual se constitui em um programa emergencial cujo objetivo é oferecer formação em ensino superior para professores que atuam na educação básica na rede pública. O curso aconteceu na

* Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas. E-mail: depaulabrito@gmail.com

** Doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. E-mail: mffguilherme@gmail.com

¹ Utilizaremos os termos ‘professores pré-serviço’ e ‘professores em formação’ para nos referirmos aos licenciandos participantes deste estudo.

modalidade a distância, na plataforma *Moodle*, em quatro polos, contou com o trabalho de tutores presenciais e a distância e os materiais utilizados (Guia de Estudos e videoaulas) foram produzidos pelos docentes que participaram do programa.

Neste artigo, intentamos interpretar os dizeres² construídos em um fórum de discussão da disciplina ‘As novas tecnologias da informação e comunicação no ensino de LI’, ministrada ao final do curso. Para isso, fundamentamo-nos no quadro teórico-metodológico da Análise do Discurso (AD) pêcheutiana, nos estudos desenvolvidos pelo Círculo de Bakhtin e nos trabalhos da Linguística Aplicada (LA). Interessa-nos, portanto, ao realizar atravessamentos teóricos entre Pêcheux, Bakhtin e os estudos em LA, tomar a linguagem em sua dimensão sócio-histórico-ideológica e dialógico-polifônica para refletir sobre a relação sujeito-linguagem-tecnologia, no intuito de problematizar as possíveis incidências dos discursos que se constituem em um ambiente virtual de formação de professores para as (futuras) práticas docentes desses sujeitos.

Entendemos que os professores pré-serviço *representam* seus lugares nos processos discursivos instaurados no ambiente virtual em análise, ou seja, deixam vir à tona *formações imaginárias* que funcionam designando os lugares que eles atribuem a si e ao outro, a imagem que fazem do seu próprio lugar e do lugar do outro (PÊCHEUX, 1969/1997). Dessa forma, é da investigação dessas formações imaginárias, compreendidas como representações, que parte a proposta de realização deste estudo.

Ademais, cremos que a análise de representações pode contribuir para a compreensão de discursividades construídas em EaD no ensino superior, ao nos permitir questionar os sentidos que se cristalizam e se naturalizam, assumindo efeito de verdade e impondo, desse modo, lugares sócio-históricos para esses professores em formação em sua relação com as TICs e com os processos de ensino-aprendizagem de LI. Salientamos que tomamos *discursividade* como

um processo que explicita, em seu caráter sócio-histórico-cultural e ideológico, a dinâmica de produção de sentidos para contemplar as ações de ensinar e aprender, considerando o sujeito sob o aspecto da posição em constante movência de percepções e perspectivas de olhar o outro e os objetos em seu *ethos* de atuação socioeducacional e profissional. (GUILHERME, 2009, p. 24)

Há de se ressaltar ainda a particularidade do curso, uma vez que tem como objetivo “formar profissionais com proficiência em língua inglesa, com a capacitação em todas as habilidades (escrita, fala, compreensão oral e leitura) de maneira a preparar os alunos para serem professores de excelência na educação básica” (HASHIGUTI; BRITO, 2014, p. 92). Assim, o professor em formação em um curso de Letras-Inglês em modalidade não-presencial se vê interpelado a construir uma posição identitária e identificatória, um espaço de enunciabilidade que o legitime como enunciador de uma língua outra, no/pelo espaço outro (o virtual), considerando o que seja aprender/ser professor de LI no Brasil.

Para dar conta da reflexão aqui proposta, organizamos o artigo da seguinte forma: no primeiro momento, faremos uma breve discussão do escopo teórico que respalda nosso

² O termo ‘dizer’ é usado aqui para se referir à materialidade linguística em análise, ou seja, é da ordem do intradiscurso.

gesto de interpretação do *corpus*. Em seguida, explicitaremos nosso percurso metodológico e discutiremos a análise empreendida. Finalmente, tentaremos alinhar alguns fios que problematizem a relação do sujeito em formação com as TICs na medida em que os cursos a distância têm se configurado em uma realidade contemporânea, estabelecendo outras ordens do discurso e, concomitantemente, construindo memórias discursivas que balizarão a futura prática desses professores.

2 REDE DISCURSIVA E A RELAÇÃO LINGUAGEM-SUJEITO-TECNOLOGIA

As confluências epistemológicas entre as redes conceituais bakhtiniana e pêcheutiana são aqui tomadas “como a possibilidade de se lançar um olhar para duas correntes teóricas singulares, mas que, em alguns momentos, constroem percepções convergentes acerca de determinados conceitos e noções” (GUILHERME, 2013, p. 259)³.

Ao nos inscrevermos em um lugar de interface entre os estudos do discurso – sobretudo nos trabalhos de Bakhtin (1920/2010), Bakhtin/Voloshinov (1929/2002) e Pêcheux (1969/1997, 1975/1997) – e os estudos da LA, em sua perspectiva trans/indisciplinar e transgressiva, conforme postulado por Kleiman (2013), Bohn (2005), Moita Lopes (2006), Pennycook (2006), dentre outros, propomo-nos a compreender os processos de formação de professor e de ensino-aprendizagem de línguas de forma a mobilizar concepções como as de sujeito, linguagem, sentido e memória discursiva, a fim de refutar a língua em sua transparência e trabalhar com a noção de discurso, equívoco, contradição e heterogeneidade.

Trata-se, pois, de defender que a formação do professor e o ensino-aprendizagem de línguas extrapola um conjunto de saberes ou competências adquiridos por um sujeito, antes dizem respeito a “um processo contínuo de (des)inscrição em discursos sócio-historicamente constituídos, de (des)identificações com memórias discursivas, na e pela linguagem” (BRITO; GUILHERME, 2013, p. 25).

Entendemos que essa interface contempla o exercício de uma LA que se pretende ser socialmente comprometida, responsável e responsiva à vida social, ou seja, uma LA que busca problematizar questões de uso da linguagem para que se possa melhor compreendê-las, uma LA que propõe intervenções e que se compromete com sujeitos que vivenciam problemas nas diversas situações mediadas pela linguagem e que devem ser re teorizados a partir de “sua heterogeneidade, fluidez e mutações, atrelando a esse processo os imbricamentos de poder e desigualdade inerentes” (MOITA LOPES, 2009, p. 21). Enfim, uma LA que, no século XXI, se vê marcada pelo questionamento de “suas próprias bases filosóficas, suas concepções de linguagem e de sujeito, enfim, sua forma de fazer ciência” (BRITO; GUILHERME, 2013, p. 22).

Cumpramos ainda dizer que este lugar de interface que aqui aventamos nos permite trabalhar com a perspectiva de sujeito social defendida por Moita Lopes atrelada a uma visão de sujeito perpassada pelo inconsciente, e, portanto, cindido e fragmentado, que se significa e produz sentidos não por sua soberana vontade ou escolha, mas pela sua tomada de posição – movimentos de identificação – a qual se dá pela sua inscrição em lugares discursivos.

³ Para exemplos de estudos que contemplam esta confluência, ver Santos et al. (2003), Gregolin (2006).

Trata-se, pois, de um sujeito que é interpelado e evoca memórias ao enunciar, ou seja, na perspectiva discursiva aqui contemplada, a noção de sujeito requer a compreensão do processo subjetivo, que diz respeito à imbricação da língua(gem), da história e do inconsciente, em que “a linguagem (ou jogo, ou ordem do signo, ou o discurso) não é entendida como uma origem, ou como algo que encobre uma verdade existente independentemente dela própria, mas sim como exterior a qualquer falante” (HENRY, 2010, p. 30). Isso significa que o sujeito é chamado à existência por meio da interpelação que se dá via linguagem. Esta, por sua vez, corresponde ao lugar em que se pode captar o sujeito que diz e o sujeito que é dito. Nesse sentido, isto possibilita-nos dizer que ele é visto, no viés discursivo, enquanto “efeito ideológico elementar” (HENRY, 2010, p. 31), pois “nada se torna um sujeito, mas aquele que é ‘chamado’ é sempre já-sujeito” (HENRY, 2010, p. 91).

Tendo em vista que internacionalmente existe uma convergência nas políticas governamentais de informatização e criação de redes digitais e que “os governos no mundo inteiro estão preocupados em possibilitar o acesso às tecnologias digitais a todas as camadas das populações, especialmente, no setor educacional” (PAIVA, 2010, p. 2)⁴ e que as tecnologias instauram relações de poder-saber, entendemos que é necessário problematizar as condições sócio-históricas que incidem naquilo que pode ou não ser dito acerca da relação sujeito-linguagem-tecnologia, sobretudo no que concerne a questões ligadas ao ensino-aprendizagem de línguas. Desse modo, as inovações tecnológicas, mais do que meras ferramentas a serem usadas nos processos educacionais, adquirem o status de saber-poder (e saber-fazer) e interpelam os sujeitos a significá-las, sendo que, ao realizarem uma clivagem⁵ do papel dessas inovações tecnológicas em seu processo de formação, identificam-se com discursos que, por sua vez, corroboram ou deslocam efeitos de sentido acerca dessas inovações.

Lima e Mascia (2011) analisam o Discurso Político Educacional vigente em documentos do MEC sobre a EaD no intuito de avaliar a concepção de sujeito. Apesar de a EaD se configurar como um elemento inovador dentro do discurso educacional, as referidas autoras argumentam que as relações de poder-saber permanecem inalteradas, não havendo, pois, a emergência de uma nova concepção de sujeito, “o único efeito de novo se dá pela emergência do veículo, ou seja, o virtual” (p. 281).

Os dizeres que aqui tomamos para análise nos interessam por refletirem e refratarem vozes sociais oriundas do movimento dos sentidos na história, as quais são evocadas pelos sujeitos produzindo neles a ilusão de serem a origem do que dizem – ao que Pêcheux (1975/1997) denomina esquecimento n.1. O efeito de evidência provocado pela ideologia apaga a relação da língua com a história, escamoteando a equívocidade dos sentidos.

⁴ Paiva (2010) aponta como exemplos de políticas educacionais voltadas ao desenvolvimento tecnológico o projeto *ENLACES* do Chile (iniciado em 1993 com foco no ensino primário e secundário e na capacitação de professores); o projeto *World Links* (com início em 1997 e voltado para a inclusão digital de alunos e professores em países em desenvolvimento); e as políticas do MEC no Brasil (tais como a UAB, o Portal da CAPES, o ProInfo etc).

⁵ Tomamos clivagem como uma “triagem de sentidos feita pelo sujeito, considerando seus referenciais intra-epistemológicos e sócio-histórico-culturais. Trata-se, pois, de uma filtragem de sentidos realizada pelos sujeitos, tomando por parâmetro uma relativização entre os seus referenciais discursivos e os sentidos que são expostos na dinâmica dos processos interativos” (SANTOS, 2000, p. 206).

Entendemos que os dizeres refletem e refratam, na medida em que, segundo Bakhtin/Volochinov (1929/2002), “um signo não existe apenas como parte de uma realidade; ele também reflete e refrata uma outra (p. 32), ou seja, os signos ideológicos (os dizeres enunciados pelos professores em formação) refletem e refratam a realidade, o que significa que refletem a realidade e a interpretam, fazendo, assim, refrações da realidade, ao mesmo tempo que esses signos são traspassados por ideologias que são construídas nessa realidade.

Investigar as representações construídas, na e pela linguagem, acerca do que seja ser/tornar-se professor de LI em EaD e dos processos de ensino-aprendizagem dessa língua, implica, pois, compreender o funcionamento da malha discursiva na qual os sujeitos se inscrevem para (se)significar.

Ruiz (2013) discute como materiais didáticos usados em cursos de Letras, na modalidade a distância, representam o aluno ora como aquele que não sabe/não detém o conhecimento (e, portanto, precisa alcançá-lo), ora como aprendiz autônomo, capaz de controlar, monitorar e tomar as decisões acerca de seu processo de ensino-aprendizagem. A autora argumenta que esse embate de representações é possível quando se compreende que o discurso pedagógico refrata as vozes sociais, econômicas, políticas e ideológicas de forma a posicionar o aluno em concordância com as diretrizes de um mundo globalizado, regido pelo capital, que atenda às demandas do mercado atual, o qual passa a exigir um “trabalhador altamente qualificado, versátil, flexível, capaz de atuar nas mais diferentes áreas, de acordo com a necessidade do mercado e, acima de tudo, capaz de solucionar problemas” (p. 302).

Silva e Brito (2015), ao analisarem a discursividade sobre o ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras mediadas pelas TICs em periódicos da LA, salientam como o efeito de evidência da tecnologia é asseverado pelo *discurso da essencialidade tecnológica*, cujo funcionamento se dá pela naturalização da necessidade de se contemplar o uso das TICs nos processos de ensino-aprendizagem. Além do discurso da essencialidade tecnológica, elas apontam a emergência do discurso: da *inovação*, o qual propala sentidos de mudança e transformação com o advento das TICs; da *interação*, que atribui às TICs a potencialização da aprendizagem colaborativa; e o da *agentividade*, que postula a liberdade e necessidade do sujeito de produzir conhecimentos com o uso das TICs, por meio de uma postura ativa.

As autoras supracitadas defendem que esses discursos se sustentam em distintas representações de aluno, professor, ensino-aprendizagem, linguagem, tecnologia, dentre outras, e funcionam de forma a apagar a heterogeneidade dos sujeitos, as determinações históricas e institucionais que perpassam os processos de ensino-aprendizagem, escamoteando, assim, os embates e tensões constitutivos das relações que se dão entre os sujeitos na e pela linguagem.

Tavares e Chagas (2012) problematizam a incidência do discurso das novas tecnologias na constituição identitária do professor de línguas e argumentam que, por se revestir de um caráter de indispensabilidade, permeado por uma lógica pós-moderna, tal discurso relativiza o saber suposto no professor, apagando “o investimento subjetivo e o saber que precisam ser mobilizados e investidos em uma relação pedagógica” (p. 13).

Portanto, a nosso ver, problematizar discursividades produzidas/reproduzidas no ambiente de ensino-aprendizagem pode contribuir para uma formação cidadã e democrática, “vinculada à problematização das próprias ideias de democracia e cidadania em meio aos processos de globalização contemporâneos” (ROCHA; MACIEL, 2015, p.18). Trata-se, antes de tudo, de defender, na esteira do pensamento bakhtiniano e freiriano, a formação de professores como ato responsável (SZUNDY, 2014), fruto de uma concepção de educação que extrapola visões meramente tecnicistas e possibilita aos sujeitos o engajamento na transformação das práticas sociais. Por isso, segundo Szundy (2014), cabe à escola questionar a estabilidade dos significados para transformá-los, desenvolvendo nos alunos uma postura crítica perante escolhas sempre situadas. A autora acrescenta ainda que, em um contexto em que aprendizes circulam pelos novos letramentos digitais e se tornam cada vez mais produtores de significados na rede, devem os professores desconstruir significados e orientar as escolhas verbais e não verbais de forma a desvelar os significados refratados a partir das escolhas realizadas e problematizar de que forma significados que causam sofrimento, exclusão ou revelam preconceitos podem ser reconstruídos de forma mais crítica e ética.

3 DISCURSOS EM REDE: SOBRE A CONSTITUIÇÃO DO CORPUS

Os dizeres que constituem o *corpus* da pesquisa realizada foram coletados no fórum de discussão intitulado *Me, a pre-service English teacher in a distance course*, proposto no início da disciplina de sétimo período ‘As novas tecnologias da informação e comunicação no ensino de LI’, em 2014, sendo 25 professores pré-serviço participantes. *A disciplina tinha como principais objetivos: (i) discutir a concepção de TICs, sob uma perspectiva discursiva; (ii) problematizar a ideia de ‘nativo digital’ x ‘imigrante digital’; (iii) discutir a aprendizagem de LI como prática transgressiva e sua relação com as TICs; e (iv) desenvolver um projeto de ensino de LI contemplando o uso de TICs para propósitos pedagógicos.*

No quadro 1, mais adiante pode-se ver como o fórum em questão foi proposto no ambiente virtual. Nosso percurso metodológico consiste na investigação das regularidades⁶ que emergem nos dizeres quando os professores pré-serviço enunciam sobre sua experiência de cursar uma licenciatura em Letras-Inglês na modalidade a distância. Após uma primeira leitura desses dizeres, selecionamos as sequências discursivas⁷ (SD) que, a nosso ver, apontam sentidos que ressoam os já-ditos (memória discursiva), trazendo à baila as inscrições discursivas dos sujeitos. Trata-se, pois, de pensar na relação do interdiscurso com o intradiscurso, ou seja, nas redes de sentido nas quais os sujeitos se filiam e que irrompem na materialidade linguística.

⁶ Regularidades são aqui tomadas como “evidências significativas, observadas na conjuntura enunciativa da manifestação discursiva em estudo. Essas evidências aparecem como elementos de recorrência, de idiosincrasia enunciativa, ou ainda, de efeito provocado pela natureza de organização dos sentidos” (SANTOS, 2004, p. 114).

⁷ Segundo Santos (2004, p. 114), sequências discursivas “representam conjuntos de enunciados recortados do escopo da manifestação em estudo, que sinalizam uma evidência por recorrência, particularidade ou efeito, e passam a constituir unidades-base de análise”.

Quadro 1 – Task 7: Forum – Me, a pre-service English teacher in a distance course⁸**Task 7: Forum – Me, a pre-service English teacher in a distance course**

In this forum you have the opportunity to think about your experience as a pre-service English teacher in a distance course. Interact with your colleagues by discussing these questions:

- 1) What is the experience of learning English and studying to be a teacher in a distance course like?
- 2) What were your expectations when you started this course? Have your expectations been fulfilled?
- 3) What are your perceptions concerning your development in the course?
- 4) What limitations and difficulties would you mention? What do you do to deal with them?

Fonte: Brito; Hashiguti; Peixoto, 2015, p. 43.

Outro aspecto a se considerar são as condições de produção dos dizeres que constituem o *corpus*. A enunciação em um fórum institucional mobiliza uma série de formações imaginárias que incide na tomada de posição e na formulação dos dizeres pelos sujeitos. Não se pode, pois, ignorar o auditório social⁹, ou seja, ignorar que se escreve para interagir, para construir sentidos, mas também para responder a uma demanda institucional – no caso, a solicitação para que se fale das experiências como professor em formação em um curso a distância. Ao compreendermos que a interação verbal é a verdadeira substância da língua, que toda palavra é orientada a um interlocutor (BAKHTIN, 1929/2002) e que entra em funcionamento nos processos discursivos um jogo de projeções do lugar que se faz de si e do outro (PÊCHEUX, 1969/1997), precisamos levar em conta que esse sujeito escreve não apenas para seu par, mas também para o tutor (que é quem faz toda a mediação) e, de certa forma, para o professor (que não faz a mediação, porém acompanha as postagens e demais atividades na plataforma virtual). Isto é, escreve-se para um outro com o qual se estabelece uma relação assimétrica – é um outro leitor, mediador, avaliador.

⁸ Deveriam ser observados os seguintes critérios de avaliação para a referida tarefa: pertinência da resposta; nível de interação com os colegas; uso de linguagem acadêmica; e cumprimento do prazo de entrega da atividade.

⁹ Numa perspectiva bakhtiniana, ao contemplarmos o auditório social, “destacamos o crivo da alteridade, destacando-o enquanto fator de tomada de decisão do sujeito em sua inscrição discursiva no universo enunciativo de uma língua estrangeira em estudo” (GUILHERME; SANTOS, 2014, p. 57).

Levar em conta o auditório social e as condições de produção dos dizeres implica não tomar a língua em sua transparência e sim em sua natureza sócio-histórica, como prática situada, e os sentidos sempre como *relação a*.

4 DESTECENDO A REDE: GESTOS DE INTERPRETAÇÃO

Ao falarem sobre suas experiências como professores pré-serviço de LI em um curso a distância, os sujeitos parecem enunciar de um lugar de entremeio, marcado pelo embate entre a *posição sujeito-professor pré-serviço de LI em curso presencial* e a *posição sujeito-professor pré-serviço de LI em curso EaD*. Nesse lugar, diferentes memórias discursivas são evocadas e ressignificadas, fazendo emergir, no fio do dizer, a contradição, a tensão, enfim o conflituoso batimento oriundo do ser-estar-ocupar distintas posições. Portanto, a partir da leitura e análise dos dizeres, buscamos os discursos que sustentam as representações construídas pelos sujeitos sobre sua formação e seus processos de ensino-aprendizagem, tendo em vista a relação que estabelecem com as TICs.

Aventamos a hipótese de que a posição sujeito-professor pré-serviço de LI em curso presencial mobiliza sentidos que são da ordem da tradição, a qual pode ser tomada tanto como aspecto de conservadorismo quanto de legitimação. Isto é, se, por um lado, os dizeres contemporâneos sobre a relação ‘TICs e educação’ circunscrevem os cursos presenciais e que não fazem uso de recursos tecnológicos no lugar do velho/antigo e ultrapassado – em contraposição ao aspecto inovador das TICs –; por outro, e em especial quando se considera o ensino superior, não se pode ignorar que a ‘novidade’ de cursos universitários a distância pode colocá-los em um lugar de incerteza, de devir, ou seja, de expectativa de que venham a ter êxito. Acresce-se a isso a especificidade do curso no que se refere ao desenvolvimento da língua estrangeira, interpelando esse sujeito a não apenas se constituir como professor, mas a construir uma posição identitária em que se veja como enunciador de uma língua outra. Posição essa que não se dá por uma suposta instrumentalização – pela aquisição de um código linguístico, mas pela (des)estabilização de uma estrutura subjetiva, haja vista que “a língua estrangeira vem questionar a relação que está instaurada entre o sujeito e sua língua” (REVUZ, 1998, p. 220).

Por fim, cumpre salientar que esses discursos não são estanques ou unívocos, antes se referem à ordem do imaginário, a sentidos que vão se cristalizando de forma a assumir efeito de verdade. Dito de outro modo, somente se pode atribuir sentidos a essas posições da perspectiva de uma ‘relação a’, levando em conta a (des)continuidade do movimento linguagem-história-sentido. É, pois, no batimento dessas posições – permeadas por distintas memórias e, portanto, sempre tensas e afetadas pela equivocidade – que o sujeito significa a relação com as TICs em sua formação.

4.1 SOBRE A FORMAÇÃO EM LETRAS-INGLÊS EM EAD

As representações sobre a formação em Letras se sustentam em dois discursos predominantes que aqui denominamos: o *discurso da autonomia* e o *discurso da seletividade*.

O *discurso da autonomia* traz à baila a representação de que o curso de formação em EaD está ‘livre’ de certas restrições comuns aos cursos presenciais, proporcionando a tão clamada ‘autonomia’ do professor, um dos pilares da discursividade científico-pedagógica, e em especial da que se volta ao ensino de línguas mediado por tecnologia (PAIVA, 1999; LUZ, 2009; WHITE, 2003). Esse discurso pode ser sintetizado no enunciado *o curso de formação em EaD me permite fazer minhas próprias escolhas*, como se vê nas sequências abaixo:

(SD01) I’m talking about the *development of the student’s autonomy*. From the moment the apprentice begins to study until the end of his graduation (and even for a lifetime) he is *challenged to explore the whole virtual knowledge available*¹⁰. (Jairo¹¹)

(SD02) The experience of learning English and studying to be a teacher in a distance at CEaD *give me freedom to focus* on my studies and to *interact* with classmates and faculty, both in and out of the classrooms. (Socorro)

(SD03) The *Concise Oxford Dictionary* defines autonomy as the *ability to govern themselves by their own means*. /.../ Because the simple fact that *students in the context of EAD*, does *not mean* that we are *autônomos*. /.../ *autonomy comes with the tools* /.../ (Milena)

(SD04) /.../ because we know that *it isn't easy* and we need to *be our own teacher*, of course that we have our tutors, teachers, etc, that help us, but it *depends on us to go on*. (Ingrid)

(SD05) And the best thing is to study the *time that fit*, need *not face transit to attend classes* and *be part of a university course in the comfort of home* that makes a difference. (Elza)

(SD06) /.../ my greatest difficulty was to *study alone* and dealing with a different form of study I was used to /.../ (Carmen)

(SD07) In principle, the advantage of distance learning was to *gain time, no need to travel daily to the university*, be able to study and complete it in a *best possible way* /.../ (Laura)

(SD08) *Studying at home is great*, because we can *organize our time the way it suits us*. (Carla)

(SD09) But we have to agree that is *really comfortable and convenient to be updated without leaving home*. (Rute)

O *discurso da autonomia* se constitui no batimento entre o ‘saber-poder’ e o ‘saber-fazer’, ou seja, os enunciados evocados nas SDs parecem deslizar do campo pedagógico para trazer à tona dizeres que remetem à interdiscursividade neoliberal, em que se associa o processo educacional à ideia de qualidade e custo/benefício. Dessa forma, a noção de autonomia como capacidade para se autogovernar (SD03), *be our own teacher* (SD04) ou *study alone* (SD06) imbrica-se à ideologia de que a EaD proporciona aos sujeitos liberdade (SD02) para controlar o tempo (SD05, SD08) e determinar o espaço (SD05, SD09), construindo assim novas significações acerca dos processos de ensino-aprendizagem. Produz-se, assim, o efeito de que os recursos tecnológicos otimizam,

¹⁰ As sequências foram transcritas tais como escritas pelos sujeitos.

¹¹ Os nomes aqui utilizados são fictícios.

favorecem, facilitam, operacionalizam o investimento do sujeito, *in a best way possible* (SD07), sendo possível estudar, sem o constrangimento, inclusive, de enfrentar trânsito (SD05, SD07).

Nossa análise parece fazer coro com as considerações de Lima e Mascia (2011), ao apontarem o funcionamento de dois discursos predominantes nos documentos do MEC sobre a EaD, a saber: o discurso enquanto ação e o discurso da qualidade. O primeiro corrobora o efeito de sentido de mudança e progresso; o segundo, pautado na preocupação extrema com a questão da qualidade, inscreve-se na ideologia liberal e postula a busca pela melhoria e democratização da educação – com vistas a produzir indivíduos competentes para atender ao mercado de trabalho. Nas palavras das autoras,

o discurso neoliberal como um dos grandes “regimes de verdade” que atravessam o discurso da EaD, uma vez que o efeito de sentido de “qualidade total” norteia todo o discurso, sendo um dos pontos principais de reincidência e a grande preocupação apresentada pelo documento. (LIMA; MASCIA, 2011, p. 280. Destaques das autoras)

A nosso ver, dois aspectos merecem atenção quanto à inscrição dos sujeitos no *discurso da autonomia*. O primeiro se refere ao fato de que ele parece apontar para a dificuldade em problematizar as experiências de ensino-aprendizagem no ambiente virtual, voltando-se, em vez disso, às questões logísticas, relativas aos recursos, planejamento e organização pessoais que acenam a possibilidade mesma de ser/estar na posição de professor de LI em formação. O segundo aspecto diz respeito à constituição identitária dos sujeitos, os quais se veem diante da necessidade de responder da posição de um sujeito pós-moderno cuja identidade se estabelece na relação com o digital, deixando vir à baila o desejo de completude de ser/estar em vários lugares.

Dessa forma, o *discurso da autonomia* corrobora a ilusão de completude do sujeito, obliterando o fato de que sua ‘liberdade de escolha’ submete-se a injunções sócio-histórico-ideológicas, institucionais, pedagógicas (e por que não dizer tecnológicas?) que, por sua vez, determinam, em grande medida, as (im)possíveis enunciabilidades e as próprias práticas de linguagem que se desenvolvem nesse espaço de formação. Aliás, no próprio fio do dizer, nota-se a contradição entre a crença no ‘poder tudo’ em contraposição à percepção de um ‘fazer solitário’, o que faz com que a experiência – autônoma – de ensinar-aprender a distância seja tida como desafio (SD01), pois coloca a responsabilidade da aprendizagem no sujeito (SD04). Essa contradição dá espaço – chama à existência, funciona dialogicamente, quase que como uma resposta – ao *discurso da seletividade*.

O *discurso da seletividade*, por sua vez, pode ser representado pelo enunciado o *curso de formação em EaD não é para qualquer pessoa*. Vejamos as sequências:

(SD10) *It's a quite different experience for me studying through a virtual environment /.../ before starting our course, I was unconfident about the effectiveness of this method. /.../ Certainly there is a long road ahead, many challenges and difficulties to be overcome by this type of education, but I think that this is really something promising /.../* (Jairo)

(SD11) *Many people said I'm mad when I say that distance course is better than classroom course. /.../ in a distance course we must have discipline. I developed my english in this course being self-taught and I learned with my classmates too.* (Daniel)

(SD12) I completely agree with you when you say that in a distance course, we *must have more discipline* to conduct our studies. (Jairo)

(SD13) Studying English in the distance is a *challenge*, but it was an experience where I *found difficulties* to use a virtual environment, but I *developed well the skills* to interact with this technology. (Margarida)

(SD14) The experience in a distance course is *pretty intense* and a *challenge everyday*, cause we need to be *organized, committed, responsible, active, persistence, fulfill all the established deadlines, develop independent learning skills*, etc. and if *someone doesn't have this profile* I think that's *better to join in a conventional course*. (Ingrid)

(SD15) But I think that the *distance course isn't for everyone*, it's *necessary to have the right profile /.../* (Ingrid)

(SD16) /.../ I *repeat* this course is for *someone that really is responsible, organized, committed, active, persistence, /.../* a lot of people gave it up, because it's *very difficult to force yourself to have this commitment at home*. (Ingrid)

(SD17) To achieve this in a distance course demands to deal with the *challenges of organization, discipline, responsibility, persistence, deadlines*. I believe a *distance course is not for everyone*, I mean, the learner needs to fulfill a profile which involves the characteristics mentioned above. (Rute)

(SD18) /.../ we need to be *organized, committed, responsible, etc.* to be in a distance course /.../ a *distance course may not be* the first option for the ones *who are too young* or the ones who need to develop these characteristics. (Rute)

(SD19) A distance course requires *dedication, responsibility, autonomy*, etc. (Milena)

(SD20) /.../ distance course is *not for everyone*. Is *necessary have an appropriate profile*. So autonomy, establish goals, objectives are very important for that if can obtain success. (Milena)

(SD21) I started this course *surrounded of doubts*, now *I am completely sure about my expectations*, mainly about my growth at English /.../ this course is *to people that like to independence like me*. Although all day be *necessary studying and have commitment about all activities*. (Sabrina)

(SD22) Unfortunately there are *prejudiced about ead /.../* in distance course the student *needs be more responsible than in a presencial*. (Sabrina)

(SD23) *Contrary to what many people think* they do a distance course is *not easy*. For those who like to study and loves challenges and *ideal course EAD /.../* I got used to the pace of EAD, what we *need, discipline, focus* and a *strong desire to study /.../* (Carmen)

(SD24) Since I started this course *I stayed insecure* if I have success in process learning, because I work all day, I have two kids and I must keep me taking care my family every night and just after that I can study. (Genoveva)

(SD25) Thus, the *distance learning course demands time, dedication. It is an illusion to think about or teach a distance course for lack of time*. We risk say that in *distance learning participants need to spend more time* in the classroom teaching that course, because there is *no alternative but to participate*. (Valéria)

Ao colocar em cena dizeres que apontam para uma historicidade de descrédito, discriminação e marginalização em relação à EaD e em relação à decisão dos sujeitos em fazer tal curso (SD10, SD11, SD21, SD23, SD24, SD25), o *discurso da seletividade* aponta para um devir (SD10: *promissing*), em que efeitos de superação incidem na construção de um lugar legitimado para o professor pré-serviço de LI em EaD. Nas sequências, vê-se que as TICs funcionam ideologicamente de forma a selecionar o perfil dos participantes, uma vez que só conseguiriam permanecer no curso aqueles que possuem disciplina, capacidade de autoestudo, compromisso, engajamento.

Entendemos que esse discurso se configura em um movimento de resistência do sujeito em relação às vozes histórico-sociais que ressoam dizeres de que cursos

universitários a distância não têm tanta credibilidade quanto os presenciais. Portanto, ao evocar o *discurso da seletividade*, o sujeito constrói para si um lugar de legitimidade e autoridade de forma a garantir e valorizar o exercício de sua (futura) profissão e, conseqüentemente, de sua identidade (ainda que fluida) como professor de LI cujo processo de formação se deu em ambiente virtual.

É interessante notar que, apesar da discursividade sócio-histórica que circula provocando efeitos de euforia, celebração e inovação acerca do uso de recursos tecnológicos nos processos educacionais (CASTRO NETTO, 2014; BAPTISTA, 2014; DIAS, 2012; QUEIROZ, 2004), os cursos universitários na modalidade não presencial ocupam ainda um lugar à margem, às vezes com pouca visibilidade inclusive nas instituições em que são desenvolvidos. Dessa forma, falar/enunciar sobre a formação em EaD é evocar um imaginário de um lugar (virtual?) ‘sem fronteiras’ (que dá poderes ao sujeito), mas, ao mesmo tempo, ‘com restrições’ (que submete o sujeito ao olhar e aprovação do outro). Assim, o sujeito estabelece uma relação de alteridade com sua formação em EaD de forma tensa e conflituosa, que o faz enunciar por mecanismos de contradição.

4.2 SOBRE OS PROCESSOS DE ENSINO-APRENDIZAGEM DE LI EM UM CURSO DE LETRAS EAD

Para compreender as representações sobre os processos de ensino-aprendizagem de LI construídas pelos professores pré-serviço em EaD, elencamos dois discursos. A saber: o *discurso da falta* e o *discurso da excelência da tecnologia*.

O *discurso da falta* é evocado para se referir à não suficiência de: (i) proficiência na LI, em especial no que diz respeito à produção oral; e (ii) interações síncronas, o que nos permite entrever o desejo do ‘domínio’ da LI (entendido como apropriação de fluência) e a percepção da falta. Vejamos os enunciados ‘a’ e ‘b’ e suas respectivas SDs:

a) *o ensino-aprendizagem de LI, e em especial da oralidade, em EaD é lacunar*

(SD26) My expectations were fulfilled. I developed my English written and reading greatly in this course. /.../ On the other hand, despite we use tools like Skype and Oovoo, our chat moodle has never worked adequately. Several chats had to be canceled. (Daniel)

(SD27) Indeed, our expectations were frustrated in terms we left the course Letra- English EAD / UFU, speaking, writing and listening as if we were on a short course of languages. (Milena)

(SD28) /.../ I felt a little frustrated because I had the pretense of learning the English language /.../ (Filomena)

(SD29) /.../ when it is to learning English, I believe that learning in the classroom is more effective than distance learning (Emília)

(SD30) /.../ I've developed my writing skill, but I really miss the speaking skill. (Rute)

(SD31) /.../ we learn very little in this course /.../ I thought that I would learn the language English (reading, writing, speaking and listening). We learn until some techniques of the reading, writing, speaking, listening but not the sufficient. So my expectations were not met /.../. (Milena)

(SD32) I also think that relation to learning English language, in my *opinion we learn very little in this course*. (Carmen)

(SD33) My expectations *still do not been fulfilled* for the reason that *I have not accuracy in English* and I would like be better. (Genoveva)

(SD34) My *expectations* about the course were *not well reached /.../* The *most difficult challenge* in this course is to *promote conversation and oral practice*, this is something complicated, however it would be solved with conferences only in English. (Armando)

(SD35) And even now I *speak little English*, my *expectations are frustrating*. /.../ I have many *difficulties and limitations* as read English, write English texts, videos and listening in English. (Miriam)

(SD36) I have *great difficulty in oral language*, that is to say, I don't know if it's the shame or shyness, but I can't express myself correctly in a second language. (Meiry)

O desejo pela oralidade na LI e a construção de um imaginário de fluência pelo aprendiz de línguas estrangeiras têm sido problematizados em vários trabalhos (GUILHERME, 2008; BRITO; GUILHERME, 2014; NEVES, 2002; RAJAGOPALAN, 2005). Todavia, nesse contexto específico de formação de professores a distância, o anseio pela produção oral também produz efeitos, no fio do discurso, pela relação dialógica que estabelece com os dizeres acerca das práticas de compreensão e produção escritas.

Arriscaríamos a dizer que esse ciberespaço de formação de professores produz um *discurso do excesso da escrita*, que funciona dialogicamente com o discurso da falta de oralidade, asseverando a relação 'excesso de escrita' e 'falta de oralidade', como se vê nas SDs abaixo:

(SD37) The only difficulty I really had is that I have *more work* involved because the majority of our communication with the teacher is through *writing*. (Socorro)

(SD38) /.../ and *had a lot of difficulties for more writing assignments*, because most of our communication with the instructor is through *writing /.../* (Laura)

O *discurso do excesso da escrita* lança luz para um aspecto comumente apagado na discursividade pedagógica acerca dos processos de ensino-aprendizagem mediado por computadores, a saber: as limitações institucionais e mesmo tecnológicas, as quais estabelecem, em grande medida, o que pode e o que deve ser feito nesse contexto. Se comparadas às práticas de interação face a face, as práticas de linguagem por meio da escrita (fóruns, chats, wikis, compilação de glossário), em um ambiente formal de ensino-aprendizagem, impõem demandas outras ao sujeito, exigindo, por exemplo, que ele leia as produções dos colegas e que invista um maior trabalho de elaboração de seu dizer. Demanda essa asseverada pelo fato de que a escrita produz um efeito de memória do dizer, eternizando os posicionamentos no ciberespaço. A escrita coloca, então, uma forma outra de interação professor-aluno-tutor, resultando em reconfigurações na relação dos sujeitos com o saber.

b) *o ensino-aprendizagem da LI em EaD é prejudicado pela falta de interações síncronas*

(SD39) /.../ sometimes there is an extremely large period of time, in terms of response in these interactions, and this may compromise this process. I think there is still a lack of direct interaction between student and teacher. (Jairo)

(SD40) I try to compensate that on the internet, but real conversations will be much better. (Rute)

(SD41) I miss of real activities like chats (for example to train English conversation or grammar) /.../ (Sabrina)

(SD42) The virtual environment meets very well the role of facilitating the interactions and discussions between students and tutors. But I think it lacks a more direct link between students and teachers regarding the pronunciation of the English language. I believe that the courses should avail a little more available technologies to stimulate a more real contact of students with English. (Emanuel)

(SD43) Although the course is rich in knowledge, I also think it lacks a little more interaction between students and even teachers to practice the English language. (Emanuel)

O discurso da falta da proficiência oral é asseverado pelo discurso de que o curso a distância não propicia interações presenciais ou de forma mais síncrona (por meio de webconferências, por exemplo), com vistas a promover, assim, o ‘real’ contato dos professores pré-serviço com a língua. Essa representação parece apontar para o desejo do outro, desejo de um saber que poderia ser apropriado na relação com aquele que se supõe saber mais (professor, tutor) e que, portanto, pode balizar/avaliar a produção oral do professor em formação.

Não podemos deixar de mencionar que o *discurso da falta* (de conhecimento da LI e de interações síncronas) se confronta com o *discurso da autonomia*, desfacelando a ilusão de que ‘se pode tudo’. Ainda que se inscreva na (ilusão) da autonomia que um curso EaD demanda, essa autonomia não é suficiente para que se atenda, por exemplo, às exigências de escrita do curso. Um embate de vozes, assim, se deflagra, fazendo que o sujeito, por meio da contradição, construa uma discursividade que pulsa entre a imagem que tem de si (sou autônomo) e a imagem que gostaria de ter de si (gostaria de atender às demandas de escrita do curso). Uma alteridade tenso-conflitiva que, mais uma vez, marca a posição do sujeito no processo de ensino-aprendizagem e de formação via EaD.

Finalmente, o *discurso da excelência da tecnologia*, representado pelo enunciado *o ensino-aprendizagem em EAD é potencializado pela multiplicidade de recursos*, conforme as sequências abaixo:

(SD44) /.../ *only a distance course allows this kind of immersion and involvement* /.../ the whole virtual environment begins to make part of a daily routine of the student /.../ *becomes more natural and easy* for him. (Jairo)

(SD45) I found it an *ideal place* for learning, teaching, and living a college experience; where *I can freely discuss ideas* /.../ also provides me with *leadership and fellowship opportunities* /.../ (Socorro)

(SD46) With the distance learning course *I feel prepared to act as teacher*. (Margarida)

(SD47) In the virtual environment with the tools that the course offered: *being possible the acquisition of shared knowledge, interact and learn to live in a group* /.../ (Milena)

(SD48) /.../ *I barely knew how to send emails /.../ this platform gave me a huge range of new knowledge and learning /.../ So I fully trust this technological innovation for education.* (Filomena)

(SD49) /.../ *especially computers and the internet, are bound to their potential to promote intra and interpersonal interaction, communication, exchange of experiences and knowledge, research opportunities /.../* (Filomena)

(SD50) *For those who like to study and loves challenges and ideal course EAD.* (Carmen)

(SD51) *The virtual environment meets very well the role of facilitating the interactions and discussions between students and tutors.* (Emanuel)

(SD52) *Contrary to what many think, distance learning is not solitary. /.../ The dynamics of the activities may also be responsible for stimulating the cooperation between participants increases the sense group and, consequently, in most cases, motivation.* (Valéria)

O *discurso da excelência da tecnologia* apaga a relação do sujeito com a LI e a desloca para a relação com a tecnologia, compensando, assim, o discurso da falta por meio de uma voz que enuncia ‘não aprendi a LI, mas aprendi a lidar com recursos tecnológicos’. Trata-se de um discurso que se sustenta interdiscursivamente no imaginário de que a tecnologia por si mesma é capaz de promover o ensino-aprendizagem da língua para o sujeito que ocupa um lugar na pós-modernidade. Tal saber-poder tecnológico seria, portanto, condição *sine qua non* para que esse sujeito instaurasse uma relação de pertencimento com o mundo globalizado. Nessa suposta relação de causa-efeito, o saber-poder tecnológico garantiria o saber-poder pedagógico. A inscrição nessa discursividade funciona, também, como forma de resistência ao discurso de não legitimação dos cursos EaD, já que inscreve o sujeito num mundo contemporâneo que demanda do professor competência técnica e letramento digital.

Vale salientar que esse discurso funciona pelo mecanismo enunciativo do esquecimento, em que o sujeito ‘se esquece’ de toda sua história de interação verbal vivenciada em cursos presenciais. Respaldam-se, pois, dizeres que celebram a possibilidade de interação entre os participantes da plataforma virtual de aprendizagem, colocando o ciberespaço como lugar de compartilhamento, colaboração, cooperação, como se a interação verbal não fosse um aspecto constitutivo de todo e qualquer processo de ensino-aprendizagem (SD47, SD49, SD51, SD52).

Vêm também à tona dizeres que fazem ressoar sentidos de completude para a experiência de ensino-aprendizagem a distância, o que, como visto no *discurso da seletividade*, legitima um espaço de saber-poder para o sujeito (SD44, SD45, SD46, SD48).

O que se pode entrever pelas SDs é, mais uma vez, a contradição que se deixa revelar por meio de uma relação tensa que os sujeitos estabelecem com sua formação. Há nos dizeres um batimento entre presença e ausência, entre a representação de ciberespaço como lugar de interação e lugar de ausência. Ausência advinda da percepção da falta, do desejo de completude no/pelo outro, da presença do professor.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao lançar um gesto de interpretação aos dizeres sobre a formação em Letras-Ingês e os processos de ensino aprendizagem de LI de professores pré-serviço em um curso a distância, buscamos analisar as representações construídas por esses sujeitos.

Ocupando diferentes posições, vê-se que os sujeitos produzem discursos que não são estanques ou isolados, antes se relacionam/imbricam uns com os outros, constituindo-se no jogo de unidade e dispersão dos sentidos. Em outras palavras, as representações delineadas se sobrepõem, se complementam e se confrontam pelo embate das diversas vozes sócio-histórico-ideológicas evocadas pelos sujeitos ao enunciarem sobre sua experiência com o ensino-aprendizagem de LI a distância. O movimento dos discursos se marca pela contradição e heterogeneidade: a EaD, ao mesmo tempo que proporciona também impõe uma autonomia aos sujeitos, a qual, por sua vez, beneficia, mas seleciona seus participantes. Ademais, apesar da falta que a marca, a EaD aparece discursivizada como lugar de excelência.

Essa discursividade se movimenta produzindo efeitos que corroboram algumas dicotomias, a saber: tradição x inovação; presença x ausência; aluno de curso presencial x aluno de curso em EaD; real x virtual; individualismo x interação, como se a relação curso presencial-curso a distância se configurasse como uma polaridade (em que, aliás, um dos elementos é tido como superior ao outro).

A fragilidade das dicotomias pode ser observada, por exemplo, pela inscrição, tanto por professores pré-serviço em cursos presenciais quanto por aqueles da modalidade a distância, no discurso da falta e o movimento de resistência a ela, o que traz à baila a natureza cindida e fragmentada dos sujeitos. Escamoteia-se para esses o fato de que a relação com uma língua outra (e seu possível ‘domínio’) tem a ver com o desejo,

O desejo do e pelo outro, o desejo de ser o desejo do outro e, ao mesmo tempo, o desejo de ser o outro, que “imagina” (representa) como ideal, constitui uma das marcas mais relevantes, senão a mais importante, que impulsiona o sujeito na sua busca incessante pelo preenchimento da falta que o constitui. É o que resta (sobra, objeto a) que nos move em direção ao outro do imaginário. (CORACINI, 2014, p. 16)

Finalmente, cumpre salientar que, ainda que programas governamentais como o PARFOR oportunizem o acesso à educação de nível superior, com vistas à inclusão sócio-linguístico-digital (HASHIGUTI; BRITO, 2014), é preciso criar espaços de interação verbal, ao longo do próprio curso, para que as imagens construídas pelos sujeitos sejam problematizadas, possibilitando-lhes entrever a linguagem enquanto materialidade discursiva e ideológica; espaços de enfrentamento que possibilitem o desarranjo da rede de sentidos na qual o sujeito professor constitui sua identidade, chamando-o “a se reposicionar, a se identificar a novos sentidos que sustentem a construção imaginária do eu” (TAVARES, 2010). Trata-se, conforme Riolfi (2011) de “provocar o distanciamento do professor em formação das matrizes de sentido que organizam suas memórias” (p. 113), de “levar aquele que está sendo formado a alterar sua relação com suas palavras” (p. 122), (des)arranjando, assim, a configuração de uma memória congelada.

Consonante com o trabalho de Guilherme (2010, p. 199), os resultados deste estudo também acenam para a

necessidade de se incluir, na formação pré e em-serviço um espaço de trabalho com a linguagem que contemple o funcionamento das representações nos processos discursivos, que contemple a língua enquanto materialidade discursiva e ideológica. Apontam, também,

para a necessidade de um trabalho que contemple a construção da subjetividade do professor brasileiro de LI pré e em-serviço, subjetividade esta comumente apagada, silenciada, esquecida e denegada. Apontam, ainda, para a necessidade de um trabalho que possa promover deslocamentos nas inscrições discursivas dos sujeitos em-formação, dos sujeitos formados e dos sujeitos-formadores.

É, pois, preciso que professores formadores e tutores atentem para a necessidade de um trabalho que contemple a subjetividade do professor em formação, no ambiente virtual, tentando promover deslocamentos em suas inscrições discursivas na medida em que essas podem incidir em sua futura prática pedagógico-educacional. Finalmente, é também preciso pensar como as discursividades podem contribuir para apontar caminhos outros, diferentes olhares e formas de se conceber os próprios processos de formação de professores de línguas em nosso país.

A interface aqui proposta não deve de forma alguma ser vista como a mera aplicação de conceitos discursivos aos trabalhos realizados na LA, mas como possibilidade de “deslocamento no escopo epistemológico desses campos de conhecimento para constituir um amálgama teórico suficientemente complexo e *indisciplinar*” (BRITO; GUILHERME, 2013, p. 26, grifo das autoras). Ao mesmo tempo em que a LA dialoga com os estudos discursivos para melhor compreender a constituição dos sujeitos e da linguagem, nos contextos de formação de professores e ensino-aprendizagem de línguas, a LA, por outro lado, pode ampliar, para os estudos do discurso, questões que tangenciam o funcionamento do discurso pedagógico-educacional.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. (1920). *Para uma filosofia do ato responsável*. Trad. Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.
- _____; VOLOSHINOV, V. N. (1929). *Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 9. ed. São Paulo, Hucitec, 2002.
- BAPTISTA, J. B. Reflexões de professores de inglês em formação inicial sobre o uso de novas tecnologias. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 14, n. 3, p. 533-552, 2014.
- BOHN, H. Linguística Aplicada e Contemporaneidade. In: FREIRE, M.; ABRAHÃO, M. H. V.; BARCELOS, A. M. F. (Org.) *Linguística Aplicada e Contemporaneidade*. Campinas: Pontes, 2005. p. 11- 23.
- BRITO, C. C. P.; GUILHERME, M. F. F. Memorial de aprendizagem e a formação do professor: vozes constitutivas da relação aprender/ensinar línguas estrangeiras. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 14, n. 3, p. 511-532, 2014.
- _____; _____. Linguística Aplicada e Análise do Discurso: possíveis entrelaçamentos para a constituição de uma epistemologia. *Cadernos Discursivos*, Catalão, v. 1, n. 1, p. 17-40, 2013.
- _____; HASHIGUTI, S. T.; PEIXOTO, M. R. B. S. *As novas tecnologias da informação e da comunicação (NTICs) no ensino de língua inglesa*. Uberlândia: UFU, CEaD, 2015.
- CASTRO NETTO, M. *Novas tecnologias na discursividade da linguística aplicada: ensino-aprendizagem de língua inglesa*. João Pessoa: Novas Edições Acadêmicas, 2014.
- CORACINI, M. J. Entre adquirir e aprender uma língua: subjetividade e polifonia. *Bakhtiniana*, v. 9, n. 2, p. 4-24, 2014.
- DIAS, R. WebQuests: Tecnologias, multiletramentos e a formação do professor de inglês para a era do ciberespaço. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 12, nº 4, p. 861-882, 2012.

- GREGOLIN, M. R. V. Bakhtin, Foucault e Pêcheux. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 33-52.
- GUILHERME, M. F. F. Bakhtin e Pêcheux: atravessamentos teóricos. In: PAULA, L.; STAFUZZA, G. (Org.). *Círculo de Bakhtin: pensamento interacional*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2013. p. 259-279.
- _____. Da formação pré-serviço à prática em-serviço do professor de língua inglesa: a falta constitutiva. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, v. 49, n. 1, p. 185-204, 2010.
- _____. Discursividade dialógico-polifônica na formação de professores. *Bakhtiniana*, v. 1, n. 1, p. 23-41, 2009.
- _____. *Competência oral-enunciativa em língua estrangeira (inglês): fronteiras e limites*. 2008. 311f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.
- _____; SANTOS, J. B. C. Letramento em língua inglesa: uma reflexão bakhtiniana a partir de um estudo de caso. *Bakhtiniana*, v. 9, n. 2, p. 52-71, 2014.
- HASHIGUTI, S. T.; BRITO, C. C. P. English Learning at a Distance: a case study on social-linguistic and digital inclusion. *Proceedings of the 2nd Global Multidisciplinary e-Conference*, p. 149-160, 2014.
- HENRY, P. Os fundamentos teóricos da ‘análise automática do discurso’ de Michel Pêcheux (1969). In: GADET, F. e HAK, T. (Org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Trad. Bethania S. Mariani [et. al.]. 4. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010. p. 11-38.
- KLEIMAN, A. B. Agenda de pesquisa e ação em Linguística Aplicada: problematizações. In: Moita Lopes, L. P. (Org.). *Linguística Aplicada na modernidade recente: festschrift para Antonieta Celani*. São Paulo: Parábola, 2013. p. 39-58.
- LIMA, T. A.; MASCIA, M. A. A. (Re)torcendo os fios do discurso político educacional da EaD: uma análise dos documentos do MEC. In: CORACINI, M. J. et al. (Org.). *Da letra ao píxel e do píxel à letra: uma análise discursiva do e sobre o virtual: identidade, leitura e escrita, formação de professores e ensino-aprendizagem de línguas*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011. p. 261-283.
- LUZ, E. P. B. *A autonomia no processo de ensino e aprendizagem de línguas em ambiente virtual (teletandem)*. 2009. 230f. Dissertação. (Mestrado em Estudos Linguísticos). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2009.
- MOITA LOPES, L. P. Da aplicação de linguística à linguística aplicada indisciplinar. In: Pereira, R. C. e Roca, P. (Org.). *Linguística aplicada: um caminho com diferentes acessos*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 11-24.
- _____. Linguística Aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In: _____. (Org.). *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006. p. 85-107.
- NEVES, M. S. *Processo discursivo e subjetividade: vozes preponderantes na avaliação da oralidade em língua estrangeira no ensino universitário*. 2002. 276f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.
- PAIVA, V. L. M. Tecnologia na docência em línguas estrangeiras: convergências e tensões. In: SANTOS, L. L. C. P. (Org.) *Convergências e tensões no campo de formação e do trabalho docente*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 595-613. Disponível em <<http://www.veramenezes.com/endipe.pdf>> Acesso em: 12 out. 2015.
- _____. O papel da educação a distância na política de ensino de línguas. In: MENDES et alii (Org.). *Revisitações: edição comemorativa: 30 anos da Faculdade de Letras/UFMG*. Belo Horizonte: UFMG/FALE, 1999. p. 41-57.
- PÊCHEUX, M. (1969). Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: GADET, F; HAK, T. (Org.). *Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Trad. Bethania S. Mariani et al. 3. ed., Campinas: Editora da Unicamp, 1997. p. 61-105.
- _____. (1975). *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni Orlandi. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1997.
- PENNYCOOK, A. Uma linguística aplicada transgressiva. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). *Por uma linguística aplicada INdisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 67-84.

- QUEIROZ, E. S. C. Educação a distância: uma investigação sobre possíveis contribuições para a educação continuada de professores de língua estrangeira (Inglês). *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 4, n. 2, p. 11-44, 2004.
- RAJAGOPALAN, K. Non-native speaker teachers of English and their anxieties: ingredients for an experiment in action research. In: LLURDA, E. (Ed.). *Non-native Language Teachers. Perceptions, Challenges and Contributions to the Profession*. New York: Springer, 2005. p. 283-303.
- REVUZ, C. A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio. In: SIGNORINI, I. (Org.). *Língua(gem) e identidade*. São Paulo: Mercado de Letras, 1998. p. 213-230.
- RIOLFI, C. R. Além do passado congelado: o equívoco na formação de professores de língua materna. In: CORACINI, M. J.; GHIRALDELO, C. M. (Org.). *Nas malhas do discurso: memória, imaginário e subjetividade*. Campinas: Pontes, 2011. p. 111-138.
- ROCHA, C. H.; MACIEL, R. F. (Org.). Língua estrangeira, formação cidadã e tecnologia: ensino e pesquisa como participação democrática. In: *Língua estrangeira e formação cidadã: por entre discursos e práticas*. 2. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015. p. 13-29.
- RUIZ, E. M. S. D. Material didático de educação a distância, neoliberalismo e autonomia: relações (im)possíveis. *Calidoscópico*. v. 11, n. 3, p. 297-305, 2013.
- SANTOS, J. B. C. Uma reflexão metodológica sobre análise de discursos. In: FERNANDES, C. A. e SANTOS, J. B. C. (Org.). *Análise do Discurso: unidade e dispersão*. Uberlândia: EntreMeios, 2004. p. 109-118.
- _____. *Por uma Teoria do Discurso Universitário Institucional*. 2000. 236f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Universidade Federal de Minas Gerais. 2000.
- _____. et al. Introdução aos estudos bakhtinianos. In: FERNANDES, C. A. e SANTOS, J. B. C. (Org.). *Teorias linguísticas: problemáticas contemporâneas*. Uberlândia: Edufu, 2003. p. 35-44.
- SILVA, M. R.; BRITO, C. C. P. Discurso, tecnologia e ensino-aprendizagem de língua: um olhar para os dizeres nos estudos da Linguística Aplicada. *Catalão: UFG*, 2015. (Comunicação Oral)
- SZUNDY, P. T. C. Educação como ato responsável: a formação de professores de linguagens à luz da filosofia da linguagem do círculo de Bakhtin. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, v. 53, n.1, p. 13-32, 2014.
- TAVARES, C. N. *Identidade itine(r)rante: o contínuo (des)apropriar-se do lugar de professor de língua estrangeira*. 2010. 279f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.
- _____. ; CHAGAS, L. A. Efeitos do discurso das novas tecnologias na constituição identitária do professor de línguas. *Revista Escrita*, n. 15, p. 1-16, 2012.
- WHITE, C. *Language Learning in Distance Education*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

Recebido em: 22/07/16. Aprovado em: 16/01/2017.

Title: *Pre-service English teacher constitution in a language distance course: representations of education, teaching-learning and technology*

Authors: *Cristiane Carvalho de Paula Brito; Maria de Fátima Fonseca Guilherme*

Abstract: *This paper aims, from a discursive perspective of language in interface with the studies developed in Applied Linguistics, at investigating representations constructed in utterances by pre-service English teachers about their education process and about their English teaching-learning process at a distance English Language Teacher Education Course. The results point out that the participants enunciate from an in-between place, marked by the clash between the pre-service English teacher-subject position in a presential course and pre-service English teacher-subject position in a distance course. In this clash, they inscribe themselves in the discourse of autonomy, of selectivity, of lack and of the excellence of technology, which build effects of truth that obliterate the conflictive and contradictory aspects that are constitutive of the relation subject-language-technology.*

Keywords: *Discourse. Technology. Teacher education.*

Título: *La constitución del profesor de inglés pre-servicio en un Curso de Letras EaD: representaciones sobre formación, enseñanza y aprendizaje y tecnología*

Autores: *Cristiane Carvalho de Paula Brito; Maria de Fátima Fonseca Guilherme*

Resumen: *Este trabajo tiene el objetivo, desde una perspectiva discursiva de lenguaje en interface con los estudios en Lingüística Aplicada, de investigar representaciones construidas en el que es dicho por profesores pre servicio sobre el proceso de formación y de enseñanza y aprendizaje de lengua inglesa en un curso de licenciatura de Letras-Inglés (LI) a distancia. Los resultados apuntan que los participantes enuncian de un lugar de entremedio, marcado por el embate entre la posición sujeto-profesor pre servicio de LI en curso presencial y la posición sujeto-profesor pre servicio de LI en curso EaD. En ese embate, ellos se inscriben en el discurso de la autonomía, de la selectividad, de la falta y de la excelencia de la tecnología, los cuales funcionan de forma a crear efectos de verdad que obliteran los aspectos de contradicción y conflictivos constitutivos de la relación sujeto-lenguaje-tecnología.*

Palabras-clave: *Discurso. Tecnología. Formación docente.*



Este texto está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-4017-170107-2616>

A (IN)DISTINÇÃO ENTRE DIALOGISMO E INTERTEXTUALIDADE

Lucas Vinício de Carvalho Maciel*
Universidade Federal de São Carlos
Centro de Educação e de Ciências Humanas
Departamento de Letras
São Carlos, SP, Brasil

Resumo: O uso do termo *intertextualidade* em lugar de ou como sinônimo de *dialogismo* tem suscitado algumas reflexões e críticas. Para adentrar nesta discussão, propõe-se lembrar a origem da noção de *intertextualidade* no contexto francês das décadas de 1960 e 1970, a partir do qual foi difundida. Seguindo essa retomada histórica, chega-se aos posicionamentos de estudiosos bakhtinianos brasileiros, que têm, atualmente, tanto discordado veementemente do emprego da expressão *intertextualidade* (BEZERRA, 2011 [2010]) quanto procurado entendê-la ou acomodá-la em outros quadros teóricos (FIORIN, 2006). No âmbito desses posicionamentos diversos, pretende-se neste artigo fomentar essa discussão ao se propor que a distinção entre relações dialógicas internas e relações dialógicas externas pode ser um princípio para diferenciar *dialogismo* de *intertextualidade*, o que também permitirá reafirmar, em outras bases, o juízo de que *intertextualidade* não é um adequado vocábulo para representar o *dialogismo*.

Palavras-chave: *Dialogismo. Intertextualidade. Relações dialógicas.*

Duas vezes são o mínimo da vida, o mínimo da
existência. (BAKHTIN)

1 INTRODUÇÃO

Os estudos bakhtinianos são perpassados por polêmicas, entre as quais: (i) a disputada autoria de alguns textos, que são tributados a Bakhtin ou a outros membros do Círculo, como Voloshinov ou Medviédev (BRAZINOV, 2012 [2011]; BRONCKART, BOTA, 2012; GRILLO, 2012; ARÁN, 2014); (ii) questões de tradução e de recepção das obras bakhtinianas no Ocidente (LIMA, 2005 [1997]); (iii) além das disputadas interpretações de alguns conceitos bakhtinianos como polifonia e dialogismo. Na esteira dessas questões, no presente artigo, pretende-se discutir o controverso emprego do termo “*intertextualidade*” como (praticamente) sinônimo da ideia bakhtiniana de *dialogismo*.

* Professor Adjunto A. Doutor em Linguística Aplicada/IEL-Unicamp. E-mail: lucasvmaciel@yahoo.com.br.

Procura-se, para isso, recuperar o contexto de surgimento do termo “intertextualidade” bem como alguns caminhos pelos quais se popularizou no contexto acadêmico internacional e brasileiro. A propósito, no caso do Brasil, a noção de intertextualidade chega até mesmo ao âmbito de documentos oficiais como os *Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Língua Portuguesa - Terceiro e Quarto Ciclos do Ensino Fundamental* (BRASIL, 1998), ecoando, assim, em materiais didáticos e práticas de ensino de língua.

Passando por estudiosos da área, cuja recepção vai desde uma assimilação mais flexível, como a de Fiorin (2006), até a negação radical da pertinência do termo “intertextualidade” quando usado para representar o pensamento bakhtiniano (BEZERRA, 2011 [2010]), discorre-se neste texto sobre a (im)possibilidade de se tomar indistintamente os conceitos de intertextualidade e de dialogismo como correlatos.

2 CONTEXTO HISTÓRICO: SURGIMENTO E DIFUSÃO DO TERMO “INTERTEXTUALIDADE”

Segundo Fiorin (2006, p. 161, grifo do autor):

A palavra *intertextualidade* foi uma das primeiras, consideradas como bakhtinianas, a ganhar prestígio no Ocidente. Isso se deu graças à obra de Júlia Kristeva. Obteve cidadania acadêmica, antes mesmo de termos como dialogismo alcançarem notoriedade na pesquisa linguística e literária.

O prestígio da palavra “intertextualidade”, a propósito, não se releva apenas nas práticas acadêmicas, pois no Brasil o termo vem sendo empregado em contexto educacional há algum tempo. Nos PCN de Língua Portuguesa, já se lia que a “relação entre o texto produzido e os outros textos é que se tem chamado intertextualidade” (BRASIL, 1998, p. 21). Aliás, pela expressão “se tem chamado” é de se acreditar que o termo “intertextualidade” não se apresentava, mesmo em 1998, como uma novidade, pois seria uma expressão que já vinha sendo utilizada.

Nesse documento oficial não se encontra nenhuma ocorrência da palavra “dialogismo”, embora obras do Círculo sejam citadas¹. Assim, a observação de Fiorin (2006) pode ser estendida também ao ensino: se termos como “dialogismo” ainda não gozam de grande reconhecimento na esfera político-pedagógica, a palavra “intertextualidade” há muito figura, com certo valor, nesse meio social e discursivo.

Fatos como esse contribuem para instigar os ânimos daqueles que não veem o pensamento bakhtiniano (corretamente) representado pelo termo “intertextualidade”, pois “na obra bakhtiniana, não ocorrem os termos interdiscurso, intertexto, interdiscursivo, interdiscursividade, *intertextualidade*” (FIORIN, 2006, p. 162, grifo nosso).

¹ As obras bakhtinianas diretamente citadas nas referências bibliográficas dos PCN são o livro *Marxismo e filosofia da linguagem* e a coletânea de textos *Estética da criação verbal*. Além disso, também figuram nas referências bibliográficas trabalhos de debatedores da obra bakhtiniana – João Wanderley Geraldi, Carlos Alberto Faraco, Roxane Helena Rodrigues Rojo, para mencionar alguns.

Paulo Bezerra, por exemplo, mostra-se um crítico severo do emprego do termo “intertextualidade”, o que se daria no contexto de uma “adaptação” bastante empobrecedora das ideias bakhtinianas.

No Brasil, essa “adaptação” vem contribuindo para a deformação do pensamento bakhtiniano em escala temível. Citemos ao menos um exemplo. No livro *Intertextualidades* (Belo Horizonte: Lê, 1995), de G. Paulino, I. Walty e M. Z. Curry, lemos: “a intertextualidade foi estudada primeiramente pelo pensador russo Mikhail Bakhtin” (p. 21). E as autoras citam minha tradução de *PPD [Problemas da poética de Dostoiévski]* como fonte bibliográfica. Em que página do livro aparece o termo “intertextualidade”, caríssimas caras-pálidas, que eu, o tradutor, nunca o encontrei? (BEZERRA, 2011 [2010], p. xx-xxi)

Bezerra refuta o uso do termo “intertextualidade” como sinônimo de dialogismo. Para o tradutor, a palavra “intertextualidade” estaria entre aqueles “deméritos” de Kristeva, responsável por uma “deturpação do pensamento e da teoria de Bakhtin” (BEZERRA, 2011 [2010], p. xii).

Assim como Bezerra, Fiorin entende que o termo “intertextualidade” ganha projeção a partir do texto *A palavra, o diálogo e o romance* de Kristeva (2012 [1967])², em que aparece “a noção de intertextualidade como procedimento real da constituição do texto” (FIORIN, 2006, p. 163). Para alguns, porém, a noção de dialogismo não estaria bem representada pelo vocábulo “intertextualidade” empregado por Kristeva; vocábulo esse que foi difundido a partir do texto da autora.

Para prosseguir na discussão, observem-se palavras da própria Kristeva (2012 [1967], p. 142, grifo do autor), segundo a qual:

[...] uma descoberta que Bakhtin foi o primeiro a introduzir na teoria literária: todo o texto se constrói com mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto. Em lugar da noção de intersubjetividade, instala-se a noção de *intertextualidade*, e a linguagem poética lê-se pelo menos como dupla.

Por um lado, Kristeva corretamente entende que uma das possibilidades de manifestação do dialogismo são as relações entre um texto e outro texto; por outro lado, é bastante problemática a assunção de que em lugar da intersubjetividade se possa colocar a noção de intertextualidade. O dialogismo talvez possa parecer “exteriormente” ou à primeira vista como uma relação entre textos, uma relação “intertextual”. Porém, da perspectiva bakhtiniana, as relações dialógicas, antes de serem apenas relações entre textos, são entendidas como relações entre vozes e essas vozes pertencem a sujeitos – sejam estes passíveis de identificação ou não³. Assim, em qualquer relação dialógica se

² Tanto Fiorin quanto Bezerra indicam que o texto *A palavra, o diálogo e o romance* viria a ser o capítulo 4 da obra *Introdução à Semanálise* (KRISTEVA, 2012 [1969]). Contudo na mais recente edição brasileira, o texto a que se referem aparece como capítulo 7.

³ [...] todo enunciado tem uma espécie de autor, que no próprio enunciado escutamos como seu criador. Podemos não saber absolutamente nada sobre o autor real, como ele existe fora do enunciado. As formas dessa autoria real podem ser muito diversas. Uma obra qualquer pode ser produto de um trabalho de equipe, pode ser interpretado como um trabalho hereditário de várias gerações, etc., e, apesar de tudo, sentimos

estabelece uma relação entre sujeitos, em algum sentido uma relação “intersubjetiva”, daí porque é realmente equivocado opor intersubjetividade à intertextualidade.

Ainda segundo Kristeva (2012 [1967], p. 145, grifo do autor):

[...] o dialogismo bakhtiniano designa a escritura simultaneamente como subjetividade e como comunicatividade, ou melhor, como *intertextualidade*; face a esse dialogismo, a noção de “pessoa-sujeito da escritura” começa a se esfumçar para ceder lugar a uma outra, a da ambivalência da escritura.

Embora reconheça o dialogismo “simultaneamente como *subjetividade* e como comunicatividade” (grifo nosso), a perspectiva da subjetividade vem a ser apagada se “a noção de ‘pessoa-sujeito da escritura’ [...] se esfumçar”. O entendimento de Kristeva, assim, é oposto à valorização bakhtiniana da autoria da voz, à valorização de que as relações dialógicas se estabelecem entre vozes pertencentes a determinados sujeitos, já que a voz é “expressão da posição do falante individual em uma situação concreta da comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2003 [1952-1953], p. 289). No viés bakhtiniano, pensar em dialogismo, em relações dialógicas, significa considerar os sujeitos (discursivos) implicados no processo de comunicação. As relações dialógicas se forjam na assunção explícita ou implícita, consciente ou não, de vozes alheias.

Aliás, é importante lembrar que as ponderações de Kristeva estão, em algum sentido, influenciadas pelas estéticas (pré)futuristas. O futurismo é justamente o movimento literário que dará ensejo, em grande medida, ao desenvolvimento do formalismo russo. As concepções do formalismo russo, por sua vez, seriam diretamente refutadas pelos membros do Círculo.

Tanto o formalismo russo quanto as concepções de Kristeva parecem estar impressionados pelas “inovações” do futurismo, que vinha contestando diversos aspectos do fazer literário e poético. É no bojo dos experimentos futuristas que se chegará a crer ser possível desvincular a obra de arte de qualquer realidade, inclusive do autor.

Nesse sentido, é relevante observar que Kristeva dialoga com outros intelectuais do ambiente francês do final da década de 1960, em especial Barthes, que chegou a decretar “A morte do autor” (BARTHES, 1993 [1968]).

Veja-se, por exemplo, que a declaração de Kristeva acerca do “esfumaçamento” da “pessoa-sujeito da escritura” se reflete na afirmação de Barthes (1993 [1968], p. 63, tradução nossa) de que “a escritura é destruição de toda voz, de toda origem”⁴. Para Barthes (1993 [1968], p. 66, tradução nossa), “o texto moderno [...] é agora feito e lido de tal sorte que nele, em todos os níveis, o autor é ausente”⁵.

Ou seja, nesse contexto francês vinha-se questionando o que seria um autor e foi nessa conjuntura que as ideias do Círculo foram recebidas e assimiladas. A difusão de ideias do Círculo na França caberá a Kristeva, como assinala Barthes em “A estrangeira”

nela uma vontade criativa única, uma posição determinada diante da qual se pode reagir dialogicamente. A reação dialógica personifica toda enunciação à qual ela reage. (BAKHTIN, 2011 [1929/1963], p. 210).

⁴ “l’écriture est destruction de toute voix, de toute origine”.

⁵ “le texte moderne [...] est désormais fait et lu de telle sorte qu'en lui, à tous ses niveaux, l'auteur s'absente”.

(1993 [1970]), texto que é uma espécie de elogio àquela que teria introduzido o conceito de linguagem “*dialogica* – noção colocada em uso por Julia Kristeva a partir de Bakhtin, que ela nos fez descobrir”⁶ (BARTHES, 1993 [1970], p. 212, grifo do autor).

Introduzidos por Kristeva, certos conceitos bakhtinianos serão assimilados a partir da orientação particular dada pela semanticista. Em assunções como a que segue, é possível ver Barthes influenciado pela noção de intertextualidade, com a qual, de algum modo, Kristeva “traduz” dialogismo:

O intertextual em que é tomado todo texto, pois é ele próprio o entretexto de outro texto, não se pode confundir com qualquer origem do texto: pesquisar as “fontes”, as “influências” de uma obra, é satisfazer ao mito da filiação; as citações de que é feito um texto são anônimas, indiscerníveis e, no entanto, *já lidas*: estas são citações sem aspas (BARTHES, 1993 [1971], p. 76, grifo do autor, tradução nossa)⁷.

Se Barthes (1993 [1968], p. 67, tradução nossa), por um lado, reconhece haver relações entre os textos, até mesmo porque, como já havia notado, “o texto é um tecido de citações, a partir dos mil focos da cultura”⁸, por outro, assevera que o “único poder” do autor “é misturar os escritos, de os contrariar uns pelos outros, de modo a nunca tomar apoio sobre um deles”⁹ (BARTHES, 1993 [1968], p. 67). Caberia, perguntar: mesmo que não seja possível encontrar a ascendência de uma voz, mesmo quando as “citações de que é feito um texto são anônimas”, isso significaria a morte do autor? Como explicar, então, o enunciado, ainda que fosse possível concebê-lo *apenas* como organização de discursos alheios, de “citações sem aspas”? Para Bakhtin (2003 [1952-1953], por exemplo) não há enunciado sem autor.

Muitas vezes é realmente difícil saber se uma palavra é citada, especialmente quando vem “sem aspas”, como se pertencesse a todos e a cada um. Ainda, assim, isso não significa ser essa palavra um ente abstrato, apartado de qualquer autoria.

Influenciados pela estética pré e futurista, muitos do contexto francês parecem ter caído no erro que Medviédev (2012 [1928], p. 144) aponta no formalismo russo: “[...] a teoria da linguagem poética dos formalistas foi uma transferência acrítica de uma concepção estreita das estruturas poéticas, assimilada a partir dos futuristas, para a língua e suas formas”.

Segundo Medviédev (2012 [1928]), um dos problemas do formalismo russo foi derivar todos seus postulados do futurismo. Ao concentrar suas atenções na estética futurista, o formalismo russo, em algum sentido, dela se tornou refém, conseguindo

⁶ “*dialogique* - notion mise à jour par Julia Kristeva à partir de Bakhtine, qu'elle nos a fait découvrir”.

⁷ “L'intertextuel dans lequel est pris tout texte, puisqu'il est lui-même l'entre-texte d'un autre texte, ne peut se confondre avec quelque origine du texte: rechercher le "sources", les "influences" d'une œuvre, c'est satisfaire au mythe de la filiation; les citations dont est fait un texte sont anonymes, irreperables et cependant *déjà lues*: ce sont des citations sans guillemets”.

⁸ “le texte est un tissu de citations, issues des mille foyers de la culture”.

⁹ “est de mêler les écritures, de les contrarier les unes par les autres, de façon à ne jamais prendre appui sur l'une d'elles”.

explicar características dessa corrente literária, mas incapaz de formular conceitos que dessem conta de outras escolas literárias.

As inovações da estética futurista, seu modo peculiar de conceber a escrita, podem ter cegado os formalistas, que acreditaram que a linguagem poética procura subverter modelos, entre os quais o “modelo” de autoria ou de autor.

Assim, as colocações de Barthes lembram os objetivos dos “formalistas [que] insistem em afirmar que estudam uma obra literária com um dado objetivo independente da consciência e da psique subjetivas do criador e dos receptores” (MEDVIÉDEV, 2012 [1928], p. 211).

Se curvar à “psique” do autor (ou do leitor) pode ser um problema, caso se pretenda explicar toda a obra em função da subjetividade e, talvez por extensão, da vida do autor. Porém o radicalismo inverso também é nocivo, quando se procurar compreender a obra separada de seu criador, buscando certo “purismo” de um texto que não mais fosse contaminado pelo autor, por sua vida e, claro, pelo contexto social em que foi concebido.

Nota-se, desse modo, certa ligação entre a estética futurista, o formalismo russo e o contexto francês de recepção da obra bakhtiniana. Na estética futurista procurou-se subverter – melhor seria dizer, modificar – certos princípios da escrita literária. As inovações futuristas levaram os formalistas russos a separar a obra da vida e, conseqüentemente, a obra do autor. Também foi nesse sentido de distanciamento entre obra e autor que, no contexto francês, propôs-se a morte do autor. Nessa conjuntura, alguns apontamentos bakhtinianos são assimilados e utilizados a propósito, inclusive, de atestar o fim do autor.

Acontece, porém, que, em muitos pontos, o Círculo de Bakhtin se opunha à análise literária conduzida pelos formalistas russos. Para o Círculo não pode haver relação entre os textos sem considerar os sujeitos que se relacionam através dos textos. Conforme observa Medviédev (2012 [1928], p. 219): “Não são as obras que interagem, e sim as pessoas, porém elas interagem por meio das obras e, com isso, colocam as obras em inter-relações refletidas”.

De certo modo, portanto, é um contrassenso imaginar que a partir das concepções do Círculo se possa pensar em relações intertextuais como relações entre textos, cujos sujeitos enunciadores pouco importassem.

3 ALGUMAS RECEPÇÕES ATUAIS DA NOÇÃO DE INTERTEXTUALIDADE

Como dito antes, como o conceito de intertextualidade se estabelece no contexto francês de fins da década de 1960 e na década de 1970 pelas mãos de Kristeva, a partir de sua interpretação das postulações bakhtinianas, propõe-se agora observar como a noção de intertextualidade vem sendo assimilada no contexto brasileiro mais atual.

Segundo Bezerra (2011 [2010], p. xvii), a interpretação de Kristeva do “dialogismo bakhtiniano como intertextualidade”, em que “a noção de pessoa-sujeito da escritura começa a se esfumçar”, está “em flagrante contradição com o pensamento de Bakhtin, que sempre enfatiza o papel do sujeito”. Isso porque, para Bakhtin, “o texto é um enunciado, o diálogo entre textos é um diálogo entre enunciados, e por trás do enunciado

existe o falante, o sujeito dotado de consciência” (BEZERRA, 2011 [2010], p. xvii). Realmente a perspectiva de Kristeva é confusa, pois sua noção de intertextualidade se fundamenta no apagamento do sujeito, como se fosse possível a relação apenas entre textos, tomados como entes abstratamente relacionáveis. Isso é oposto ao pensamento bakhtiniano, uma vez que o autor é inerente ao texto, condição indispensável ao enunciado ou à voz. As relações dialógicas precisam de sujeitos que selecionem, citem ou procurem apagar as vozes com as quais se relacionam.

De qualquer modo, a noção de intertextualidade é bastante corrente no Brasil e, se há estudiosos que, como Bezerra (2011 [2010]), negam veementemente qualquer reconhecimento à expressão “intertextualidade”, há também aqueles que, como Fiorin (2006), esforçam-se para compreender a noção de intertextualidade a partir dos escritos do Círculo.

Segundo Fiorin (2006, p. 181, grifo do autor):

Há claramente uma distinção entre as relações dialógicas e aquelas que se dão entre textos. Por isso, chamaremos qualquer relação dialógica, na medida em que é uma relação de sentido, interdiscursiva. O termo *intertextualidade* fica reservado apenas para os casos em que a relação discursiva é materializada em textos. Isso significa que a intertextualidade pressupõe sempre uma interdiscursividade, mas que o contrário não é verdadeiro. Por exemplo, quando a relação dialógica não se manifesta no texto, temos interdiscursividade, mas não intertextualidade.

Da explanação de Fiorin, é possível depreender dois aspectos: (i) há uma relação de abrangência entre dialogismo (ou “interdiscursividade”) e intertextualidade: toda relação intertextual é dialógica, mas nem toda relação dialógica é intertextual; (ii) as relações dialógicas podem ser “não mostradas”, “não explícitas”, já a intertextualidade aparece sempre “materializada em textos”, “manifesta no texto”.

Para sustentar seu ponto de vista, Fiorin traz alguns exemplos, entre os quais uma análise do poema *Satélite*, de Manuel Bandeira, transcrito a seguir:

SATÉLITE

Fim de tarde.
No céu plúmbeo
A Lua baça
Paira.

Muito cosmograficamente
Satélite.

Desmetaforizada,
Desmitificada,

Despojada do velho segredo de melancolia,
Não é agora o golfão de cismas,
O astro dos loucos e enamorados,

Mas tão somente
Satélite.

Ah! Lua deste fim de tarde,
Desmissionária de atribuições românticas;
Sem show para as disponibilidades sentimentais!

Fatigado de mais-valia,
gosto de ti, assim:
Coisa em si,
– Satélite.

(Bandeira, 1973, p. 232 *apud* FIORIN, 2006, p. 182).

Segundo Fiorin (2006, p. 183, grifo do autor), neste poema é possível ver “dois pontos de vista a respeito da lua: um que a vê como uma fonte e um repositório de sentimentos, de mitos e de metáforas; outro que a considera em sua realidade nua indicada pela palavra *satélite*”.

Por pretender ver a Lua apenas como “satélite”, a posição de Bandeira seria contrária à concepção de Lua como repositório de sentimentos, mitos e metáforas. Há, assim, duas vozes contrárias: uma vê que a Lua como algo poético e místico, outra que nega esse misticismo. Ou o contrário: uma voz segundo a qual a Lua é apenas satélite e outra voz que vê a Lua para além dessa realidade física, concreta.

No embate entre essas duas perspectivas, Fiorin vê um exemplo de interdiscursividade, mas não de intertextualidade. Só haveria intertextualidade quando há uma “relação explícita” com a palavra do outro. Para ilustrar essa diferença, Fiorin recorre ao poema *Plenilúnio* de Raimundo Correa:

Plenilúnio

Além nos ares, tremulamente,
Que visão branca das nuvens sai!
Luz entre as franças, fria e silente;
Assim nos ares, tremulamente,
Balão aceso subindo vai...

Há tantos olhos nela arroubados,
No magnetismo do seu fulgor!
Lua dos tristes e enamorados,
Golfão de cismas fascinador!

Astro dos loucos, sol da demência,
Vaga, noctâmbula aparição!
Quantos, bebendo-te a refulgência,
Quantos por isso, sol da demência,

Lua dos loucos, loucos estão!

Quantos à noite, de alva sereia
O falaz canto na febre a ouvir,
No argênteo fluxo da lua cheia,
Alucinados se deixam ir...

Também outrora, num mar de lua,
Voguei na esteira de um louco ideal;
Exposta aos euros a fronte nua,
Dei-me ao relento, num mar de lua,
Banhos de lua que fazem mal.

Ah! quantas vezes, absorto nela,
Por horas mortas postar-me vim
Cogitabundo, triste, à janela,
Tardas vigílias passando assim!

E assim, fitando-a noites inteiras,
Seu disco argênteo n'alma imprimir;
Olhos pisados, fundas olheiras,
Passei fitando-a noites inteiras,
Fitei-a tanto que enlouqueci!

Tantos serenos tão doentios,
Friagens tantas padeci eu;
Chuva de raios de prata frios
A fronte em brasa me arrefeceu!

Lunárias flores, ao feral lume,
– Caçoilas de ópio, de embriaguez –
Evaporavam letal perfume...
E os lençóis d'água, do feral lume
Se amortalhavam na lividez...

Fúlgida névoa vem-me ofuscante
De um pesadelo de luz encher,
E a tudo em roda, desde esse instante,
Da cor da lua começo a ver.

E erguem por vias enluaradas
Minhas sandálias chispas a flux...
Há pó de estrelas pelas estradas...
E por estradas enluaradas
Eu sigo às tontas, cego de luz...

Um luar amplo me inunda, e eu ando

Em visionária luz a nadar.
Por toda parte louco arrastando
O largo manto do meu luar...

Raimundo Correia (1948 [1898], p. 23-25)¹⁰

De acordo com Fiorin (2006, p. 183), no texto de Bandeira, as “expressões ‘golfão de cismas’ e ‘astros dos loucos enamorados’ remetem-nos” à segunda “estrofe do poema *Plenilúnio* de Raimundo Correia”. Esse, sim, seria um caso de intertextualidade.

Para Fiorin (2006, p. 184), o poema de Bandeira se estrutura a partir de negações da “poesia que idealiza a realidade”. Porém, entre essas negações, só “pode ser considerada intertextualidade a negação *explícita* dos versos de Raimundo Correia. As outras negações são da ordem da interdiscursividade” (FIORIN, 2006, p. 184, grifo nosso).

Assim, na concepção de Fiorin, a intertextualidade está ligada a certa exposição da palavra alheia, que deve ser reconhecida como alheia. As relações dialógicas não explícitas seriam do campo da interdiscursividade.

A posição de Fiorin, porém, pode levar a certos embaraços, uma vez que sob a concepção de estar “explícito” distingue-se uma noção de reconhecimento. Para entender a intertextualidade como uma relação dialógica “explícita” com a voz do outro, é preciso que o ouvinte ou leitor (re)conheça a voz alheia. Essa noção de intertextualidade leva a um conceito de relação entre enunciados em que é necessária a identificação de uma voz como pertencente ao outro. Se o leitor, por exemplo, não conhecesse o poema *Plenilúnio*, de Raimundo Correia, não se estabeleceria a intertextualidade com o texto de Bandeira?

Não parece ser através desse critério de “explicitude” que se pode diferenciar a intertextualidade das demais relações dialógicas, que não seriam explícitas. Aliás, a dificuldade de se divisar o que seriam relações dialógicas explícitas e mostradas ou relações dialógicas “implícitas” compromete, até mesmo, o próprio intuito de opor interdiscursividade, como algo mais amplo, genérico, “não-mostrado”, à intertextualidade, como um fenômeno mais específico, talvez mais concreto e textualmente marcado.

4 RELAÇÕES DIALÓGICAS INTERNAS E EXTERNAS: UM PRINCÍPIO PARA DIFERENCIAR DIALOGISMO DE INTERTEXTUALIDADE

Dado que não se considera possível distinguir intertextualidade e dialogismo por certo princípio de “explicitude”, propõe-se avançar nessa discussão ao se observar uma importante questão: algumas relações dialógicas podem se dar *internamente*, outras *externamente*.

Essas relações se dariam internamente, quando, por exemplo, há relações entre as vozes de personagens e narrador em um texto literário. A propósito, partindo das

¹⁰ Em sua exposição, Fiorin (2006) não transcreve todo o texto de Raimundo Correia.

indicações lançadas por Bakhtin (2011 [1929/1963]), quando de sua análise da prosa dostoiévskiana, é possível assinalar fenômenos de interesse para o debate da questão.

Possivelmente o mais evidente exemplo de relações dialógicas internas são os diálogos representados nas narrativas. Nesse caso, há relações dialógicas entre os sujeitos, as personagens, participantes do diálogo – além, claro, da interação dialógica com a voz do narrador/autor que organiza e representa esse diálogo.

A título de exemplo, destaca-se um trecho de *O idiota* de Dostoiévski. Na passagem, relata-se uma conversa entre as personagens Míchkin e Rogójin. Eles se encontram no quarto de Rogójin, que assassinou Nastácia Filíppovna, mulher que ambos amavam. Segue um excerto:

O príncipe [Liev Nikoláievitch Míchkin] olhava e sentia que quanto mais olhava mais morto e silencioso ficava o quarto. Súbito zuniu uma mosca que acordava, passou voando sobre a cama e calou-se à cabeceira. O príncipe estremeceu.

– *Vamos sair!* – tocou-lhe o braço de Rogójin.

[...]

– *Pelo que vejo, estás tremendo, Liev Nikoláievitch* – pronunciou finalmente Rogójin [...]

O príncipe ouvia atentamente, fazia todos os esforços para compreender e perguntando tudo com o olhar.

– *Foste tu*¹¹? – pronunciou finalmente, fazendo um sinal de cabeça para o reposteiro.

– *Fui... eu...* – murmurou Rogójin e baixou a vista. (DOSTOIÉVSKI, 2010 [1869], p. 674, grifo nosso).

Veem-se nesse diálogo relações dialógicas entre duas personagens. Vê-se uma representação das relações dialógicas. Há dois sujeitos representados, há duas vozes em interação dialógica. A pergunta de Míchkin, “Foste tu?”, é respondida por Rogójin: “Fui... eu”. Assim, há elos dialógicos, pois o enunciado de um se dirige, enquanto resposta, ao enunciado de outro. Mostra-se, desse modo, que na representação literária é possível simular, no interior do texto, um confronto dialógico. Trata-se, portanto, de relações dialógicas internas na medida em que a voz de Míchkin se dirige a Rogójin, que responde àquele. É enquanto partícipes da narrativa, no diálogo interior desta, que se tecem as relações dialógicas entre essas personagens. Relações dialógicas internas, pois circunscritas ao romance.

Aliás, além das relações entre personagens, o diálogo entre narrador e personagem ilustra também como as relações dialógicas podem ser *internas* a um texto. Veja-se, por exemplo, o caso do “discurso provocante” (BAKHTIN, 2011 [1929/1963]), quando o narrador provoca a personagem, valendo-se das próprias palavras dela.

Segundo Bakhtin, ilustrativo do discurso provocante é o narrador de *O duplo* que se dirige zombeteiramente a Goliádkin, protagonista da obra, retomando (e reacentuando) as palavras dele. Nesse caso, as relações dialógicas entre o narrador e a personagem se dão nos limites do texto, nos limites da novela. Mesmo que o narrador ou a personagem citassem um texto externo à obra (uma outra obra literária, por exemplo), isso não invalidaria o caráter interno das relações dialógicas estabelecidas entre narrador e

¹¹ O príncipe Míchkin pergunta a Rogójin se foi ele quem matou Nastácia.

personagem. O que importa é que narrador e personagem são figuras da narrativa, confrontam-se e dialogam no interior dessa narrativa. É como participantes dessa narrativa, que a personagem interessa ao narrador e o narrador interessa à personagem.

Para ilustrar essa questão, reproduz-se fragmento da novela *O duplo*, em que o Goliádkin adentra o baile de Clara Olsúfiévna sem ser convidado. No excerto se descreve como a personagem se sente, já no salão do baile, quando se encontra frente à moça:

Sem nenhuma dúvida, sem pestanejar, nesse instante ele teria o maior prazer em sumir como que por encanto; mas o que está feito não volta atrás... não há como voltar atrás. Então, o que fazer? Se fracassas, não desanima; se atinges o objetivo segue firme. O senhor Golyádkin, está claro, não era um intrigante nem um mestre em rapapés... (DOSTOIEVSKI, 2011 [1846], p. 54).

Esse discurso do narrador ecoa a própria voz de Goliádkin, reproduzida (anteriormente) em outros momentos da narrativa. Conversando com companheiros de sua repartição, Goliádkin afirma:

– Porém vou dizer mais, senhores – acrescentou [Goliádkin], dirigindo-se pela última vez aos senhores registradores –, vou dizer mais; ambos estão aqui olho no olho comigo. Eis, senhores, minhas regras: se fracasso, não desanimo; se atinjo o objetivo, sigo firme, e seja como for nunca armo tramas. Não sou um intrigante e disto me orgulho. (DOSTOIEVSKI, 2011 [1846], p. 38).

Esse discurso direto de Goliádkin é praticamente reproduzido no discurso indireto do narrador, o que mostra uma grande interação entre o discurso do narrador e o da personagem. É como se o narrador se apropriasse das palavras de Goliádkin, para através delas o caracterizar. Goliádkin expressa enfaticamente suas “regras”: “se fracasso, não desanimo; se atinjo o objetivo, sigo firme [...]”. Essas palavras são reproduzidas quase exatamente pelo narrador, que apenas realiza a passagem de pessoa verbal, adaptando a fala de Goliádkin da primeira para a segunda pessoa do singular – “Se fracassas, não desanima; se atinges o objetivo segue firme”. Além disso, os verbos “desanimar” e “seguir” passam do indicativo presente para o imperativo afirmativo.

O narrador se vale ainda do enunciado da personagem através do qual ela se define ao dizer: “Não sou um intrigante [...]”. Realizando mudanças de tempo e pessoa verbais, o narrador transpõe a voz da personagem da primeira para a terceira pessoa, o verbo do presente para o pretérito imperfeito – “[ele] não era um intrigante”. É notória, assim, a refração da voz da personagem na voz do narrador; este se apropria da voz daquele, adaptando-a para seus fins narrativos.

Vê-se, portanto, que há interações dialógicas internas ao texto, na medida em que a voz da personagem é retomada pelo narrador. Personagem e narrador são partícipes da novela e é no interior da narrativa, no interior do texto, que suas vozes interagem dialogicamente. As relações dialógicas são internas ao texto, pois as vozes de narrador e de personagens estão circunscritas ao romance, relacionam-se no interior deste.

Não se pretende dizer com isso que as vozes que habitam os discursos de personagem e de narrador não possam ser externos à obra. Basta assinalar, por exemplo,

as incontáveis referências que as personagens de Dostoiévski fazem a obras literárias, filosóficas e religiosas.

Assim, quando se fala em *dialogismo interno*, é para marcar que nem toda relação dialógica se dá entre o texto e uma voz exterior. Nem toda voz de uma personagem dialoga com vozes exteriores ao romance ou à novela, por exemplo. Pode ser que a personagem dialogue com uma voz que já está presente na narrativa. Incontáveis exemplos disso são encontrados nas representações de diálogo que povoam as representações literárias, especialmente as de caráter narrativo.

Já por *dialogismo externo* se entendem as relações dialógicas de vozes de um enunciado (um romance, uma novela, etc.) com vozes exteriores a esse enunciado. Mesmo que relações dialógicas internas e externas possam, algumas vezes, se sobrepor, as duas não são o mesmo. E o fato de que existam relações dialógicas internas, desconsideradas pela perspectiva da intertextualidade, coloca em xeque essa noção.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em um diálogo cotidiano é evidente a relação de um enunciado com o enunciado exterior do outro. Porém em representações literárias, como as dos romances, novelas e outros gêneros narrativos, o diálogo com o outro pode se circunscrever ao enunciado. Entre personagens e narradores podem se estabelecer relações dialógicas *sui generis*, relações dialógicas internas, pois se dão no interior de um enunciado. Aliás, cabe ainda ver como outros gêneros – como as reportagens, apenas para citar um exemplo – também se sustentam nesse jogo de relações dialógicas internas e externas, já que internamente há um diálogo entre a voz do jornalista e das pessoas cujas falas são citadas. Externamente a reportagem dialoga com outras vozes.

Sublinhar que *dialogismo interno* e *externo* podem coincidir, mas são fenômenos diferentes, ajuda a ver que *intertextualidade* recobre apenas as relações dialógicas externas – as supostas relações entre textos –, sem considerar que no âmbito de um único enunciado podem se configurar relações dialógicas internas. Porque essas relações dialógicas internas existem – entre personagens, entre narrador e personagens –, não se deve utilizar *intertextualidade* como se fosse sinônimo de *dialogismo*. *Intertextualidade* só parece recobrir – e ainda assim não de modo totalmente bakhtiniano – relações dialógicas externas, ignorando a existência das internas.

O termo “*intertextualidade*” sugere uma relação externa entre textos e, ao que parece, é nesse sentido que o vocábulo vem sendo usado. Porém, mesmo nesse caso, o termo “*dialogismo*” ou a expressão “*relações dialógicas*” são mais apropriados por remeterem à ideia de que não se retomam “*textos*”, como uma unidade abstrata, mas vozes de sujeitos histórica e discursivamente inscritos. Sem sujeitos que os enunciem, os textos não podem se relacionar. Mesmo que se pretendesse tomar a noção de *intertextualidade* como correlata da ideia de relações dialógicas externas, seria preciso sublinhar que não são os textos por si que se relacionam. Não há, portanto, *intertextualidade* no sentido proposto por Kristeva.

Em síntese, pode-se dizer que dialogismo não é intertextualidade. Intertextualidade remete ao externo. Sem desconsiderar obviamente o externo – pois o enunciado é um elo na cadeia da comunicação discursiva –, é preciso ver que há um acabamento formal (e momentaneamente conteudístico) em cada texto. Nesse texto, isolado de outros enunciados, há relações dialógicas internas, modos de organizar as vozes, própria(s) e alheia(s). Em textos narrativos, a presença de narrador(es) e personagens pode expor de modo bastante claro essa interação entre vozes circunscritas ao texto. Não significa que o texto não possa ter qualquer interação verbal externa. Isso não seria texto, uma vez que qualquer enunciado se integra na cadeia discursiva, dialoga com outros enunciados.

Ainda assim, em sua composição única, com seu fechamento formal exclusivo, cada texto apresenta um arranjo dialógico interno singular, há uma ordenação específica das relações dialógicas internas. É porque existem relações dialógicas internas que o termo ‘intertextualidade’ não é bem empregado como sinônimo de dialogismo ou de relações dialógicas. O termo ‘intertextualidade’ talvez se aproxime – embora, ainda assim, não coincida – ao conceito de relações dialógicas externas, mas é insuficiente para dar conta das relações dialógicas internas.

REFERÊNCIAS

- ARÁN, P. O. A questão do autor em Bakhtin. *Bakhtiniana*, São Paulo, Número Especial: Jan./Jul. 2014, p 4-25.
- BAKHTIN, M. M. (1929/1963). *Problemas da poética de Dostoiévski*. Trad. Paulo Bezerra. 5. ed. (2. tiragem). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.
- _____. [1952-1953]. Os gêneros do discurso. In: *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BARTHES, R. (1968). La mort de l’auteur. In: _____. *Le bruissement de la langue: essais critiques IV*. Paris: Seuil, 1993, p. 63-69.
- _____. (1970). L’étrangère. In: _____. *Le bruissement de la langue: essais critiques IV*. Paris: Seuil, 1993, p. 211-214.
- _____. (1971). De l’œuvre au texte. In: _____. *Le bruissement de la langue: essais critiques IV*. Paris: Seuil, 1993, p. 71-80.
- BEZERRA, P. (2010). Prefácio: Uma obra à prova do tempo. In: BAKHTIN, M. M. (1929/1963). *Problemas da poética de Dostoiévski*. Trad. Paulo Bezerra. 5. ed. (2. tiragem). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.
- BRASIL. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos: língua portuguesa*. Brasília/DF: MEC/SEF, 1998.
- BRAZINOV, P. A. (2011). Bakhtin: finalmente toda a verdade aparece!!!. In: Grupo de Estudos dos Gêneros do discurso (GEGe). *Palavras e contrapalavras: enfrentando questões de metodologia bakhtiniana*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012, p. 11-18.
- BRONCKART, J.; BOTA, C. *Bakhtin desmascarado: história de um mentiroso, de uma fraude, de um delírio coletivo*. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2012.
- CORREIA, R. (1898). Plenilúnio. In: *Poesias completas*. São Paulo: Ed. Nacional, 1948.
- DOSTOIÉVSKI, F. M. (1846). *O duplo: poema petersburguense*. Tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. 1. ed. (1. reimpress.). São Paulo: Editora 34, 2011.
- _____. (1869). *O idiota*. Tradução, prefácio e notas de Paulo Bezerra. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.
- FIORIN, J. L. Interdiscursividade e intertextualidade. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2006, p. 161-193.

GRILLO, S. V. C. Prefácio. In: MEDVIÉDEV, P. V. (1928). *O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica*. Trad. Ekaterina Vólkova Américo e Sheila Vieira Grillo. São Paulo: Contexto, 2012, p. 19-38.

KRISTEVA, J. (1967). A palavra, o diálogo e o romance. In: _____. (1969). *Introdução à semánalise*. Trad. Lúcia Helena França Ferraz. 3. ed. revista e aumentada. São Paulo: Perspectiva, 2012.

_____. (1969). *Introdução à semánalise*. Trad. Lúcia Helena França Ferraz. 3. ed. revista e aumentada. São Paulo: Perspectiva, 2012.

LIMA, S. (1997). Tradução: um diálogo às avessas?. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: dialogismo e construção do sentido*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2005, p. 351-363.

MEDVIÉDEV, P. V. (1928). *O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica*. Tradução Ekaterina Vólkova Américo e Sheila Vieira de Camargo Grillo. São Paulo: Contexto, 2012.

Recebido em: 26/05/16. Aprovado em: 23/11/16.

Title: *The (in)distinction between dialogism and intertextuality*

Author: *Lucas Vinício de Carvalho Maciel*

Abstract: *For the discussion about intertextuality, term sometimes used instead of or as a synonym of dialogism, it is important to bring back the origins of the first term, which was conceived and diffused during the 1960's and 1970's, in France. Through this historical recall, we come to the position of some Brazilian scholars who have been studying Bakhtin's works. Some of them completely disagree with the use of the expression intertextuality (BEZERRA, 2011 [2010]), while others (try to understand it or) fit it in other theories (FIORIN, 2006). On the scope of these diverse positions, the intension of this article is to promote this discussion by bringing the proposal that the distinction between internal and external dialogical relationships can be a principle to distinguish dialogism and intertextuality. It will also allow us to reaffirm that intertextuality is not a suitable term to represent dialogism.*

Keywords: *Dialogism. Intertextuality. Dialogical relationships.*

Título: *La (in)distinción entre dialogismo e intertextualidade*

Autor: *Lucas Vinício de Carvalho Maciel*

Resumen: *El uso de la palabra intertextualidad, en lugar de o cómo sinónimo de dialogismo, tiene evocado algunas reflexiones y críticas. Para adentrar en esta discusión, se propone rememorar el origen de noción de intertextualidad en el contexto francés de las décadas de 1960 y 1970, a partir del cual fue difundida. Siguiendo esa retomada histórica, se llega a los posicionamientos de estudiosos brasileños de Bakhtin, que tienen, actualmente, tanto discordado vehementemente del empleo de la palabra intertextualidad (BEZERRA, 2011 [2010]), cuanto procurado entenderla o acomodarla en otros cuadros teóricos (FIORIN, 2006). En el ámbito de esos posicionamientos diversos, se pretende, en este artículo, fomentar esa discusión al proponer que la distinción entre relaciones dialógicas internas y relaciones dialógicas externas puede ser un principio para diferenciar dialogismo de intertextualidad, lo que también permitirá reafirmar, en otras bases, el juicio de que intertextualidad no es una palabra adecuada para representar el dialogismo.*

Palabras-clave: *Dialogismo. Intertextualidad. Relaciones dialógicas.*



Este texto está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.